

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGH**

**MARIANA MACHADO MANFRINATTI**

**MULHERES INTEGRALISTAS E O MITO DA PASSIVIDADE FEMININA:  
NILZA PEREZ E O “FEMINISMO VERDE” (1932-1937)**

**Marechal Cândido Rondon  
2023**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE  
CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, EDUCAÇÃO E LETRAS – CCHEL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA – PPGH**

**MARIANA MACHADO MANFRINATTI**

**MULHERES INTEGRALISTAS E O MITO DA PASSIVIDADE FEMININA:  
NILZA PEREZ E O “FEMINISMO VERDE” (1932-1937)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), *campus* de Marechal Cândido Rondon, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: História, Poder e Práticas Sociais.

Linha de Pesquisa: Cultura e Identidades.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Cristina Nacke Conradi.

**Marechal Cândido Rondon  
2023**

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Machado Manfrinatti, Mariana  
MULHERES INTEGRALISTAS E O MITO DA PASSIVIDADE FEMININA:  
NILZA PEREZ E O "FEMINISMO VERDE" (1932-1937) / Mariana  
Machado Manfrinatti; orientadora Carla Cristina Nacke  
Conradi. -- Marechal Cândido Rondon, 2023.  
137 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Marechal  
Cândido Rondon) -- Universidade Estadual do Oeste do Paraná,  
Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em  
História, 2023.

1. Integralismo. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4. Mito da  
Passividade. I. Conradi, Carla Cristina Nacke, orient. II.  
Título.



### Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE MARIANA MACHADO MANFRINATTI, ALUNO(A) DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - UNIOESTE, E DE ACORDO COM A RESOLUÇÃO DO PROGRAMA E O REGIMENTO GERAL DA UNIOESTE.

Ao(s) 13 dia(s) do mês de dezembro de 2023 às 9h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Mariana Machado Manfrinatti**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Carla Cristina Nacke Conradi, Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski, Elaine Cristina Senko Leme. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Carla Cristina Nacke Conradi. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO, intitulada: "**Mulheres integralistas e o mito da passividade feminina: Nilza Perez e o "feminismo verde" (1932-1937)**". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as) doutores(as): Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski, Elaine Cristina Senko Leme. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 7 e § 8 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Dissertação foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.

\_\_\_\_\_  
Orientador(a) - Carla Cristina Nacke Conradi  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

\_\_\_\_\_  
Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

### Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Mariana Machado Manfrinatti, Aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, e de acordo com a Resolução do Programa e o Regimento Geral da Unioeste.

Ao(s) 13 dia(s) do mês de dezembro de 2023 às 9h00min, na modalidade remota síncrona, por meio de chamada de videoconferência, realizou-se a sessão pública da Defesa de Dissertação do(a) candidato(a) **Mariana Machado Manfrinatti**, aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História - nível de Mestrado, na área de concentração em História, Poder e Práticas Sociais. A comissão examinadora da Defesa Pública foi aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História. Integraram a referida Comissão os(as) Professores(as) Doutores(as): Carla Cristina Nacke Conradi, Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski, Elaine Cristina Senko Leme. Os trabalhos foram presididos pelo(a) Carla Cristina Nacke Conradi. Tendo satisfeito todos os requisitos exigidos pela legislação em vigor, o(a) aluno(a) foi admitido(a) à Defesa de DISSERTAÇÃO DE Mestrado, intitulada: "**Mulheres integralistas e o mito da passividade feminina: Nilza Perez e o "feminismo verde" (1932-1937)**". O(a) Senhor(a) Presidente declarou abertos os trabalhos, e em seguida, convidou o(a) candidato(a) a discorrer, em linhas gerais, sobre o conteúdo da Dissertação. Feita a explanação, o(a) candidato(a) foi arguido(a) sucessivamente, pelos(as) professores(as), doutores(as): Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski, Elaine Cristina Senko Leme. Findas as arguições, o(a) Senhor(a) Presidente suspendeu os trabalhos da sessão pública, a fim de que, em sessão secreta, a Comissão expressasse o seu julgamento sobre a Dissertação. Efetuado o julgamento, o(a) candidato(a) foi **aprovado(a)**. A seguir, o(a) Senhor(a) Presidente reabriu os trabalhos da sessão pública e deu conhecimento do resultado. De acordo com o que está previsto nos § 7 e § 8 do Artigo 81 do Regulamento do Programa de Pós-graduação em História da Unioeste, a banca de Defesa de Dissertação foi realizada contando com a participação de membros via utilização de tecnologia de Webconferência. Diante desta circunstância, o(a) Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História assina esta Ata e atesta a conformidade da Comissão Examinadora em relação ao resultado da Defesa de Dissertação e ao conteúdo dos pareceres descritivos anexados.

\_\_\_\_\_  
Orientador(a) - Carla Cristina Nacke Conradi  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

\_\_\_\_\_  
Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)



### Programa de Pós-Graduação em História

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado de Mariana Machado Manfrinatti, Aluno(a) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, e de acordo com a Resolução do Programa e o Regimento Geral da UNIOESTE.

\_\_\_\_\_  
Elaine Cristina Senko Leme  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE)

\_\_\_\_\_  
Mariana Machado Manfrinatti  
Aluno(a)

*Marcos Nestor Stein*  
\_\_\_\_\_  
Coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em História

Prof. Dr. Marcos Nestor Stein  
Coordenador do Programa de  
Pós-Graduação em História  
Mestrado e Doutorado  
Portaria nº 1633/2023-GRE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA**

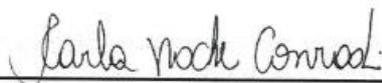
**DEFESA DE Mestrado REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR  
VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Profa. Dra. Carla Cristina Nacke Conradi, declaro, como **ORIENTADORA**, que presidi os trabalhos à distância, de forma síncrona e por videoconferência da banca de Defesa de Mestrado da candidata Mariana Machado Manfrinatti deste Programa de Pós- Graduação.

Considerando o trabalho entregue, a apresentação e a arguição dos membros da banca examinadora, **formalizo como orientadora**, para fins de registro, por meio desta declaração, a decisão da banca examinadora de que a candidata foi considerada: **APROVADA** na banca realizada na data de 13 de dezembro de 2023.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,



---

Carla Cristina Nacke Conradi  
Programa de Pós-Graduação em História  
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE Mestrado REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

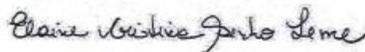
Eu, Profa. Dra. **Elaine Cristina Senko Leme**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História da candidata Mariana Machado Manfrinatti, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidata pode ser considerada **APROVADA**, na banca realizada na data de 13 de dezembro de 2023.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

A aluna deverá proceder às indicações feitas pela banca.

Atenciosamente,



Elaine Cristina Senko Leme

UNIOESTE

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO E PARECER DE PARTICIPAÇÃO EM BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, Profa. Dra. **Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski**, declaro que **participei à distância, de forma síncrona e por videoconferência** da banca de Defesa de Mestrado em História da candidata Mariana Machado Manfrinatti, deste Programa de Pós-Graduação em História.

Considerando o trabalho entregue, apresentado e a arguição realizada, **formalizo como membro externo**, para fins de registro, por meio desta declaração, minha decisão de que o candidata pode ser considerada APROVADA, na banca realizada na data de 13 de dezembro de 2023.

Descreva abaixo observações e/ou restrições (se julgar necessárias):

Atenciosamente,



\_\_\_\_\_  
Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**DECLARAÇÃO DE APRESENTAÇÃO DE DEFESA DE MESTRADO PARA  
BANCA EXAMINADORA REALIZADA À DISTÂNCIA, DE FORMA  
SÍNCRONA, POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Eu, discente Mariana Machado Manfrinatti, declaro que realizei a minha DEFESA DE MESTRADO à distância, de forma síncrona e por videoconferência do trabalho intitulado: **Mulheres integralistas e o mito da passividade feminina: Nilza Perez e o “feminismo verde” (1932-1937)**, para banca examinadora realizada na data de 13 de dezembro de 2023.

Atenciosamente,

*Mariana Machado Manfrinatti*

---

Mariana Machado Manfrinatti  
Programa de Pós-Graduação em História Universidade  
Estadual do Oeste do Paraná

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha família, mas principalmente, aos meus amigos e amigas que estiveram presentes desde o período do processo seletivo do mestrado, compreendendo meus momentos reclusos e de reclamações sem fim.

Aos queridos do “Hospício”. Compartilhar a vida acadêmica com vocês mesmo que de longe, deixou o caminho um pouco – mas nem tanto – menos difícil.

Agradeço ao Prof. Dr. Rafael Athaides que esteve presente na banca de qualificação. Sem seu apoio, auxílio e incentivo, este trabalho não seria possível.

À minha orientadora Profa. Dra. Carla Cristina Nacke Conradi pelos ensinamentos.

À banca examinadora de qualificação e defesa composta pelas Profas. Dras. Andréia Vicente da Silva, Dulceli de Lourdes Tonet Estacheski e Elaine Cristina Senko Leme.

Agradeço, por fim, à minha psicóloga Luciane por ter me ajudado inúmeras vezes a não desistir e me lembrar o tempo todo da minha capacidade para vencer este desafio.

*“Os historiadores fizeram a historiografia do silêncio. A História transformou-se em relato que esqueceu as mulheres, como se, por serem destinadas à obscuridade da reprodução, inenarrável, elas estivessem fora do tempo, do acontecimento (...) Escrever a história das mulheres, portanto, é libertar a história”*

(Ana Maria Colling; Losandro Antonio Tedeschi)

## RESUMO

A dissertação analisou o padrão de “ser mulher” estabelecido pela Ação Integralista Brasileira sobre as militantes, através do livro “A Mulher no Século XX” de 1949, do líder Plínio Salgado e a revista “Anauê!”. Não obstante, a partir da compreensão do que era esperado e exigido das mulheres, tanto a revista “Anauê!”, quanto “Brasil Feminino” e uma entrevista realizada com a filha da ex-militante, Nair Nilza Perez, nos permitiu encontrar algumas rupturas nos limites determinados pela ideologia integralista. Dessa forma, os estereótipos de completa submissão que são encontrados na historiografia em relação às mulheres conservadoras/de direita, foram questionados e analisados a partir da perspectiva dos estudos de gênero. As blusas-verdes afirmavam possuir o verdadeiro feminismo e em alguns momentos, constituíram discursos que divergiram dos ideais integralistas. Assim, ao questionar a historiografia tradicional e a escrita da história que limita e/ou silencia as mulheres – aqui diretamente as mulheres integralistas –, nos permitiu romper com o mito da passividade que é imposto sobre elas.

**Palavras-chave:** Integralismo, Mulheres, Gênero, Rupturas, Mito da passividade.

## **ABSTRACT**

The dissertation analyzed the standard of "being a woman" set by the Brazilian Integralist Action for its militants, through the 1949 book "A Mulher no Século XX" (Woman in the 20th Century) by leader Plínio Salgado and the magazine "Anauê!" (Anauê!). However, by understanding what was expected and demanded of women, both the magazine "Anauê!" and "Brasil Feminino" and an interview with the daughter of the former militant, Nair Nilza Perez, allowed us to find some ruptures in the limits determined by the Integralist ideology. In this way, the stereotypes of complete submission found in historiography in relation to conservative/right-wing women were questioned and analyzed from the perspective of gender studies. The green blouses claimed to possess true feminism and constituted speeches that diverged from integralist ideals. Thus, by questioning traditional historiography and the writing of history that limits and/or silences women - here directly integralist women - it allowed us to break with the myth of passivity that is imposed on them.

**Key-words:** Integralism, Women, Gender, Ruptures, Myth of passivity.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Artigo Sublime Missão
- Figura 2- Artigo Sublime Missão
- Figura 3- Artigo “O papel da mulher na causa integralista”
- Figura 4- Marcha das blusas verdes
- Figura 5- Grupo de blusas verdes
- Figura 6- Casamento Integralista
- Figura 7- Notas sociais – noivados
- Figura 8- Decálogo da boa esposa
- Figura 9- Propaganda Gynoserum
- Figura 10- Programa de ação “Brasil Feminino”
- Figura 11- O integralismo e a mulher
- Figura 12- A civilização e a mulher
- Figura 13- A civilização e a mulher
- Figura 14- A civilização e a mulher
- Figura 15- Senhora
- Figura 16- Senhora
- Figura 17- Senhora
- Figura 18- Senhora
- Figura 19- Moda
- Figura 20- Moda
- Figura 21- Senhora
- Figura 22- Senhora
- Figura 23- Senhora
- Figura 24- Senhora
- Figura 25- Senhora
- Figura 26- Senhora
- Figura 27- Senhora
- Figura 28- Senhora
- Figura 29- Senhora
- Figura 30- Os dez mandamentos comunistas
- Figura 31- Os dez mandamentos comunistas
- Figura 32- Os dez mandamentos comunistas

Figura 33- Os dez mandamentos comunistas

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

A.I.B – Ação Integralista Brasileira

B.F – Brasil Feminino

S.N.A.F.P – Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e Plinianos

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>1 ESPERANÇA DA NAÇÃO: MULHERES CONSERVADORAS, QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS E REINTERPRETAÇÕES.....</b>	<b>26</b>
1.2 QUAIS MULHERES? HISTÓRIA DAS MULHERES: O (NÃO) LUGAR DAS CONSERVADORAS/ DE DIREITA .....	31
1.2.1 Ser e não ser: Maria e Eva e a possibilidades de ações no catolicismo .....	38
1.3 HISTORIOGRAFIA DO INTEGRALISMO, ESTEREÓTIPOS E APAGAMENTO DAS MULHERES .....	41
1.3.1 Historiografia do integralismo e a manutenção das relações hierárquicas de poder .....	42
<b>2 “SUBLIME MISÃO”: FUNÇÕES E DEVERES FEMININOS.....</b>	<b>51</b>
2.1 “A MULHER INTEGRAL TERÁ: CÉREBRO DE HOMEM, FÍSICO DE MULHER, CORAÇÃO DE CRIANÇA” .....	53
2.1.1 “A mulher deve realizar-se em sua plenitude biológica” .....	55
2.1.2 “Missão maternal da mulher” .....	57
2.1.3 Educação feminina: limites e riscos.....	59
2.2 BLUSAS-VERDES: ANÁLISE DE FUNÇÕES E DEVERES FEMININOS A PARTIR DA PREMISSA INTEGRALISTA POR MEIO DA IMPRENSA DA A.I.B .....	61
<b>3 DESMITIFICANDO ESTEREÓTIPOS: MILITÂNCIA FEMININA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA INTEGRALISTA .....</b>	<b>82</b>
3.1 BRASIL FEMININO: A IMPRENSA FEMININA E O FEMINISMO RACIONAL .....	82
3.2 SENHORA NILZA: REAFIRMAÇÕES E CONTRADIÇÕES .....	86
3.3 NILZAS .....	131
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>136</b>
<b>REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS/ BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>138</b>



## INTRODUÇÃO

A presente dissertação objetivou analisar o padrão de “ser mulher” estabelecido pela ideologia da Ação Integralista Brasileira (AIB). Para isso, analisamos o pensamento do líder do partido Plínio Salgado e da imprensa integralista, com destaque para a revista *Anauê!* pela perspectiva dos estudos de gênero. Os artigos de opinião referentes aos deveres das mulheres escritos pela ex-militante Nair Nilza Perez em uma coluna na mesma revista, bem como uma entrevista realizada com sua filha Nilza Rezende, nos permitiram analisar as ações transgressoras das blusas-verdes<sup>1</sup> a partir dos limites estabelecidos, além de evidenciar as pluralidades de mulheres no partido. As análises foram realizadas a partir da leitura de todas as edições da revista *Anauê!*, selecionando tanto as publicações direcionadas às mulheres, quanto as que as mencionam de alguma forma.

O Integralismo atuou no Brasil entre os anos de 1932 a 1937, tendo seu início como forma de movimento e posteriormente se consolidando como partido político. Além de ter como inspiração o fascismo italiano, a AIB bebia em águas do catolicismo, religião essa que foi fundamental na construção da base ideológica partidária. Plínio Salgado (1895-1975), escritor e jornalista, foi fundador do partido e era chamado pelos filiados de “Chefe Nacional”. Salgado se empenhou em elevar a ideologia integralista a nível nacional por meio de diversos núcleos instalados em várias regiões brasileiras, estabelecendo formas específicas para divulgação dos ideais e arregimentação.

Em “Integralismo: novos estudos e reinterpretações”<sup>2</sup>, na introdução escrita por Renato Alencar Dotta e Lidia Maria Vianna Possas (2004), é apontado que a primeira revisão historiográfica elaborada com profundidade de informações referente ao integralismo, foi realizada nos anos de 1970. Considerando esses estudos relativamente recentes, o I Encontro de Pesquisadores sobre o Integralismo, realizado pelo Arquivo Público Municipal de Rio Claro (SP) no ano de 2002 permitiu aos pesquisadores/as participantes, observar “uma completa renovação teórico-metodológicas, incluindo distintas escolas historiográficas” (DOTTA; POSSAS, 2004, p. 12). A presença da militância feminina e sua inserção nos Estatutos de agremiação, representação e

---

<sup>1</sup> As mulheres militantes do partido integralista eram chamadas de “blusas-verdes” referente à farda verde utilizada pelos membros e para diferenciá-las dos homens, chamados de “camisas-verdes”.

<sup>2</sup> DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia M. Vianna; CAVALARI, Rosa M. F. (OrgS.). **Integralismo: novos estudos e reinterpretações**. Arquivos Público e Histórico do Rio Claro: Rio Claro, 2004.

disciplinamento dos papéis normativos de homens e mulheres no espaço público e privado, foram algumas das questões postas pelos autores/as como componentes dos novos estudos que estiveram presentes nas Mesas Redondas do evento.

Embora existam pesquisas que compõem a historiografia do integralismo e que propõem pensar as blusas-verdes no movimento do Sigma<sup>3</sup>, a maioria desses estudos perpetua uma visão estereotipada de passividade construída sobre as mulheres conservadoras. A escrita feminina na história das mulheres é um grande desafio, sobre isso, Losandro Antonio Tedeschi (2016) salienta que os estudos de gênero contribuem para tirar as mulheres da invisibilidade e levantar questões e reflexões metodológicas importantes, compreendendo a necessidade de historicizar conceitos e categorias analíticas que foram delegadas pelas narrativas tradicionais. A importância da delimitação da temporalidade histórica do tema, questionando os estereótipos universais e conceitos estabelecidos pela história tradicional, como aponta Maria Odila Leite da Silva Dias (2019), foram imprescindíveis para a construção de nossas análises sobre as militantes integralistas.

Este trabalho trilhou caminho a partir das análises, questionamentos e visão de Ana Paula Vosne Martins em relação ao que é escrito sobre as mulheres conservadoras dentro da historiografia, bem como os estereótipos construídos sobre elas. A autora destaca que por mais que seja incontestável a contribuição à escrita da História realizada pela história das mulheres, é importante reconhecer que a própria história das mulheres deu pouca atenção para as conservadoras do século XIX e XX. Tendo em vista os poucos estudos que propõem analisar as mulheres conservadoras assim como apontado por Martins (2017), as ideias referentes a elas acabam por limitá-las a estereótipos de completa passividade. A partir das análises realizadas, evidenciaremos que apesar do conservadorismo e apropriação da ideologia integralista por parte das militantes, essas mulheres realizaram rompimentos com o padrão feminino determinado pelo integralismo.

Diferentemente da ideia que é mantida sobre as mulheres conservadoras e seus pensamentos opostos às lutas feministas, encontramos nas análises de Ana Paula Vosne Martins o apoio de algumas mulheres cristãs católicas a algumas pautas reivindicatórias levantadas pelo movimento feminista/de mulheres. Além dos padrões impostos socialmente sobre as mulheres, por se tratar de um partido político o qual tem como um

---

<sup>3</sup> Sigma é um símbolo matemático que representa a soma, utilizado pelos integralistas representando a ideia de unidade nacional. Ver: CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP (1945-1950)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

dos pilares ideológicos o catolicismo, a moral cristã é uma grande marcadora na construção dos ideais integralistas.

As fontes elencadas para o desenvolvimento da presente pesquisa não foram produzidas somente por mulheres, mas também foram escritas por homens e que se dirigiram ao público feminino. O livro “A Mulher no Século XX” escrito por Plínio Salgado no ano de 1949, utilizado em sua forma física, é uma das fontes utilizadas para compreender o pensamento do líder integralista em relação às mulheres, não somente as integralistas, mas de uma forma geral. As ideias de Salgado são imprescindíveis para a construção do ideal de mulher no partido<sup>4</sup>.

Compondo parte da imprensa integralista, outra fonte abordada foi a revista *Anauê!*, que dispõe de 22 edições que perpassam os anos de 1935 até 1937. Os arquivos foram disponibilizados em formato digital pelo Arquivo Público de Rio Claro (SP). Nessa documentação, encontramos escritos sobre/para/de mulheres, desde seções de moda até artigos de opinião. A revista possibilitou encontrar apontamentos que remetem ao papel da mulher integralista, com suas funções e deveres, bem como uma coluna chamada “Senhora” com artigos de opinião escrito por uma militante, Nair Nilza Perez, direcionados ao público feminino.

A revista *Brasil Feminino* que também compõe parte da imprensa da AIB, tinha como público-alvo as mulheres. Disponibilizada pelo Arquivo Público de Rio Claro (SP), apenas as edições de número 36 e 38 foram utilizadas para análise, visto que é uma documentação de difícil acesso. Nessa fonte, encontramos publicações consideradas contraditórias no que diz respeito ao feminismo, reivindicações políticas e o posicionamento das escritoras, haja vista a doutrina integralista e o padrão feminino que esta estabelece as mulheres. A partir da divergência de ideais, a *Brasil Feminino*

---

<sup>4</sup> Reconhecemos e compreendemos a distância temporal entre a vigência do Integralismo (1933-1937) e a fonte em questão datada em 1949. Em “Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e suas relações com Portugal (1932-1975)”, Bertonha (2011) aponta sobre as relações entre a AIB e movimentos de direita portugueses. Para além da comparação ideológica do partido brasileiro com a política portuguesa, o autor analisa a mudança política de Plínio Salgado durante seu exílio em Portugal e no período pós-guerra. O autor analisa que ao retornar ao Brasil em 1946, Salgado estava inserido no mundo tradicionalista católico de Portugal e afirma que “De qualquer forma, esta conversão pliniana de líder fascista em conservador ultracatólico foi fundamentalmente na sua tentativa de se relançar na política brasileira” (p. 79). Por mais que haja uma transformação política-ideológica do Chefe Integralista, a historiografia não é clara se tais mudanças afetam a maneira em que Salgado percebe às mulheres e qual o seu papel. Assim, como supracitado, apesar da distância temporal e transformação política de Plínio Salgado, apoiamos-nos na hipótese de que seus ideais referentes ao “ser mulher” se mantiveram, sendo passível de algumas mudanças, mas que se mantiveram baseadas no machismo e no conservadorismo.

possibilitou mapear o rompimento, por parte das blusas-verdes, com tal padrão por meio de suas publicações a partir de algumas pautas levantadas pelo movimento feminista.

Durante as pesquisas realizadas, notamos que o nome de uma das militantes em específico, Nair Nilza Perez, era recorrente e de grande destaque na revista *Anauê!* No entanto, somente após nossa entrada no Programa de Pós-Graduação em História da UNIOESTE, decidimos procurar a fundo quem foi Nilza Perez. Procurando por seu nome na internet, encontramos uma de suas filhas também chamada Nilza. Encontrar sua filha, Nilza Rezende, fez com que novos rumos da pesquisa fossem tomados e, com a realização e transcrição de uma entrevista que realizamos com ela, além do acesso ao arquivo pessoal da família, nossa pesquisa passou a ter possibilidade de trazer luz sobre a ex-militante, bem como as transgressões dela sobre o padrão de mulher integralista.

Nesse sentido, a dissertação foi dividida em três partes. O primeiro capítulo teve como objetivo apresentar um panorama geral sobre o contexto histórico-social do recorte temporal da pesquisa, a década de 1930, com enfoque nas mulheres. A partir da compreensão sobre as ações femininas no período, apresentamos a história das mulheres e a problemática que envolve diretamente as mulheres conservadoras. Foi exposto também a forma em que as militantes da AIB foram retratadas na historiografia integralista. Levando em consideração a importância do catolicismo no integralismo, foram realizadas análises sobre a representação feminina na religião como ideal e a forma em que o padrão cristão posto sobre as mulheres, implicou diretamente nas ações femininas no âmbito privado e público. No segundo capítulo, analisamos a relação entre cultura/natureza e em como o pensamento cultural da inferioridade feminina se refletiu na ideologia integralista. Analisamos também os escritos de Plínio Salgado e as fontes supracitadas da imprensa integralista para que a partir da compreensão do que era o padrão de mulher determinado no partido, as rupturas e transgressões das militantes fossem expostas e analisadas. Por fim, no terceiro e último capítulo teremos a análise de tais rupturas encontradas nas fontes, com foco na ex-militante Nilza Perez e na entrevista realizada com sua filha Nilza Rezende.

Tânia Navarro Swain (2008) aponta que a releitura das fontes e a crítica à historiografia são imprescindíveis para que surjam as múltiplas realidades, agenciamentos sociais plurais, que ficaram ocultos no fazer histórico tradicional. Na presente pesquisa, o objetivo é exatamente o que é apontado pela autora. É inadiável que questionemos e lancemos diferentes olhares sob diferentes perspectivas para os estudos já realizados, para que dessa forma, tenhamos outras possibilidades de resultados e hipóteses tanto dentro da

pesquisa histórica, quanto da própria escrita da história. Utilizar uma categoria geral, que não compreende e não contempla as diferenciações sociais, as hierarquias de poder e manutenção do silêncio se faz urgente ser repensado, pois, “O papel da historiadora e do historiador (...) não é afirmar tradições, corroborar certezas, expor evidências. É ao contrário, destruí-las para reviver o frescor da multiplicidade, a pluralidade do real.” (SWAIN, 2008, p. 44).

## **1 ESPERANÇA DA NAÇÃO: MULHERES CONSERVADORAS, QUESTÕES HISTORIOGRÁFICAS E REINTERPRETAÇÕES**

Este primeiro capítulo expõe um panorama histórico social sobre as mulheres no Brasil da década de 1930. É importante que haja luz sobre as ações femininas no Brasil em tal momento, pois dessa forma, alguns pontos que tangem ao discurso integralista ficam mais claros.

Para que o objetivo da dissertação fosse alcançado, se fez necessário levantar questionamentos e realizar análises sobre a própria historiografia e, em especial, a historiografia sobre o integralismo. Tendo em vista as blusas-verdes como principais agentes históricas aqui, refletiremos sobre a história das mulheres e em como as mulheres conservadoras são abordadas a partir da perspectiva de gênero.

Além disso, questões que tangem diretamente à religião católica foram levantadas para análises, visto sua importância não somente para a construção de uma moral que era esperada que as mulheres mantivessem e que refletiu diretamente no padrão estabelecido para cumprimento pelas militantes integralistas, mas também pelas possibilidades encontradas na religião para ações femininas fora do lar.

### **1.1 MULHERES BRASILEIRAS E A ESPERANÇA DO PAÍS**

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por diversas mudanças que afetaram o mundo todo, tanto a esfera social, quanto cultural, econômica e, principalmente, política tendo em vista os desdobramentos das guerras mundiais e ascensão dos fascismos. A crise de 1929 exigiu novas formas e estratégias para a recuperação econômica tanto dos Estados Unidos, quanto nos países atingidos, como o Brasil. Veremos que apesar da urgência na recuperação econômica, as demais esferas da sociedade foram afetadas e reformuladas, mesmo que em diferentes níveis. Foi posta sobre as mulheres, a missão de parir a futura geração que deveria ser responsável pelo desenvolvimento do país. Natascha de Ostos (2012) em “A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação brasileira (1930-1945)”, trata da importância atribuída às mulheres durante as décadas de 1930 e 1940 no Brasil, visto ao estilo de vida que foi modificado pelo advento da modernidade. A autora analisa as ideias sobre o papel social e condição de vida das mulheres, as quais são chamadas de “questão feminina” o

que auxilia na compreensão de como as modificações sociais implicaram diretamente no papel feminino no Brasil.

A revolução de 30 e a crise econômica foram as grandes protagonistas do período, e trouxeram diversas consequências as quais exigiram que novas estratégias fossem pensadas para que o Brasil pudesse se recuperar tanto no sentido econômico quanto social. A ideia principal que partiu dos ideais higienistas, era de que mais do que a impulsão da economia, era preciso reconstruir a população brasileira. Sendo encarada como “pobre” e “perversa”, medidas precisariam ser estabelecidas para que houvesse o pleno desenvolvimento de uma geração forte, saudável e que asseguraria o crescimento do país. É nesse momento que a mulher brasileira foi exaltada como encarregada dessa nobre missão (OSTOS, 2012, p. 325).

A aceleração de mudanças nos ritmos sociais que foram alavancadas pela modernidade, a industrialização e a rápida urbanização passaram a proporcionar à população feminina novas possibilidades no que se refere à convivência. Apesar de sempre existirem limitações no que diz respeito às ações e aos comportamentos femininos, essa “abertura” que deu passagem do privado para o público, se tornou pauta para diversos debates dentro da sociedade. Ostos aponta que tais discussões em relação à maior emancipação feminina, tanto aos que eram favoráveis ou não, utilizavam dos mais variados argumentos, partindo desde justificativas religiosas, jurídicas ou até mesmo econômicas. Apesar da variedade argumentativa, a autora salienta que a preocupação com as possíveis consequências sociais da crescente participação feminina na esfera pública, interligavam de alguma forma o estilo de vida das mulheres com os destinos da sociedade (OSTOS, 2012, p. 317)

Ao passo em tais debates ascenderam no bojo da sociedade que tinham por tema central concepções sobre mulheres, percebeu-se uma universalização do ser feminino. Sendo vistas como seres uniformes a partir da “questão feminina” ou “coisas de homem” e “coisas de mulher” (OSTOS, 2012, p. 318), criou-se uma ideia de que as características inerentes do feminino e masculino, são baseadas no sexo biológico. Ou seja, os direitos e deveres femininos são advindos de sua própria natureza, logo, tudo e qualquer coisa que fugia da feminilidade determinada pelo próprio sexo, era uma ameaça às relações de poder. É estabelecido que à mulher cabe o recato, submissão e maternidade, onde seu espaço de atuação é o próprio lar, junto com a sua família. Assim “A concepção e o exercício da maternidade eram possibilidades que, do ponto de vista moral, já estavam

dados, inclusive como prerrogativas fundamentais ou essenciais da existência da mulher” (ÁVILA, 1993, p. 382), reforçando ideias do determinismo biológico.

Além de universalização das mulheres como seres padronizados, em que a finalidade de todas seria a maternidade, as estruturas de poder e a hierarquia social dos papéis de gênero também foram fortemente amparadas e mantidas por leis. O Código Civil de 1916 (artigos 6º; 233 a 380) aponta que o marido era o chefe da sociedade conjugal, sendo responsável pela administração dos bens do casal e por promover o sustento familiar. Não sendo considerada um ser totalmente capaz, a mulher casada era impedida de trabalhar fora de casa a não ser que houvesse uma autorização prévia do marido. Somente na ausência de seu cônjuge, a mulher teria o direito de exercer pátrio poder sobre os/as filhos/as. Assim, ideias sobre a incapacidade ou a domesticidade feminina eram fomentadas e amparadas legalmente.

As leis trabalhistas regulamentadoras foram um grande avanço para as trabalhadoras, mas, ao mesmo tempo, as colocaram como um peso do ponto de vista empresarial, assim como é apontado por Maria Valéria Junho Pena (1981). Como exemplo, pontuamos a ampliação do período de descanso no caso da maternidade, tanto no período de gestação, quanto certa “flexibilidade” no período de aleitamento e a fundação de creches/ berçários. Porém, pensando pela ótica capitalista, a obrigação do/a empregador/a em desembolsar o salário durante esses períodos “improdutivos”, acabam implicando a não contratação de mulheres, pelo simples fato de terem corpos capazes de reprodução, logo, imbuídos de prejuízos no desempenho, produção e retorno financeiro.

Em relação à intervenção do Estado sobre o trabalho, a autora levanta questões que apontam para a intencionalidade estratégica do governo brasileiro em podar a atuação feminina através de algumas leis regulamentadoras. As argumentações que foram utilizadas por parte do governo, misturavam “considerações humanitárias” sobre a proteção das mulheres e “considerações políticas” no que diz respeito aos direitos delas. Ao serem limitadas dentro da esfera trabalhista/ pública através da negação de atividades consideradas “insalubres e perigosas”, Pena aponta que, essa era uma forma de disciplina a qual “ajudaria” no desempenho das mulheres nas suas funções enquanto donas de casa (PENA, 1981, p. 81).

Cabe ressaltar que o trabalho dito feminino – o qual era e ainda é dado como o trabalho doméstico –, reforçava mais uma vez, que a finalidade das mulheres era a sua realização dentro do lar, as privatizando em suas famílias, além de ser considerado como um trabalho secundário, no entanto, não era qualquer família que interessava ao Estado.

Como supracitado, a necessidade do Brasil neste momento era de uma nova geração saudável, que fosse capaz de produzir e consumir, levantando a economia e consequentemente “elevando o nível do brasileiro”.

Todas essas questões que vão desde a crise de 1929, trabalho feminino, até o projeto do Estado na reconstrução da população, nos permite compreender que o interesse na exaltação das mulheres, a preocupação com a sua “saúde” no trabalho, nada tem a ver com ela. As famílias e a manutenção da ordem e moral dentro delas são o grande ponto chave, uma vez que são através desses pequenos grupos privados, nos lares, em que a sociedade se forma e se transforma, pois,

Se a intenção era formar uma população nacional mais ativa e saudável era preciso agir sobre a unidade familiar, torná-la campo de ação das medidas intervencionistas que, se multiplicadas em cada lar, espaço micro, não deixariam de produzir efeito em grande escala, resultando em transformações substanciais no quadro populacional do Brasil, e em outras instâncias interligadas, com a econômica. (OSTOS, 2012, p. 332)

Nesse sentido, a forma de chegar diretamente nos grupos familiares é através das mulheres e seus corpos. Ao mesmo tempo em que as mudanças nas leis trabalhistas que contemplavam o público feminino aconteciam, temos grande intensificação das lutas feministas e/ou de movimento de mulheres. Ao passo em que o conceito “feminista” era tido como algo pejorativo, Duarte (2019) aponta que o antifeminismo não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a imagem da feminista em sinônimo de mulher mal-amada, machona, feia, tudo o que viria a ser o oposto do “feminino” (DUARTE, 2019, p. 25). Não obstante, sendo atrelada a imagem negativa, por mais que lutassem por ideais relacionados aos direitos das mulheres, a autora aponta que muitas passaram a recusar o título de feminista, preferindo ser identificadas como participantes do “movimento de mulheres”.

Em relação a considerar essas mulheres como “macho”, Simone de Beauvoir (2019) aponta que “(...) o homem representa hoje o positivo e o neutro, isto é, o masculino e o ser humano, ao passo que a mulher é unicamente o negativo, a fêmea. Cada vez que ela se conduz como ser humano, declara-se que ela se identifica com o macho.” (BEAUVOIR, 2019, p. 165). Apesar da autora focar especificamente nas mulheres lésbicas nesse capítulo, podemos também ampliar esse entendimento da condução de mulheres para o “ser humano” e ser associada aos homens, justamente pelo masculino ser o universal, o humano. Ao passo em que as reivindicações foram de encontro com a estrutura de poder na qual os homens são dominantes, ao lutarem pelo voto, por exemplo,

e serem reconhecidas como seres políticos, implicou diretamente no desempenho de atividades determinadas para cada gênero. A política era determinada como masculino, logo, se as mulheres pretendiam entrar nesse espaço, o pensamento era de que as mulheres gostariam de tomar os lugares dos homens, podendo vir a querer serem como um, ou até mesmo, se identificarem como um. Além do desgaste da palavra, a associação negativa de mulheres ao termo, implicou em criar receio por parte de algumas delas em se apropriarem e se identificarem com feministas.

Por se tratar de um embate que colocou as estruturas de poder em risco, foram estabelecidas estratégias para que os objetivos postos pelo movimento feminista/ de mulheres, pudessem ser cumpridos. Duarte (2019) faz apontamentos acerca do desenvolvimento do feminismo no Brasil e as pautas reivindicadas especificamente em certos momentos. A autora aponta que no século XIX, a primeira bandeira levantada foi o direito de poder aprender a ler e a escrever. Diferentemente da Europa onde já se realizavam críticas sobre a forma de educação feminina que já era existente, no Brasil as solicitações ainda eram iniciais. Dessa forma, era imprescindível que as mulheres em um primeiro momento fossem consideradas serem pensantes, para que posteriormente, pudessem pleitear a emancipação política. Portanto, Constância Lima Duarte (2019) ressalta os escritos de Francisca Senhorinha que alertava às mulheres que “o grande inimigo” era a “ignorância de seus direitos” que a “ciência masculina” mantinha (DUARTE, 2019, p. 32).

No que diz respeito à luta sufragista, Branca Moreira Alves (2019) discorre tanto sobre os caminhos percorridos pelo movimento nos Estados Unidos, quanto no Brasil, estabelecendo semelhanças e diferenças. Ao longo da discussão, a autora destaca que alguns grupos feministas irão seguir um caminho “mais comportado”, uma vez que entendiam ser a melhor estratégia para conquistarem seu objetivo. Assim, colocando de lado questões consideradas mais polêmicas como a sexualidade por exemplo, esses grupos colocaram foco em serem primeiramente vistas como seres pensantes, para que dessa forma, pudessem adentrar ao campo político. Embora Alves aponte que no Brasil a corrente que mais se aproximou com o movimento em outros países, é a conservadora, isso não diminuiu a intensidade das represálias<sup>5</sup> sofridas por essas mulheres.

---

<sup>5</sup> Para maior compreensão sobre a repressão sofrida pelo movimento feminista/de mulheres, ver: ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: ARRUDA, Angela... [et al]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

Após vários anos de lutas e resistência feminina, em 1932 é promulgado o Código Eleitoral, efetivando a aprovação do voto feminino – sua permissão e não sua obrigatoriedade que só ocorreu em 1934. Apesar de ser uma conquista importantíssima para as mulheres rumo à cidadania, a questão do voto não implicou na inserção delas efetivamente na política, sendo esta uma questão que se estende até os dias atuais.

Por mais que as mulheres tenham lutado para a conquista do campo político, a promulgação do Código Eleitoral que permitia às mulheres adentrarem na política, não significou que elas seriam inseridas em cargos considerados de grande relevância. Margareth Rago (2013) aponta que, com a entrada das mulheres no espaço social e político, foi iniciada a remodelação do sistema machista patriarcal até então seguido fielmente. Portanto, a mudança realizada pelas mulheres criou modos de fazer e pensar, tanto na política quanto na ciência, nas relações corporais, amorosas e sexuais, quebrando as fronteiras entre o público e o privado (RAGO, 2013, p. 24).

A partir da mudança ocorrida dentro do cenário político, as vitórias conquistadas pelos movimentos sociais exigiram que reformulações no sistema eleitoral fossem realizadas. Mudanças que afetaram não somente em relação ao público votante, mas também aos próprios partidos políticos em inserir esses sujeitos ou não, visto as tensões que se firmaram, bem como a forma em que isso deveria acontecer. Logo, por se tratar de um momento novo no cenário brasileiro, pensando especificamente no Integralismo, diversas questões podem ser levantadas no que tange a participação feminina dentro dele.

## 1.2 QUAIS MULHERES? HISTÓRIA DAS MULHERES: O (NÃO) LUGAR DAS CONSERVADORAS/ DE DIREITA

De acordo com Ana Maria Colling (2004) em “Gênero e História: um diálogo possível?”, a história das mulheres é uma história recente, pois desde em que a História se transforma em disciplina científica, o lugar da mulheres dependeu das representações dos homens (COLLING, 2004, p. 31). Em seu texto a autora discorre sobre a hierarquização da História dos homens sobre as mulheres, bem como as consequências da universalidade marcada pelo masculino.

A partir do entendimento da problemática da historiografia em relação ao apagamento e silêncio em relação às ações das mulheres no tempo – como se a

humanidade tivesse caminhado apenas com passos masculinos –, Colling afirma que escrever uma história que contemple as mulheres, é libertar a história. Os fatores que são apontados no texto como contribuintes para a chegada das mulheres na História partem das ideias de Michelle Perrot, que destaca a crise dos grandes paradigmas, a expansão da História com a Nova História e a demanda social com o movimento feminista (COLLING, 2004, p. 32).

A autora discorre sobre discursos normatizadores de filósofos, médicos, psiquiatras, padres e pedagogos que desenvolveram argumentos que atingiram diretamente às mulheres, ao tentar explicar o feminino e consequentemente, o masculino (COLLING, 2004, p. 33). Ao analisar alguns discursos específicos que foram de grande relevância na sociedade, como o discurso judaico cristão, médico, psicanalítico e de práticas jurídicas, Colling nos permite compreender que a inferioridade posta sobre as mulheres e a limitação dela à sua natureza, é comum em todos eles. O resultado da naturalização desses discursos implica diretamente na dificuldade das mulheres em romper com a imagem de desvalorização de si mesmas, aceitando a subordinação como natural e, ainda de acordo com Colling, vendo-se através dos olhos masculinos e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina.

Se historicamente o feminino é entendido como subalterno e analisado fora da História, porque sua presença não é registrada, libertar a História é falar de homens e mulheres numa relação igualitária. Falar de mulheres não é somente relatar os fatos em que estiveram presentes, mas reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos, desconstruir a história feminina para reconstruí-la em base mais reais e igualitárias (COLLING, 2004, p. 36)

Visto a urgência de (re)escrita da história a qual lance luz sobre os sujeitos históricos marginalizados e silenciados na historiografia – que na presente pesquisa diz respeito diretamente às mulheres conservadoras –, categorias de análise precisam ser pensadas.

Joana Maria Pedro (2005) em “Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica” estabelece diálogo de como os movimentos sociais de mulheres, feministas, gays e lésbicas foram se constituindo como categoria de análise. Ao passo em que questionamentos foram sendo levantados em relação ao uso do conceito de “gênero”, algumas modificações na escrita e análises na pesquisa histórica se estabeleceram (PEDRO, 2005, p. 88).

Num primeiro momento, a autora expõe que na língua portuguesa as palavras possuem gênero feminino ou masculino, não existindo o neutro como no latim. Assim, os

movimentos feministas e de mulheres nos anos 80 passaram a utilizar “gênero” ao invés de “sexo”, pois apesar de nem todos os seres vivos possuírem sexo, ou se reproduzirem de forma sexuada, na língua todos os seres animados e inanimados têm gênero. Ao trocarem o uso dessas palavras, Pedro destaca que os movimentos reforçavam a ideia de que as diferenças encontradas nos papéis sociais não eram dependentes do “sexo” no sentido biológico, mas sim, do gênero, ligado à cultura (PEDRO, 2005, p. 78).

O Dicionário crítico de gênero de 2019 no verbete de gênero escrito por Joana Maria Pedro e Ana Maria Veiga aponta que ao ser percebida a força da legitimação do quesito biológico dos termos “mulher” ou “mulheres”, a categoria de gênero busca abranger as relações construídas socialmente, as quais se divergem do convencional – binaridade entre feminino e masculino.

Nem só de mulheres se faz essa história, que contesta a construção do sujeito “homem” como modelo universal. A subjetividade e a fragilidade deste sujeito também foram expostas, como elementos omitidos na performance social de uma heteronormatividade aprendida desde a infância e cobrada a partir dela. (PEDRO e VEIGA, 2019, p. 332)

As autoras destacam que na ampliação do entendimento do que é gênero e sua abrangência, as subjetividades dos sujeitos são elementos que definem sua performance social. Podemos “pensar em gênero como um conceito que, mais do que qualquer fixidez, nos oferece instabilidade e fluidez, que melhor representam as relações sociais que atravessam o tempo e chegam à atualidade” (PEDRO; VEIGA, 2019, p. 332).

O que nos interessa de forma mais direta neste trabalho, são as categorias “mulher” e “mulheres”. Joana Maria Pedro (2005) aponta que a primeira delas foi pensada em contraposição a palavra “Homem” considerada universal, que se refere a todos os seres humanos. Composta por definições masculinas, a narrativa histórica foi questionada pelos movimentos feministas ao não se sentirem incluídas, já que a universalidade masculina não contemplava questões específicas da “mulher” (PEDRO, 2005, p. 80).

Apesar da tentativa de inclusão das questões que marcam a “diferença” em relação ao homem, encontram-se problemas referentes à universalização desses sujeitos. Através dos debates levantados de se pensar uma “diferença” dentro da “diferença”, entende-se que não existe “mulher”, mas sim, “mulheres”. A autora enfatiza que as sociedades possuem as mais diversas formas de opressão e o fato de ser mulher, não a torna igual a todas as outras, sendo imprescindível pensar em raça, classe, sexualidade, dentre outras categorias de análise. Levando em conta que a identidade de sexo não é suficiente para que haja igualdade dentro da luta, precisou-se ampliar e desmontar os padrões

estabelecidos. Assim, a categoria “mulheres” passa a dar atenção nas diferenças entre elas, perceber as pluralidades, diversidades e, a partir disso, quebrar com as limitações que a unificação de todas elas em uma única categoria as colocava.

A partir da compreensão da pluralidade, Maria Odila Leite da Silva Dias (2019), aponta a importância da hermenêutica e da epistemologia feminista na ruptura com as descontinuidades históricas. De forma objetiva, a autora observa que a opção teórica feminista objetiva criticar as totalidades e os estereótipos universais, participando do processo de reelaboração dos métodos das ciências humanas. O primeiro passo se trata da historicidade do próprio conhecimento e a delimitação da temporalidade histórica do tema, problematizando os conceitos e conhecimentos anteriormente estabelecidos sobre as categorias presentes na análise (DIAS, 2019, p. 359). As interpretações críticas provisórias permitem mostrar a diversidade das relações de gênero, que não buscam padrões universais, mas sim dar ênfase nas particularidades e multiplicação das diferenças.

Atrelada à mesma ideia, Margareth Rago (2019) salienta que a lógica da identidade, no caso, a identificação dos sujeitos como mulheres não é suficiente para pensar nas diferenças (RAGO, 2019, p. 374). Para que essa quebra com o universal e as categorias padronizadas seja realizada, é imprescindível historicizar a própria história, de forma a compreender a diversidade, estabelecendo uma construção das subjetividades plurais. A autora reforça que a epistemologia em si, por definir um campo e uma forma de produção de conhecimento, é uma questão complexa e que por mais que a teoria feminista proponha romper com os modelos de conhecimento dominantes nas ciências humanas, é preciso reconhecer que se há rupturas, há também permanências no que se refere à tradição científica. Não obstante, é preciso estar atento com a própria bibliografia que contempla os estudos sobre as mulheres e delimitar a temporalidade histórica do tema para que assim, seja criado de forma adequada, os conceitos que rompem com parâmetros permanentes.

Ana Paula Vosne Martins (2017) ao trabalhar sobre modernidade e conservadorismo na trajetória da advogada e escritora paranaense Rosy de Macedo Pinheiro Lima, faz algumas reflexões e análises sobre os descaminhos da memória sobre o protagonismo público de mulheres de elite entre as décadas de 1920/40. A autora aponta sobre as dificuldades em conhecer a atuação das mulheres conservadoras, uma vez que caíram no esquecimento por motivos ideológicos ou por contribuição delas mesmas. A grande dificuldade encontrada se dá em relação à documentação existente sobre essas

mulheres. Apesar de possuíram recursos e capital simbólico, documentos pessoais e registros são escassos ou até mesmo inexistentes. A falta de interesse por parte da família em guardar cartas, fotografias, anotações ou qualquer coisa que permita realizar análises documentais, implica diretamente na questão do esquecimento (MARTINS, 2017, p. 185).

Em “História de mulheres: a problemática das fontes”, Yonissa Marmitt Wadi (1997) apresenta uma síntese de discussões sobre as dificuldades encontradas pelos/as historiadores/as em relação à disponibilidade de fontes para reconstrução da história das mulheres. A autora destaca que por mais que as mulheres tenham pertencido a grupos sociais considerados dominantes pela história tradicional, pouco ou nenhum espaço restaram para elas nas fontes tradicionais (WADI, 1997, p. 48). Marmitt Wadi expõe algumas análises de Michelle Perrot a qual evidencia que no século XIX aqueles que dominavam a escritura da história como administradores, policiais, juízes ou padres, deixaram poucos registros no que diz respeito às mulheres. Quando estes escriturários da história fizeram referências às mulheres, recorreram a estereótipos como “mulheres vociferantes, megeras, ou histéricas, a partir do momento em que falam, gesticulam ou reivindicam direitos” (WADI, 1997, p. 48).

A partir do esforço em relação à reescrita da História a partir da história vista de baixo, a busca por reparar a historiografia que exclui as mulheres dos acontecimentos históricos, os estudos que enfocam no próprio feminismo são majoritários. Martins (2017) destaca que por mais que seja incontestável a contribuição à escrita da História realizada pela história das mulheres, é valioso reconhecer que a própria história das mulheres deu pouca atenção para as conservadoras dos séculos XIX e XX. Pela preferência nos estudos sobre mulheres inconformistas, rebeldes, que questionavam a estrutura social, a autora aponta que as de elite acabaram por se tornar sinônimos, como se esse rótulo fosse autoexplicativo.

O par conceitual elite e conservadorismo está historicamente associado à reprodução de uma ordem social e política patriarcal que foi alvo da crítica da história social das mulheres, portanto, as mulheres que no passado estiveram ligadas de alguma forma a esta ordem, fosse por sua filiação de classe, fosse pela adesão a movimentos e ideários conservadores, criavam um ponto de tensão com a interpretação histórica que sublinhava as resistências, as rebeldias e os inconformismos. O que mais haveria de dizer sobre mulheres conservadoras e de elite, que apoiavam ideários e instituições que mantinham e reforçavam a ideologia de gênero? Foram mulheres que participaram ativamente da reprodução desta ideologia, conformando-se ao *status quo* e adequando-se ao que socialmente delas se esperava: casamento, maternidade e obediência. Supostamente em nada contribuíram para a superação das

desigualdades de gênero; supostamente eram todas iguais ao seu conservadorismo (MARTINS, 2016, p. 03)

A crítica levantada pela autora a qual pontua os motivos que poderiam levar ao estudo das mulheres conservadoras, é de suma importância para a direção do presente trabalho. Ao considerar as novas possibilidades de análises históricas, a partir da perspectiva dos estudos de gênero e, em específico, a história das mulheres, a incorporação da ideologia integralista pelas militantes, não as limita em ideias de total passividade e submissão.

Assim, compartilho da mesma interpretação historiográfica da autora a qual compreende que

As mulheres de elite no Brasil foram, sim, quase que na sua maioria conservadoras intransigentes porque a formação que tiveram em suas famílias, nas escolas e principalmente pela religião católica as levou a cumprir e a defender aquele papel de reprodutoras da ordem familiar e social, visto não com algo limitador, mas como uma missão socialmente valorizada. Entretanto, há nesta imagem das mulheres de elite uma tendência à homogeneização e uniformidade desconcertante, especialmente para as historiadoras e os historiadores que articulam conceitualmente em suas pesquisas e análises a categoria gênero. Pensando nesta categoria da construção das diferenças sexuais culturalmente percebidas e significadas, mas sujeitas à mudança, uma das suas contribuições teóricas mais importantes foi a crítica aos essencialismos e às uniformizações dos sujeitos e suas práticas e contextos históricos diferenciados. Se a categoria “mulher” foi alvo de críticas políticas que questionavam a sua universalidade, sem com isso enfraquecer a validade política do feminismo na sua incansável luta contra os sistemas de gênero e sua violência histórica, como é possível insistirmos na imagem uniforme da “mulher conservadora”? (MARTINS, 2016, p. 03)

No recorte temporal da presente pesquisa, a ideia de que as características inerentes dos sexos de forma binária, feminino e masculino, são baseados no sexo biológico é fortemente marcada. Ou seja, os deveres femininos são advindos de sua própria natureza, logo, tudo e qualquer coisa que fugia da feminilidade determinada pelo próprio sexo, era uma ameaça às relações de poder. Enfatizamos esse ponto sobre a questão do determinismo biológico, pois é ele que norteia os discursos integralistas sobre o papel feminino não somente dentro do partido, mas também na sociedade em geral.

Tendo em vista a aproximação entre a moral cristã católica e a AIB, é importante pensar na relação entre as mulheres, feminismo e a igreja católica. Para isso, Ana Paula Vosne Martins em “Qual feminismo? Reflexões sobre o feminismo conservador e a escrita militante de Amélia Rodrigues (1881-1928)” faz análises que nos permitem compreender a relação entre feminismo e catolicismo conservador no Brasil no começo do século XX.

Diferentemente da ideia que é mantida sobre as mulheres conservadoras e seus pensamentos opostos às lutas feministas, encontramos no texto a possibilidade do apoio de mulheres cristãs católicas a algumas pautas reivindicatórias levantadas pelo movimento feminista/de mulheres.

A proximidade estabelecida por parte das mulheres católicas e alguns líderes do clero com a luta pelos direitos das mulheres se deu a partir da diferenciação dos feminismos. No entanto, apesar do apoio em causas que objetivaram a educação, trabalho e sufrágio feminino, era imprescindível que a principal missão das mulheres continuasse a ser a vida dedicada à família e ao lar.

(...) as relações entre o feminismo e o catolicismo nem sempre foram assim tão colaborativas e amistosas. Foi um longo percurso iniciado, pelo menos, há cinquenta anos nos países europeus. No Brasil, esta relação começou a ser construída na década de 1920, com muita cautela e sem manifestações públicas das autoridades religiosas. (MARTINS, 2020, p. 97)

Vosne Martins explica que, o motivo da dificuldade em manter uma relação de apoio se deu, pois, inicialmente, a rejeição católica ao feminismo era por considerá-lo um movimento secular, logo, seria uma espécie de “doutrina” antirreligiosa. Sendo cada vez mais presente na imprensa e discursos públicos as palavras “feminismo” e “feminista”, as discussões em torno das diferentes correntes de pensamentos e significado das palavras foi intensificada (MARTINS, 2020, p. 98).

Apesar de divergentes no que se refere às ideologias, a autora aponta que socialistas marxistas e católicos se colocaram no mesmo lado, utilizando diferentes argumentações para a desqualificação da luta por direitos das mulheres. Os primeiros se colocavam contrários às reivindicações do movimento, pois apontavam que essa era uma questão que trazia divisões e era secundária em relação à luta de classes<sup>6</sup>. Já os/as católicos/as direcionavam a rejeição para o campo da moral, visto que o envolvimento feminino com a política era considerado por eles/as como ameaça à ordem familiar, afastando as mulheres da missão no lar e as desviando das suas finalidades determinadas pelo sexo.

Ao analisar diretamente a rejeição católica ao feminismo, Ana Paula Vosne Martins aponta que inicialmente ela se deu por se tratar de um movimento secular e de livres-pensadoras. A ausência de direcionamento religioso no movimento feminista chama a atenção e, de acordo com Ferdinand Brunetière, um intelectual convertido ao

---

<sup>6</sup> Para saber mais sobre o movimento feminista e comunista no Brasil ver: Iracélli da Cruz Alves (2017).

catolicismo, havia dois feminismos. O primeiro era considerado revolucionário, ateu e antirreligioso, já o segundo, era o feminismo cristão (MARTINS, 2020, p. 103).

Além disso, Vosne evidencia que apesar da rejeição católica ao movimento feminista associado ao individualismo, socialismo, ateísmo e subversão, que alguns intelectuais católicos que possuíam grande influência, compreenderam que certas reivindicações feministas eram justas (MARTINS, 2020, p.103). Direitos relativos à propriedade, reconhecimento da paternidade, educação e importância social das mulheres foram alguns dos pontos considerados legítimos.

Embora reconhecidos alguns direitos, a autora destaca que o feminismo revolucionário não podia ser aceito pela Igreja, visto que a interpretação em relação ao movimento era de que as feministas revolucionárias ou livre-pensadoras, colocavam os homens em posição de inimigos e usurpadores dos direitos das mulheres. Além disso, a luta por ideais emancipatórios era um erro, pois as levariam a uma vida solitária, desregrada e infeliz. A liberdade em sua plenitude, sem freios e limites, diminuiria o valor moral e social das mulheres, tornando-as como uma espécie de cópia do masculino. Martins analisa que pela perspectiva católica, a palavra “emancipação” não havia sentido, pois o lugar das mulheres era dentro do lar ou nas associações.

Apesar da rejeição católica, não foi possível descartar completamente a palavra feminismo, já que o movimento cresceu e conquistou vários adeptos que incluía alguns católicos moderados e o clero (MARTINS, 2020, p. 104). Dessa forma, sem poder rejeitar o movimento e questões consideradas por eles/as justas e coerentes, os/as católicos/as ressignificaram o feminismo dando sentido “cristão”. No final do século XX em diversos lugares do mundo, o “Feminismo cristão” ou “Movimento católico feminino” passou a abraçar pautas feministas, priorizando os ideais coerentes com a doutrina católica, deixando claro que, apesar das lutas por direitos, a principal missão das mulheres continuava sendo a vida dedicada à família e ao lar.

### 1.2.1 Ser e não ser: Maria e Eva e a possibilidades de ações no catolicismo

O cristianismo, o Espírito e a mística da moral religiosa eram as premissas dos ideais e ações integralistas. No que tange diretamente as mulheres, esse ponto é ainda mais intenso. Além do padrão de comportamento imposto não só pela própria ideologia

integralista, algumas regras postas pela cultura ocidental pautada no cristianismo, são estabelecidas, construindo um padrão feminino de acordo com o “divino”.

Em um texto que aponta para os paradigmas do feminino no cristianismo, Silvana Mota Ribeiro (2000) propõe uma análise entre Eva e Maria a partir da ótica católica como comparação às mulheres. Isto posto, a autora salienta que a teologia serviu como uma espécie de justificativa da hierarquia social e de poderes, mesmo ela já tendo sido anteriormente estabelecida, uma vez que a cultura ocidental foi balizada pelos valores e princípios cristãos.

Encontramos dois modelos femininos vinculados pelo cristianismo sendo eles Eva e Maria. A partir dessa perspectiva, Eva é percebida através de conceitos como pecado, desobediência e a ruptura com o divino. Assim, sua natureza pecaminosa foi transposta para as mulheres num geral, determinando o ser feminino como desprezível. Já Maria, é o que as mulheres deveriam ser, a “nova Eva”, por redimir o ato de desobediência que teria sido cometido pela primeira. Sendo mãe de Jesus, seu modo de vida se torna um modelo único, singularizado o qual as características marianas se baseiam em três pilares: mulher enquanto mãe, esposa e virgem.

(...) Maria, pelo contrário, apresenta um caráter único face a todas as outras mulheres, por vezes até paradoxal. Para isso contribuem as noções de virgindade e castidade, por um lado, e de maternidade, por outro. A mãe de Jesus é um modelo do qual as mulheres devem aproximar, mas isso afigura-se praticamente impossível devido à natureza perfeita e inigualável daquela. (RIBEIRO, 2000, p. 3)

Ao passo em que a natureza pecaminosa é intrínseca às mulheres por intermédio de Eva, ao se submeter às leis dos homens e seus desejos, uma espécie de “redenção” acontece e ao serem controladas de certa forma: em Deus são abençoadas e perdoadas. A autora destaca que dessa forma, Eva é tudo aquilo que a Igreja define o que é a mulher e Maria como modelo de virtudes do que deveria ser (RIBEIRO, 2000, p. 03).

Em diversos versículos bíblicos encontramos ordenamentos divinos em relação à submissão das esposas em relação aos maridos. Logo em Gênesis<sup>7</sup>, a criação da mulher de acordo com a narrativa, foi motivada pela solidão do homem, que precisava de uma ajudadora que fosse idônea. Ainda no antigo testamento, em Levítico 15<sup>8</sup> o autor narra uma série de regras a serem seguidas quando a mulher passa pelo seu período menstrual. O isolamento por parte da mulher durante esse período do ciclo era uma medida para que

---

<sup>7</sup> Gênesis 2:18.

<sup>8</sup> Levíticos 15:19-33.

sua impureza não fosse transmitida e, posteriormente ao encerramento do fluxo, uma oferta ao Senhor deveria ser realizada para perdão do pecado. Já no novo testamento em Efésios 5<sup>9</sup>, é determinado que as mulheres devem se sujeitar em tudo aos seus maridos, assim como ao Senhor, pois assim como Cristo é a cabeça da igreja, o marido também é o cabeça da mulher. Assim, de forma geral, os deveres e mandamentos cristãos fomentam o papel secundário feminino, de assistência, obediência e sujeição.

Apesar da inferioridade que é posta sobre as mulheres, aqui especificamente na doutrina cristã católica, Ana Paula Vosne Martins (2020) afirma que a resignificação do feminismo que se encaixava nos preceitos religiosos, era uma das poucas formas das mulheres lutarem pelo que consideravam justo.

Pode-se compreender que, para muitas mulheres, a única forma de defender uma causa que consideravam justa, como o sufrágio feminino, seria resignificar o feminismo, dando-lhe um sentido cristão, tanto na amplitude das ações femininas na sociedade, quanto na participação política. Embora as autoridades religiosas não usassem a expressão “feminismo cristão”, preferindo “movimento católico feminino”, ela passou a ser uma expressão conhecida e divulgada nos meios católicos e na imprensa, havendo inclusive uma revista com esse nome, dirigida pela católica francesa Marie Maugeret, *Le Féminisme Chrétien*, publicada desde 1896. (MARTINS, 2020, p. 105, grifo da autora)

Além da questão levantada sobre o cristianismo como “apoiador” de causas feministas, mesmo que em outra intensidade e direcionamento, encontramos também dentro da instituição religiosa possibilidades de atuação feminina no espaço público. Em outro estudo, Martins (2016) propõe pensarmos sobre alguns caminhos para o feminismo e em como a religião foi importante para a participação das mulheres na esfera pública.

Sendo a bondade considerada virtude feminina pelos discursos religiosos, a autora discorre sobre o apoio por parte da Igreja em organizações de associações femininas com finalidades caritativas. Ao passo que compreendemos que a benevolência, caridade, abnegação e o sentimentalismo – características que são atribuídas a maternidade – são missões importantes a serem cumpridas pelas mulheres dentro da Igreja; a filantropia e bondade são percebidos como características da feminilidade. Embora isso tenha sido posto como uma ideologia da domesticidade como é destacado pela autora, a extensão dos cuidados familiares para as instituições caritativas foram uma oportunidade para a saída dessas mulheres do lar. Por mais que as atividades relacionadas ao cuidado sejam

---

<sup>9</sup> Efésios 5:22-24.

historicamente estruturadas e mantidas pelo gênero, para algumas mulheres, essa foi uma importante experiência a qual não seria possível dentro do espaço privado familiar.

As mulheres de elite na sociedade brasileira do século XIX e do começo do século XX defendiam os valores morais que contribuía para a manutenção da ordem social do gênero e dos limites colocados às mulheres para o exercício da cidadania. Entretanto, algumas delas (...) ousaram ir além dos limites da vida privada e das sociabilidades de elite, desempenhando papéis públicos como senhoras de caridade, filantropas, professoras, escritoras, militantes católicas e mesmo como feministas sustentadas pela mesma ordem de gênero. Se na sua visão de mundo as mulheres conservadoras não formularam nenhuma crítica à ordem patriarcal, nas suas associações e em seus escritos defendiam o que então chamavam de ‘valor feminino’. Para elas o papel fundamental das mulheres continuava a ser a maternidade no casamento, mas defendiam a extensão desse papel para a sociedade e para isso se fazia necessário preparar as mulheres com o acesso a uma educação de qualidade e uma sólida formação moral em grande parte dada pela religião e também pela família. O paradoxo do conservadorismo está nesta equação nem sempre bem-sucedida entre adequação ao papel de mulher honrada e respeitada e a defesa da atuação pública e política das mulheres, pois uma parcela significativa das mulheres conservadoras defendeu o sufrágio feminino ou então se envolveu com campanhas para alistamento de eleitores entre as décadas de 1920 e 1930. Mesmo sem direito ao voto, as mulheres católicas, por exemplo, se envolveram com a defesa dos interesses do catolicismo apoiando seus candidatos. (MARTINS, 2016, p. 04)

Ana Paula Vosne Martins analisa o paradoxo das mulheres conservadoras que se sustenta em defender “valores femininos” estruturados na ordem social de gênero, reforçando a finalidade das mulheres na maternidade, mas também a defesa de que esse papel fosse ampliado para a sociedade. Para isso, compreendiam a necessidade de qualificação com educação de qualidade e formação moral, tanto familiar quanto religiosa. Tendo em vista que no recorte temporal realizado pela autora, século XIX, a saída das mulheres de seus lares para outros fins ainda era algo não adequado e bem-visto na sociedade de forma geral, a participação feminina em reuniões e visitas que visavam assistência social incentivada pela Igreja, era uma grande mudança ao passo em que essa era uma das oportunidades que elas tinham de atuar na esfera pública.

### 1.3 HISTORIOGRAFIA SOBRE O INTEGRALISMO, ESTEREÓTIPOS E APAGAMENTO DAS MULHERES

No presente trabalho, não é de nosso interesse e foco nos aprofundar sobre a história do Integralismo, uma vez que já existem inúmeros trabalhos que já o fazem<sup>10</sup>.

---

<sup>10</sup> Ver: João Fábio Bertonha, 2010.

Embora haja entendimento da necessidade de apresentar ao leitor/a uma contextualização do que é, como foi, quem criou e o manteve, lançaremos maior luz sobre as blusas-verdes, que são o recorte da pesquisa e agentes históricos principais para a construção dessa escrita.

Atuando no Brasil na década de 1932-1937, a Ação Integralista Brasileira (AIB) teve seu início como forma de movimento e posteriormente se concretizou como partido político. Além de caráter fascista, o integralismo tinha como um de seus principais pilares ideológicos, o catolicismo. Plínio Salgado (1895-1975)<sup>11</sup>, escritor e jornalista, foi o fundador e seguiu como “Chefe Nacional”, sendo assim chamado pelos/as filiados/as do partido. Se empenhou em levar a ideologia integralista por todo o país através de diversos núcleos instalados nas várias regiões brasileiras e, para isso, algumas estratégias tanto midiáticas quanto na própria forma de disseminação da ideologia, foram utilizadas.

Não obstante, pensando no contexto histórico deste período, mudanças na dinâmica política se fizeram inevitáveis com a inserção feminina dentro dessa esfera. Mesmo que ainda inicialmente e com passos cuidadosos, novas formas de lidar com o público eleitor, precisaram ser pensadas e repensadas. Embora a visão sobre deveres e direito das mulheres a partir da ótica conservadora seja predominante e de muitas divergências, o Chefe Nacional, Plínio Salgado tinha suas próprias ideias no que diz respeito ao “ser mulher” as quais abordaremos no próximo capítulo. A partir dessa concepção proveniente do líder integralista, tudo o que envolve o feminino dentro do partido como ideologia, regimento e departamento, serão moldados a partir daquilo que era compreendido por ele.

### 1.3.1 Historiografia sobre o integralismo e a manutenção das relações hierárquicas de poder

Sendo tema de pesquisa de alguns historiadores e historiadoras há algumas décadas, o Integralismo e sua história tem uma base bastante sólida no que concerne à ideologia da AIB, a formação e consolidação do partido, bem como a própria trajetória do Chefe Nacional, e seus representantes de maior destaque. Apesar de termos diversas áreas exploradas, aprofundadas e até mesmo postas para discordância entre alguns

---

<sup>11</sup> Ver: João Fábio Bertonha, 2018.

autores/as, também encontramos um *déficit* no que tange a presença das mulheres dentro do movimento/ partido na historiografia.

Quando apontamos sobre a presença feminina na historiografia do integralismo, não se trata de notar que elas tiveram participação em alguns momentos, mas sim de entendermos a fundo as ações por elas realizadas e colocarmos nomes às protagonistas. Embora o partido seja pensado e movimentado majoritariamente por homens, isso não significa que as blusas-verdes não foram importantes e/ou não possuíam papéis de grande importância na manutenção e disseminação da ideologia do Sigma.

Nesse momento, propomos questionar a escrita da história do integralismo e em como os/as estudiosos/as de grande destaque dentro dessa área se colocam a pensar e discutir sobre as ações femininas. Tal questionamento não se levanta por pensar nas mulheres como um apêndice dentro da História, mas por compreender que elas foram e são agentes históricos tão importantes quanto os homens. Assim, é preciso pensar na escrita de forma a romper com a universalização do ser humano enquanto masculino.

Tânia Navarro Swain (2008) em “História: construção e limites da memória social” faz provocações aos tipos de eixos em que a história tem como relevantes, eixos estes que colocam como o humano no masculino e heterossexual, abolindo a presença e atuação das mulheres nas esferas da reprodução humana<sup>12</sup>. Ao passo em que a própria historiografia silencia as mulheres, aqui no caso, a própria historiografia sobre o integralismo, a autora salienta que o silêncio político e o apagamento das construções sociais não patriarcais são perpetuados como estratégia de poder. Ou seja, a falta de atenção e crítica em relação a escrita privilegiando a figura masculina, perpetua os discursos e silenciamentos das diversidades.

Muitas vezes, os/as mesmos/as historiadores/as que discursam a favor da “inclusão” de sujeitos excluídos na escrita da história, são os mesmos que reforçam estereótipos e não se atentam ao ciclo patriarcal que se mantém e são legitimados em sua própria escrita. Compreendemos não ser um recorte e exclusão de forma proposital e/ou com intencionalidades a apagar as mulheres como agentes históricos, mas que esses eixos considerados relevantes fazem parte da própria escrita da história a qual perpetuou por muito tempo o silenciamento feminino. A autora aponta que “Nada escapa à construção

---

<sup>12</sup> A autora exemplifica a exclusão das mulheres na memória social e a “interpretação desviada dos indícios do passado” como por exemplo, a produção dos desenhos pré-históricos. Swain questiona sobre a concepção de que esses desenhos foram feitos por homem, pois, ao atribuir a invenção das artes e literaturas ao “homem”, genérico masculino, apaga o feminino (SWAIN, 2008, p. 30)

e interpretação do real e, se a história não fala das mulheres, é por pura e simples exclusão androcêntrica, apoiada em valores que se confundem com fatos.” (SWAIN, 2008, p. 30).

Ao passo em que nos deparamos com pesquisas que abrangem não só de forma geral a AIB e seus aspectos, mas que também tocam em questões mais específicas, a impressão que temos é de que as mulheres não atuaram de forma significativa e/ ou ficaram apenas inseridas no que diz respeito à família. Em contato com as fontes as quais veremos posteriormente de forma mais profunda e detalhada, percebemos a importância da atuação feminina e perigos que se dirigiam diretamente a elas.

Em “O Integralismo e sua história: memória, fontes, historiografia” João Fábio Bertonha (2016) apresenta uma espécie de coletânea de artigos produzidos e publicados entre 2007 e 2015. Pelo título do livro, pressupomos uma história sobre o integralismo de forma geral, logo, que abordaria também questões sobre as mulheres como agentes históricos. Embora tenhamos as blusas-verdes em destaque na capa do livro junto aos plinianos – assim como eram chamadas as crianças integralistas –, não encontramos nenhum capítulo ou tópico do livro que se propõe a analisá-las.

Já na obra “O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo” de Leandro Gonçalves e Odilon Caldeira Neto (2020), os autores separam um subtópico para apresentarem a família integralista. Assim, sendo atrelada ao núcleo familiar, os autores apontam para a possibilidade de as mulheres participarem do partido como forma de terem voz. Mas, ao mesmo tempo que discorrem sobre as militantes, reforçam o estereótipo de passividade feminina ao apontarem que “Muitas mulheres aderiram ao integralismo após serem levadas pelos maridos. Algumas tinham um histórico familiar no movimento” (GONÇALVES e NETO, 2020, p. 30). Não obstante, os autores não apresentam fontes que embasem tal afirmação. Não existem registros que nos possibilitem, enquanto historiadoras e historiadores, a apresentar o que de fato levou essas mulheres a aderirem o movimento. O histórico de participação familiar dessas mulheres, como salientado pelos autores, não é suficiente para afirmar a forma em que se deu a adesão delas. Por serem militantes e simpatizantes da extrema-direita, conservadores e religiosos, se torna mais simples partir do pressuposto de certa obrigatoriedade e domínio dos homens sobre as mulheres, no que se refere à adesão ao Integralismo. No entanto, é importante pensar e questionar sobre ideias já formuladas referentes às mulheres conservadoras. Assim como Swain (2008) discute, “a produção histórica tem naturalizado e mantido generalidades que fazem das relações humanas uma eterna repetição do Mesmo” (SWAIN, 2008, p. 29). Portanto, ao retirar das mulheres a possibilidade de

escolha e decisão quanto à adesão ao integralismo, perpetua-se uma narrativa histórica que não leva em consideração a diversidade de militância/posicionamento político existente entre essas mulheres.

Sobre isso, Lídia Maria Viana Possas (2004) no capítulo “O Integralismo e a Mulher” aponta para a visão do Chefe sobre as mulheres e em como as militantes deveriam ser, bem como algumas questões que a AIB encontrou sobre a arregimentação feminina.

Se a militância das integralistas estava condicionada por uma fundamentação na fórmula do realismo cristão, a sua presença marcante e visível não pôde ser observada e mesmo traduzida de maneira uníssona e hegemônica dentro da AIB, como uma dimensão coletiva, passiva, para todas as senhoras e jovens militantes e nem mesmo um processo histórico linear de consciência e de participação política feminina nos núcleos integralistas. Ela deve ser compreendida pelas diferentes formas de apreensão do real, onde a variabilidade de atuações e a pluralidade de sujeitos permitem compreender melhor as distintas apropriações do modo de pensar dessas senhoras e jovens, operando com suas individualidades e variações históricas, principalmente ao construir as relações de gênero no interior e fora da agremiação.

As mulheres integralistas não assumiram a militância de forma idêntica, apesar de serem arregimentadas e disciplinadas por um regimento protocolar. Elas adentraram ao Movimento conduzidas pela sua condição social de classe, de etnia e de raça e, por isso, muitas delas exerceram distintos papéis e demonstraram comportamentos diversos, muito aquém da idealidade de uma mulher dócil, feminina e maternal. (POSSAS, 2004, p. 113)

Embora seja criada uma ideia já formulada sobre as blusas-verdes as quais seriam recatadas, mães, esposas, doces e submissas, a autora enfatiza a importância de se pensar na pluralidade existente. Por mais que houvesse regimentos e padrões já estabelecidos sobre a forma de agir e pensar, não é possível afirmar que todas elas seguiam essa linha de forma única.

Posteriormente, Lídia Possas nos traz um exemplo muito claro da distinção das militantes e suas diferentes formas de ser. A análise realizada é referente a uma blusa-verde específica chamada Maria José Nunes que havia se envolvido em uma polêmica<sup>13</sup> em 1943 na cidade de Bauru – SP. De acordo com a autora, ao optar pela AIB, Maria José teria adotado um outro modo de vida, passando a conduzir sua vida pessoal de maneira independente. Solteira, fumando em público, vestindo calças compridas, interagindo com homens em rodas de conversas e discutindo no trabalho, ela ficou marcada na memória das pessoas que conviviam com ela como “mulher macho”.

---

<sup>13</sup> Ver Possas, L.M.V, “O integralismo e a mulher” In: Integralismo: novos estudos e reinterpretações, 2004, p. 107-125.

Ao passo em que olhamos para as fontes integralistas a partir da perspectiva de gênero, a compreensão sobre as individualidades e pluralidades das militantes passa a ser mais “visível aos nossos olhos”. Dessa forma, a generalização e manutenção da ideia de homogeneidade entre as militantes acaba por se tornar questionável dentro da escrita da história. Além de perpetuar uma história de passividade de forma equivocada, são retirados os protagonismos e o direito de decisão dessas mulheres.

Outro ponto importante, é em relação à eleição a qual, ao se consolidar enquanto partido político, passou a ser o principal foco e objetivo do Integralismo. Chegar ao poder tanto na presidência quanto em outros cargos políticos, era imprescindível para realizar as mudanças julgadas necessárias e importantes para a construção do Estado Integral. Na biografia política de Plínio Salgado escrita por João Fábio Bertonha (2018), o autor passa por esse período importante sem mencionar o papel fundamental que as militantes tiveram durante o processo do período pré-eleição.

O integralismo preparou-se para essas eleições o melhor que pôde. Em 1936, foi lançado seu Manifesto Programa, no qual se dava uma roupagem mais moderada e formal aos projetos integralistas. Foi feito todo um esforço para registrar eleitores e angariar votos para o partido, que se lançou com afinco a essa tarefa (BERTONHA, 2018, p. 200)

O autor aponta que as eleições fizeram com que houvesse enorme movimentação por parte dos integralistas bem como o empenho para que o objetivo final – chegar ao poder – fosse cumprido. Bertonha apresenta uma campanha eleitoral liderada por Everaldo Leite na AIB. Tal campanha tinha como objetivo a potencialização do setor de imprensa e propaganda do partido, além de destacar sobre uma espécie de “meta” a qual os/as militantes deveriam cumprir: o envio de dez cartas por cada integralista em defesa da candidatura do Chefe Nacional. No entanto, nada é falado sobre o papel que as blusas-verdes tiveram dentro do contexto eleitoral.

Em um texto, Rosa Maria Feiteiro Cavalari (2004) discorre sobre “A educação no projeto integralista”. A autora aponta para a mulher como o principal agente da educação (CAVALARI, 2004, p. 97). Destacando sobre a importância do papel feminino no programa educativo da AIB, estabeleceu-se que de acordo com a natureza feminina, elas deveriam ser direcionadas ao setor educacional – que posteriormente assim como aponta Cavalari, assumiu uma conotação eleitoral. Nesse sentido, se aproximando das eleições, em 1936 as campanhas de alfabetização são intensificadas, principalmente em adultos, que seriam os/as eleitores/as em potencial.

O caráter eleitoral que a educação integralista assumiu, sobretudo a partir de 36, pode ainda ser comprovado através da leitura de uma das Diretrizes que a Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos enviou, em 14937, a todas as Secretarias Provinciais, conclamando as Blusas-Verdes a participarem da campanha eleitoral. Esse documento, depois de considerar de suma importância a cooperação feminina nos serviços de preparação e qualificação eleitoral, conclamava a mulher brasileira e, principalmente a mulher integralista, que sabe querer trabalhar até o sacrifício para as grandes causas, a conseguir, através do Departamento Feminino, a glória de alistar dois terços, pelo menos, dos eleitores da A.I.B. (CAVALARI, 2004, p. 100-101).

Na edição de número 19 do Monitor Integralista de Maio de 1937, a S.N.A.F.P. (Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos) envia uma circular para as demais secretarias provinciais. Tal mensagem, assim como aponta Cavalari (2004), chamava atenção para a importância da mulher integralista para o sucesso da campanha eleitoral. Irene de Freitas Henriques, secretária nacional da S.N.A.F.P. elege 10 questões a serem lembradas e cumpridas pelas militantes. São eles:

- 1- A qualificação urgente e imediata de todas as “Blusas-Verdes” não eleitoras e com qualidades para tal.
- 2- A formação de uma massa eleitoral integralista, pela alfabetização rápida das companheiras analfabetas.
- 3- Trabalhar para que o integralista analfabeto consiga aprender o mais depressa possível, a fim de poder fazer o seu requerimento e obter o título de eleitor para as próximas eleições.
- 4- Qualificação das pessoas das famílias dos nossos companheiros, simpatizantes e amigos.
- 5- Organizar o trabalho por grupos que farão visitas a fábricas e a domicílio angariando alfabetizantes e facilitando assim as qualificações.
- 6- Divisão do Município por zonas com uma encarregada para cada zona.
- 7- Prestar serviços à Chefe Provincial na alfabetização rápida de todos os companheiros e simpatizantes.
- 8- Organizar no serviço coletivo em turmas pequenas ou se preciso individual, para alfabetização.
- 9- Lembrar a toda “Blusa-Verde” que ela tem o dever de responder pelo preparo de um analfabeto e pelo alistamento de um eleitor o mínimo.
- 10- Nas localidades onde estejam fechadas as nossas sedes, que cada lar de “Blusa-Verde” seja um centro eleitoral.

Na edição em que estão registrados esses 10 tópicos, o foco principal das publicações são as eleições, contando, inclusive, com uma resolução que indica a procedência para a escolha de um candidato do partido para às eleições presidenciais. No que se refere diretamente às blusas-verdes, os deveres supracitados destacam a importância da qualificação das militantes como eleitoras, assim como de seus/suas familiares e amigos/as, além da alfabetização do máximo de pessoas que conseguirem. A secretária Irene de Freitas Henriques na seção “A mulher e o alistamento eleitoral” salienta que a vitória do partido depende do esforço do departamento feminino, ou seja, do trabalho intensivo de qualificação dos/as eleitores/as.

Como sabeis, estamos em plena campanha eleitoral para a sucessão presidencial e renovação do legislativo federal e o nosso movimento depende em grande parte de nosso sucesso. São, portanto, preciosos os momentos para o trabalho de qualificação de eleitores para o referido pleito. E a mulher brasileira e principalmente a integralista sabe querer e trabalhar até o sacrifício pelas grandes causas, por isto, certa estou de que o Departamento Feminino será dado a glória de conseguir alistar o maior número dos eleitores da A.I.B. (HENRIQUES, 1937, p. 03)

Embora a historiografia sobre o integralismo de forma geral não evidencie a relevância das militantes para o funcionamento do partido, os registros da imprensa da AIB apontam as expectativas e deveres que foram delegados a elas. Tais registros evidenciam as possibilidades de discussões referentes às ideias fixas sobre mulheres conservadoras, bem como a forma em que são postas como espécie de “acessório” na história do Integralismo.

Em “Integralismo: Problemas, perspectivas e questões historiográficas” (2014), João Fábio Bertonha propõe apresentar alguns temas de pesquisa que podem ser considerados “mais ou menos esgotados (...) e quais os mais férteis para serem explorados e/ou retrabalhados” (BERTONHA, 2014, p. 18). Dividindo a obra em alguns eixos, o primeiro foi definido como “bases sociais do movimento”. O primeiro tópico deste primeiro eixo é referente “as mulheres”.

Bertonha inicia o tópico salientando sobre a “história de gênero” e a busca pelo rompimento com a pouca atenção que outras escolas davam “à problemática feminina bem como responder às demandas colocadas à História pelo feminismo” (BERTONHA, 2014, p. 28). A partir disso, para o autor, a “história de gênero” oferece vários problemas, sendo um deles a definição do objeto. Questiona, ainda, sobre o problema em definir a construção das diferenças sexuais e, sendo assim,

(...) o que definiria ‘mulheres’ como campo de estudo? Haveria uma ‘experiência feminina’ comum e que transcende classe ou raça e que seria passível de recuperação e conversão em conhecimento histórico? E, nesse estudo da construção cultural da diferença, haveria espaço para algo mais do que as representações que formam construções? Outro risco que a história de gênero pode nos levar é a perda de contato com o mundo maior, renunciando ao conhecimento histórico em favor de uma arqueologia do saber, capaz de descrever realidades e objetos isolados, mas incapaz de dar algum sentido à experiência humana. (BERTONHA, 2014, p. 28)

Após realizar os questionamentos supracitados, o historiador aponta que os autores que trabalham com essa temática realizaram contribuições de que o discurso integralista sobre as mulheres poderia ser lido de forma diferente pelas próprias mulheres,

considerando um avanço da nova historiografia. Salienta também sobre os estudos de algumas historiadoras que escreveram sobre mulheres no integralismo, enfatizando sobre a grande importância de “cuidados metodológicos” nas análises realizadas por elas. O cuidado apontado por ele, é de não “deixar a questão de gênero ser desvinculada de outras maiores” (BERTONHA, 2014, p. 30) e, somente ao ter essa responsabilidade com a metodologia, a história de gênero teria trazido avanços para o conhecimento do tema.

Por fim, salienta que

Olhar o integralismo com uma visão feminina pode ter nos ajudado a compreender aspectos do movimento que não compreendíamos. Mas o olhar feminino é apenas mais um a ser integrado – e avaliado – dentro de uma totalidade. Sem isso, ele corre o risco de ser um olhar vazio e incapaz de ver seu próprio objeto. Ao final de todos os escritos, além disso, o grande problema de fundo permanece, sem ser resolvido. (BERTONHA, 2014, p. 31).

Isto posto, a partir das críticas e questionamentos levantados pelo autor, os estudos de gênero são reconhecidos como importantes para a abertura de outras possibilidades de análise dentro da historiografia integralista. No entanto, Bertonha parece considerar a história das mulheres como um campo de estudo duvidoso, visto que questiona sobre a existência de “uma experiência feminina” comum.

Maria Odila Leite da Silva Dias (2019) que analisa a importância da hermenêutica do cotidiano, afirma que a epistemologia feminista funde sujeito e objeto, compreendendo o sujeito como parte do mundo e não o contrário. Nesse sentido, esses estudos aderem ao historicismo (historicização), abrindo caminho para novas possibilidades, pois, a produção do conhecimento que busca historicizar a própria história, permite compreender a diversidade de mulheres diferentes das que foram determinadas pela cultura, estabelecendo uma construção das subjetividades plurais (DIAS, 2019).

A autora salienta que a crítica feminista se torna contextual, histórica e conjuntural, atrelada ao tempo, não aceitando a universalidade de totalidades, sendo imprescindível historizar os próprios conceitos, realizando uma crítica do conhecimento. Incorporar mudanças, contemplando a transitoriedade do conhecimento e valores culturais em processos de transformações no tempo, permite o pensamento de interpretações provisórias, rompendo com o imutável e permanente. Dias ainda ressalta que o “vir a ser” de mulheres como sujeitos históricos não obedece a leis universais, uma vez que depende das experiências múltiplas da forma de existir. Documentar as diferenças, mostrar a diversidade e pluralidade que as relações de gênero possuem, desmitificam conceitos universais em relação aos papéis femininos e verdades absolutas.

Assim, as problemáticas destacadas por Bertonha (2014) são levantadas a partir de uma visão tradicional historiográfica, não se atentando que os estudos de gênero ou história das mulheres, não diz respeito somente à polarização de feminino/masculino. Compreende e incorpora a diferença “dentro da diferença” como Joana Maria Pedro (2005) analisa. A autora aponta que a História não era apenas registro, mas sim a forma em como os sexos se organizavam e dividiam as tarefas e funções sexuais através do tempo, dessa forma, a narrativa histórica não é neutra, é uma narrativa sobre o sexo masculino (PEDRO, 2005, p. 87).

O autor realizou um importante trabalho publicado em 2010, em que reúne bibliografias sobre o integralismo produzidas nos anos de 1932 até 2007. Nessa coletânea, Bertonha incluiu 804 referências. Ao analisar de forma quantitativa, vimos que apenas 22 trabalhos destes 804, abordam em seus títulos sobre questões femininas – considerando “mulher”, “feminina”, “família” e suas variações de escrita<sup>14</sup>. Ou seja, de todos os estudos realizados até o ano de 2007, aproximadamente apenas 2,74% se propuseram a pensar nas mulheres como objeto de estudo.

Não obstante, passados mais de 10 anos do recorte temporal utilizado por João Fábio Bertonha, os números em relação aos trabalhos produzidos sobre mulheres podem ter aumentado. No entanto, comparado a grande quantidade de estudos realizados sobre os mais diversos temas, como poderiam os estudos sobre as mulheres no integralismo serem considerados como uma espécie de “acessório” da história?

Por mais que tenhamos realizado crítica aos autores sobre o não aparecimento de mulheres pela normalização do masculino como universal e/ ou o reforço do estereótipo que as tira a autonomia de decisão, isso não significa o descarte das mais diversas análises realizadas por eles. No entanto, é necessário um olhar crítico e questionador para pensar os conceitos fixados na escrita da história os quais não incorporam as relações de gênero como instrumento de análise.

---

<sup>14</sup>Jefferson Rodrigues Barbosa, 2002; Tatiana da Silva Bulhões, 2004; Tatiana da Silva Bulhões, 2005; João Ricardo de Castro Caldeira, 2004; Márcia Carneiro, 1997; Márcia Carneiro, 1999; Sandra Mcgee Detusch, 1997; Sandra Mcgee Detusch, 2001; Sandra Mcgee Deutsch, 2002; Pedro Ernesto Fagundes, 2006; Marcos Cezar de Furtado, 1933; Endrica Geraldo, 2001; Emma Grant, 1993; Daniel Henrique Lopes, 2002; Virgínia Mancilha, 2007; Everton Pimenta, 2006; Lídia Maria Vianna Possas, 2002; Lídia Maria Vianna Possas, 2004; Plínio Salgado, 1946; Giselda Brito Silva, 2005; Giselda Brito Silva, 2007;

## 2 “SUBLIME MISÃO”: FUNÇÕES E DEVERES FEMININOS

Neste capítulo, apresentamos as análises realizadas que tangem ao papel das mulheres no Integralismo. A partir da seleção de fragmentos das fontes impressas já apresentadas – que eram direcionadas tanto para mulheres, quanto de mulheres ou sobre mulheres, – analisamos não só o que foi estabelecido como comportamento e postura as militantes, mas também qual o pensamento dos integralistas sobre as mulheres em geral.

A complexidade ideológica referente ao padrão feminino é um dos pontos principais levantados para a discussão. Ora tendo proibições, mas dependendo da situação/ motivos considerados justos – que não foram detalhados nas fontes –, concessões eram feitas. Não deveriam ser entregues à feminilidade, mas também não deveriam ser “masculinas”. Precisavam ser belas e delicadas. Assim, ao entendermos qual era a visão que Plínio Salgado e a imprensa integralista estabelecia sobre as mulheres, compreendemos não somente base ideológica integralista, mas os lugares em que eram por elas ocupados e os discursos propagados, bem como as transgressões de limites encontradas.

O pensamento cultural que assume a inferioridade das mulheres como verdade, é presente não somente na sociedade brasileira da década de 1930 – analisado na presente pesquisa através da regulamentação do trabalho feminino em prol da sua dedicação no lar, ou até mesmo a cobrança de santificação e pureza pela doutrina cristã – mas também na doutrina integralista. As fontes evidenciam que as blusas verdes ocuparam posição intermediária, sendo associadas a natureza, mas percebidas também como participantes da cultura. Sherry Otner em “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?” (1979) propõe analisar a lógica e as fontes sociais e culturais que implicam na subordinação feminina pelo pensamento de inferioridade do sexo.

Inicialmente a autora afirma que o status secundário feminino na sociedade é uma das verdades universais, mesmo que existam concepções culturais específicas e diversas simbolizações (OTNER, 1979, p. 95). Ou seja, por mais que cada cultura tenha sua própria maneira e seus próprios termos, as mulheres de alguma forma são consideradas inferiores aos homens. A partir disso, como explicar essa desvalorização? Otner aponta que o determinismo biológico apesar de apresentar certa relevância, não engloba dados e diferenças que só adquirem significado dentro de uma estrutura com sistema de valores determinados culturalmente.

As categorias analíticas de “natureza” e “cultura” são postas no texto a partir da compreensão de que a atuação da cultura se apoia no poder de conseguir transcender as condições naturais e as transformar para seus propósitos, se demonstrando superior não somente pela diferenciação entre as categorias, mas pelo poder de transformação de uma pela outra – transformação da natureza pela cultura. Assim, “o plano da cultura sempre é submeter e transcender a natureza, se as mulheres são consideradas parte dela, então a cultura achará ‘natural’ subordiná-las, para não dizer oprimi-las” (OTNER, 1979, p. 102). Estabelecida a relação que aproxima as mulheres da natureza, a autora busca explicar os motivos pelos quais essa proximidade é considerada.

Sherry Otner aponta que a premissa dessa proximidade é o corpo feminino e sua função natural de reprodução. A capacidade de reprodução, além de as colocarem mais próximas da natureza, também as coloca em papéis sociais considerados inferiores culturalmente que aos dos homens. A autora utiliza de algumas análises de Simone de Beauvoir que conclui que a mulher mais do que o homem, é a vítima das espécies, visto que sua animalidade é mais manifesta, pois, a maioria das áreas e processos do corpo feminino não possuem funções aparentes para a saúde e estabilidade (OTNER, 1979, p. 103). Salienta-se também, que ao contrário disso, muitas vezes as funções causam desconforto e dor. Os seios, secreções ovarianas, menstruação e gravidez, são fatores exemplificados no texto como pontos voltados para a capacidade reprodutiva. A menstruação em específico é relacionada às emoções negativas e capaz de limitar ou até mesmo interromper a rotina da mulher, e em muitas culturas, as restringe de algumas atividades e contatos sociais. Em suma, as ideias de Beauvoir utilizadas por Sherry Otner fomentam as implicações negativas que a capacidade de reprodução do corpo feminino apresenta. Além do processo corporal sofrido, o papel social feminino também é visto como próximo da natureza. O processo físico implica no confinamento da mulher no contexto familiar e doméstico. A relação de mãe e filho/a que vai além da gestação e amamentação, direciona as mães como supervisoras de cuidadoras de seus/suas filhos/as, compreendendo o elo de mãe e filho/a como ligação natural (OTNER, 1979, p. 106).

Ainda de acordo com Otner, enquanto as mulheres desempenham funções de reprodução da vida e na criação de seres humanos – que são mortais –, não possuem funções de criação de objetos culturais, duradouros e transcendentais. Em contraste, os homens tiveram mais oportunidades de atuar culturalmente, dominando a criação de objetos e instituições que transcendem o tempo e perduram. Esse processo de criação

cultural permite que os homens sejam percebidos como diretamente ligados à cultura, incluindo manifestações culturais, práticas religiosas, rituais e políticas.

Como supracitado, há reconhecimento na participação feminina na cultura, levando em conta que de acordo com a autora, a mulher é o primeiro agente de socialização da criança, transformando-a em ser humano e a ensinando. Arelada principalmente à natureza, mas também sendo importante no processo de sociabilidade cultural, a posição colocada sobre o feminino é de mediadora, compondo um “status médio”. Assim, a posição de inferioridade a qual a mulher é vista, possibilita a submissão delas pelos homens, visto que a cultura transcende a natureza.

## 2.1 “A MULHER INTEGRAL TERÁ: CÉREBRO DE HOMEM, FÍSICO DE MULHER, CORAÇÃO DE CRIANÇA”

Juntamente ao padrão de mulher esperado da época, a AIB tinha a sua própria percepção de como deveria ser a figura feminina. Além dos padrões expostos pelo próprio Chefe Nacional, a imprensa integralista possuiu papel fundamental para a disseminação e imposição do ideal feminino integral. Apesar de resistência inicial por parte de historiadores/as em utilizar os impressos como instrumentos de análise, como aponta Tania Regina de Luca (2008), a imprensa se torna um importante objeto da pesquisa histórica. No presente estudo, utilizamos os escritos de Plínio Salgado e periódicos da imprensa integralista. Eles nos permitiram pensar em como as militantes eram representadas, tanto por meio da visão masculina, quanto a partir delas mesmas, bem como a manutenção e/ou ruptura com o que era proclamado como ideal de mulher.

A *Anauê!* compõe parte da mídia impressa integralista da década de 1930. Contemplando 22 edições, a revista variou o seu conteúdo entre textos e imagens. Em um estudo, Rodolfo Fiorucci (2021) propôs realizar uma análise em relação às estratégias fascistas na revista integralista *Anauê!*. Ao buscar compreender como a revista se tornou importante ferramenta na difusão dos ideais integralistas, Fiorucci apresenta as estratégias utilizadas para construir uma imagem positiva do partido. O autor aponta que na revista, a AIB “Atacava o liberalismo, a modernização, a emancipação feminina, o comunismo e a urbanização (...)” (FIORUCCI, 2021, p. 45). Além de elencar inimigos diretos do partido, nas páginas da revista encontramos a exposição de ideias que eram direcionadas

especificamente ao público feminino e que serão analisadas juntamente com os ideais do Chefe Nacional.

“A Mulher no Século XX” (1949)<sup>15</sup> foi um dos livros escritos por Plínio Salgado. Nele, podemos compreender qual a ideia do autor sobre como deveriam ser as mulheres, quais seriam os seus papéis e área de atuação, não apenas no Integralismo, mas em todas as esferas da sociedade.

A concepção de Salgado sobre o papel feminino reflete diretamente na formulação da ideologia integralista, no que diz respeito sobre a militância feminina e seus deveres. Nas publicações estampadas nos impressos integralistas, as ideias do Chefe Nacional sobre as mulheres podem ser percebidas por meio de outros/as integralistas em seus artigos de opinião.

Joana Maria Pedro (2005) aponta que assim como em toda a história, houve expectativas masculinas em relação ao ideal feminino, algo que no Integralismo é baseado na moral cristã. Pierre Bourdieu (1999) aponta que as diferenças visíveis entre os corpos masculinos e femininos, levando em consideração a visão androcêntrica, se tornam significações indiscutíveis que constituem os símbolos que afirmam a divisão entre os corpos, tanto no sentido biológico, quanto na hierarquização dos sexos a qual perpetua a dominação masculina<sup>16</sup> A partir dessa divisão estabelecida, Salgado aponta para as necessidades do cumprimento fiel por parte das mulheres em relação ao seu papel natural para que não somente sua moral seja prejudicada, mas a pátria como um todo.

Para que haja a manutenção da divisão dos papéis sexuais, que aqui afetam diretamente as blusas-verdes e o ideal de mulher, o chefe integralista aponta para uma série de normas consideradas corretas – que apresentaremos a seguir – e que resultam, em suma, no controle do corpo feminino. Esse controle como é salientado por Bourdieu (1999), é uma tendência da socialização – transmitida ao longo do tempo – que relacionado ao feminino, a moral e corpo se fundem.

---

<sup>15</sup> SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX**. São Paulo: Guanumby, 1949.

<sup>16</sup> No verbete “Bourdieu e a dominação masculina” no dicionário crítico de gênero, Tedeschi aponta que as relações sexuais são socialmente instituídas com referenciais de masculinidade de feminilidade, cujas manifestações perpassam o universo habitado por dominantes e dominados. Por se tratar de uma construção simbólica, a operação da dominação culmina em uma naturalização dessa divisão a qual é estruturada socialmente. COLLING; TEDESCHI, 2019, p. 83-86.

### 2.1.1 “A mulher deve realizar-se em sua plenitude biológica”

Sendo um dos livros escritos por Plínio Salgado, líder integralista, “A Mulher no Século XX” (1949) nos permite compreender quais eram as concepções do autor sobre as mulheres. O livro evidencia quais deveriam ser seu papel e área de atuação, não somente no Integralismo, mas na sociedade em geral. As premissas que baseiam os pensamentos de Salgado são a moral religiosa e a Biologia da virada do século XIX para o século XX. Nesse sentido, a divisão dos papéis sexuais é definida a partir do determinismo biológico o qual resume a mulher em sua capacidade de reprodução, portanto, para o Chefe Nacional, “a mulher deve realizar-se em sua plenitude biológica” (SALGADO, 1949, p. 69).

A principal crítica do autor é sobre o materialismo, o qual apontaria para a família cristã como a responsável por colocar a mulher em um papel subalterno e promover a manutenção dos prejuízos inerentes ao patriarcalismo na sociedade (SALGADO, 1949, p. 40). Nessa perspectiva o autor vai apontar para esses argumentos como primitivos, uma vez que

Quanto ao cristianismo, ele veio acrescentar ao sentido meramente afectivo, que unia os pais e a prole, o alto sentido de uma suprema finalidade em Deus, o que dignificou o homem e a mulher, corrigindo os erros que na sociedade pagã levaram muitas vezes à degradação dos cônjuges e especialmente a esposa. (SALGADO, 1949, p. 41)

O lema integralista “Deus, pátria e família” aponta a importância que a doutrina cristã tem para os/as militantes, juntamente ao amor pela pátria e a instituição familiar. No trecho supracitado, Plínio Salgado enfatiza que a espiritualidade e o cristianismo, ao contrário do que era posto pelos materialistas – ou pela falsa ciência/ ciência do mal, como apontados por ele –, seriam aqueles que dignificam a mulher, que pacifica e, em Deus, traz um sentido à sociedade. Sendo o catolicismo uma das principais bases ideológicas de Salgado e, conseqüentemente da AIB, o autor salienta que, sem Deus, todos os fundamentos intelectuais e morais são perdidos pelas mulheres.

A partir do pensamento que entende a realização e finalidade feminina advinda de sua plenitude biológica, o autor aponta a forma em que o preparo da mulher deve acontecer para que assim, esse objetivo de realização possa ser cumprido. No entanto, antes de definir sua concepção sobre o conceito de “mulher” e o que isso implica, o líder se debruça a expor seu entendimento sobre o conceito de igualdade, destacando que sua compreensão não é a mesma “usada por propugnadores da sua emancipação”

(SALGADO, 1949, p. 69). Ou seja, a igualdade que ele aponta existir entre homens e mulheres não é a mesma a qual os/as defensores/as da emancipação feminina defendiam.

Plínio Salgado aponta que assim como o homem, a mulher é feita da mesma tríplice expressão: física, intelectual e espiritual, sendo, portanto, igual, tendendo ao mesmo fim.

O homem e a mulher têm necessidades, aspirações, direitos e deveres tanto no que concerne à sua subsistência física, como à interferência na vida político-social e às aspirações religiosas. Dentro dessa tríplice concepção, a mulher é absolutamente igual ao homem, tendendo ao mesmo fim que ele, e tudo o que é lícito e bom para o homem, também é lícito e bom para a mulher. (SALGADO, 1949, p. 70)

A partir da compreensão do autor sobre composição do ser humano de forma geral, que abrange estes três pontos cruciais da existência, as questões formuladas por Salgado indicam para uma certa igualdade que se dá de forma contraditória. O tal destino sendo a finalidade tanto do homem quanto da mulher, segundo ele, se manifesta na diversidade tanto orgânica, quanto física.

“Por conseguinte, a mulher integral, a mulher que se realiza na plenitude biológica e espiritual, não é superior nem inferior ao homem: é diferente.” (SALGADO, 1949, p. 71). Ora, se ambos são plenamente iguais em sua tríplice, como é possível que haja diferenciação de funções determinadas e esperadas a serem desempenhadas para a realização desse objetivo comum? Quais diferenciações seriam essas? Qual o objetivo comum? Nesse sentido, ambos os sexos seriam o complemento um do outro, ao passo que cada um possui funções sociais que decorrem de sua própria diversidade referente ao sexo biológico. Assim, tanto os direitos como deveres de cada um dos sexos são de igualdade no cumprimento do que é necessário para a realização de suas finalidades.

Concluindo seu pensamento, homem e mulher são complementares um ao outro e, com isso, limites são estabelecidos para que não se confundam os papéis. Dessa forma, se não existissem funções naturalmente determinantes para cada um dos sexos, “a natureza não seria lógica, porque a si mesma se negaria nas consequências do fundamento biológico da diferenciação pré-estabelecida.” (SALGADO, 1949, p. 72). Dito isso, a estrutura de socialização e divisão sexual se mostra presente e naturalizada, visto que as divergências funcionais são postas como o único caminho possível e lógico para o cumprimento do destino natural da existência humana.

A partir da compreensão do pensamento Plínio Salgado sobre a complexidade existencial, tanto no que concerne nos deveres da mulher, quanto sua finalidade e os

direitos para que a dita finalidade seja contemplada, Salgado explicita sobre as funções sociais femininas.

### 2.1.2 “Missão maternal da mulher”

Ao destacar a diferença social entre homem e mulher, o autor afirma “ora, na mulher, a função que a distingue do homem manifesta-se na maternidade. Logicamente, toda a acção da mulher no meio social, desde os círculos da família até os mais amplos círculos da vida colectiva, tem de proceder daquela função” (SALGADO, 1949, p. 73). De forma clara e objetiva, quase que como um dado óbvio, a maternidade é apontada como o grande diferencial entre homem e mulher. Salgado evidencia também que toda acção feminina deve ser exercida no sentido maternal.

A partir da concepção do autor que limita a mulher ao seu corpo pela capacidade de reprodução, entendendo a maternidade como natural do feminino, Plínio Salgado aponta que em razão de qualquer motivo justo, não importa que a mulher não tenha filhos/as, pois a questão primordial é que toda acção feminina exercida em seu meio, seja acções maternais. Mesmo que a mulher seja solteira, o autor enfatiza que ela possui, espiritual e sentimentalmente uma missão maternal, podendo ser exercida tanto em favor dos irmãos, sobrinhos, pais, ou em benefício do meio social em que vive (SALGADO, 1949, p. 74).

No que toca à mulher com filhos, verificamos que as próprias condições da maternidade, obrigando-a a uma vida sedentária, pelo menos no tempo da gestação e aleitamento e, depois, da própria vigilância da prole, são indicações de que a natureza exige dela uma tarefa directamente ligada à existência da criança. Que tarefa é essa? Precisaremos gastar longas palavras para dizer que é a da educação dos filhos? Ou a natureza terá sido tão inepta, ao ponto de não completar o ciclo do fenómeno da procriação, apenas exigindo que a mulher tenha os filhos e depois os abandone, para ir entregar-se a ocupações que competem ao homem, como o grangeio do alimento e defesa do lar? (SALGADO, 1949, p. 76).

Ao se dirigir às mulheres que possuem filhos, o Chefe integralista reforça as análises de Simone de Beauvoir (1949) salientadas por Sherry Otner (1979) quando apontam que o processo físico da mulher, implica directamente no confinamento da mulher no contexto familiar e doméstico. Não sendo necessário somente que a mulher gere os filhos e amamente, a educação também é vista como obrigação natural do sexo feminino. Essa questão que reflete directamente na ligação e obrigação eterna da mãe com o filho,

reforça a divisão dos papéis entre homens e mulheres, pois, se é natural da mulher que tenha a responsabilidade de educar e zelar pelos filhos, é natural do homem que cuide da provisão do lar e atue no âmbito público/ cultural.

Deborah Kopke Resende (2017) apresenta uma revisão de literatura a qual propõe analisar a construção histórica e social da maternidade. Resende apresenta a análise de Elisabeth Badinter (1985) que aponta para três discursos dirigidos para que as mulheres modificassem suas práticas em relação aos filhos, visto que antes a dinâmica familiar não dava atenção às crianças. O primeiro é o econômico, dirigido aos homens esclarecidos sobre a tomada de consciência da importância da população para um país, atribuindo à criança valor mercantil devido ao potencial produtivo, considerado como riqueza econômica. O segundo discurso, é o filosófico que entende a criança como bem precioso e insubstituível para a sociedade e país. Já o terceiro e último é dirigido pelo Estado exclusivamente às mulheres. Nele, a figura feminina é nomeada como responsável pela nação, pois além da sociedade precisar delas, também era importante reconduzi-las as responsabilidades maternas (RESENDE, 2017, p. 179).

Resende destaca que a partir dos discursos que idealizam a mulher como importante pilar da estrutura familiar, ela se torna responsável pelo cuidado e educação dos/as filhos/as e as crianças se transformam em objetos privilegiados da atenção materna. De acordo com a autora, no Brasil, a alta taxa de mortalidade infantil foi encarada como um grande problema, visto a necessidade de desenvolvimento do país e, para isso, era preciso o aumento populacional no contexto colonial. Além disso, os discursos médicos e higienistas foram fundamentais para fomentar a ideia da maternidade como proveniente da natureza feminina, bem como o ideal sagrado de mãe.

Salgado afirma que a maternidade não é apenas uma função física, mas sim, é principalmente moral “porque nenhum homem ou mulher há (...) que não precise, nos momentos mais graves, dos conselhos, dos estímulos, dos conselhos maternos” (SALGADO, 1949, p. 78).

Uma nação onde as mães não são mães, na plena significação espiritual do termo, também os filhos não serão homens e mulheres dignos; e uma sociedade constituída de tais elementos pode construir máquinas, arranha-céus e mil confortos técnicos, mas não constrói uma civilização (SALGADO, 1949, p. 78)

Por fim, sobre as mulheres fica o encargo de que através de seus cuidados e ensinamentos, os filhos cresçam dignos, não tendo apenas a capacidade de produzir, mas de constituírem uma nação forte e digna.

### 2.1.3 Educação feminina: limites e riscos

No campo da educação da mulher, Plínio Salgado reconhece que naquele momento em que o Integralismo se desenvolvia, emergia o incentivo e reivindicação de mulheres quanto à instrução para que pudessem ter uma profissão – tendo em vista a intensificação do movimento feminista o qual analisamos no capítulo anterior. No entanto, para ele seria inútil o estudo para a mulher sem uma finalidade, apenas por “armazenamento de conhecimento” (SALGADO, 1949, p. 56), pois, sem a formação moral e religiosa, ela seria completamente incapaz de defender seus interesses.

“Levada por doentia curiosidade e cheia da presunção de que nada lhe acontecerá de mal, deixa-se levar muito mais facilmente do que os homens pela sedução do ‘algo novo’ e pelo anseio das experiências pessoais” (SALGADO, 1949, p. 59). Neste trecho, a educação feminina e a busca por realização de desejos pessoais são apontadas como risco. A busca pelo conhecimento é gerada pela impulsividade que, de acordo com o autor, é inerente ao sexo feminino, bem como a falta de resistência pelo que seria atrativo, tanto para o bem, quanto para o mal. Logo, tudo aquilo que é correspondente ao emocional, sentimental, subjetivo, apesar de ser característico do feminino, também se torna um risco pela falta “de controle”.

Além da atribuição do emocional e descontrole ao ser feminino, no começo do trecho Salgado afirma sobre a presunção da mulher de que nada de mal lhe aconteceria ao ser deixada levar pela busca de coisas novas. Que tipo de mal poderia afetar diretamente as mulheres a partir de suas buscas por conhecimento? Por quais motivos para as mulheres o conhecimento é negativo e limitado? Ao passo em que esse risco é apontado pelo Chefe, também é destacado que se a mulher realmente tiver vocação para aquilo que escolher, que ela não se esqueça que “acima do profissional, ela é uma criatura de Deus e *é mulher*” (SALGADO, 1949, p. 61). O destaque de “*é mulher*” foi realizado pelo próprio autor em seu texto, pondo quase que como óbvio que o fato de “ser mulher” é dado suficiente para que entenda o lugar em ela pode e deve ocupar. Visto o pensamento cultural de inferioridade feminina bem como o estudo de Otner (1979) aponta, considerada como superior e transcendente, a cultura é propriedade masculina. Dessa forma, o fato de ser mulher não compete em participar do domínio cultural. A autora aponta para a posição intermediária feminina a qual reconhece a mulher como

participante da cultura, no entanto, ser vista como mais próxima da natureza a coloca nessa posição de intermediária, logo, inferior. Visto que a finalidade da mulher para ele se resume na capacidade de reprodução, maternidade e a predominância do emocional – que se opõe a razão –, a busca por conhecimento e realização pessoal se torna um grande desvio estabelecido, esperado e cobrado.

Temos então a ideia principal de Plínio Salgado sobre a finalidade da mulher: a maternidade, por ser o natural, inerente ao sexo, toda mulher possuiria o necessário para cuidar da casa e dos filhos. Por ser uma questão considerada de extrema importância, o autor critica os baixos salários dados aos homens, pois assim, coloca a esposa em uma posição de abandonar ao lar em busca de sustento para a família “desviando-a do seu destino biológico”

Uma nação onde as mães não são mães, na plena significação espiritual do termo, também os filhos não serão homens e mulheres dignos; e uma sociedade constituída de tais elementos pode construir máquinas, arranha-céus e mil confortos técnicos, mas não constrói uma civilização (SALGADO, 1949, p. 78)

Não obstante, a importância ao materno, não é dada pela própria realização da mulher em si, mas pela consequência que ela traz. Por se tratar do futuro da sociedade, a figura da mãe presente, é o ponto crucial para a formação de futuros cidadãos que farão do país, um lugar melhor. Nesse sentido, coloca-se sobre esses sujeitos, a grandiosa missão de serem formadoras da sociedade futura.

Embora limitações sejam estabelecidas sobre a educação feminina, Plínio Salgado salienta a importância do preparo da mulher para o cumprimento da sua “missão educativa”<sup>17</sup>. Ainda no ambiente familiar, além de mãe, outro fator atribuído será o de esposa. Sendo responsável pela educação e criação dos filhos, é incumbido à mulher “estimular as virtudes do marido”<sup>18</sup>, como se o casamento fosse uma espécie de extensão da maternidade a qual implica em cuidar do esposo e incentivá-lo como se fosse um filho, pois se não o fizer ele pode perder o interesse por ela ou pelos padrões da vida moral (SALGADO, 1949). O ponto crucial em relação à instrução educacional feminina, é de que a partir da compreensão do que é pertinente, justo, digno, valoroso, que ela não seja supérflua e banal (SALGADO, 1949).

A partir das ideias postas até o momento, para Plínio Salgado, o papel feminino ao mesmo tempo em que tem uma finalidade específica, em alguns pontos se desdobra

---

<sup>17</sup> SALGADO, 1949, p. 79

<sup>18</sup> SALGADO, 1949, p. 82

para outras esferas. Algumas contradições são postas através de possibilidades que se abrem a partir de situações específicas, ficando subjetivo sobre a escolha e caminho de cada mulher. Ao mesmo tempo em que ela deve seguir o caminho para a maternidade, que seria a realização de sua plenitude biológica devendo se dedicar exclusivamente para isso, há brecha para a entrada no mercado de trabalho. No entanto, essa brecha só é possível desde que seja para a própria subsistência e que não haja nenhum homem o qual possa trazer a providência para dentro do lar.

Somando à teoria escrita no livro de Salgado, a imprensa integralista nos permite analisar na prática como o pensamento do chefe se manifesta não somente através dos discursos advindos dos camisas-verdes, mas também das próprias mulheres sobre elas mesmas.

## 2.2 BLUSAS-VERDES: ANÁLISE DE FUNÇÕES E DEVERES FEMININOS A PARTIR DA PREMISSA INTEGRALISTA POR MEIO DA IMPRENSA DA A.I.B

Além das ideias de restauração da nação que transbordavam no bojo da sociedade brasileira, bem como já exposto no capítulo anterior, a AIB também propunha uma espécie de “aprimoração das próximas gerações”<sup>19</sup>. Para isso, a responsabilidade das tarefas maternas se torna uma carreira nobre e com função de não somente cuidar da saúde e educação dos/as filhos/as, mas de manter o equilíbrio da instituição familiar resultando na prosperidade da Nação<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup> De acordo com Maria Eunice de S. Maciel, a eugenia foi criada no século XIX por Francis Galton, composta por conjunto de ideias de práticas que visavam o “melhoramento da raça humana”. A partir disso, a hereditariedade era vista como destino dos indivíduos, assim ao “eliminar” da sociedade as pessoas que apresentavam características ou enfermidades consideradas indesejadas, as futuras gerações seriam melhoradas. A autora ainda destaca que essa ideia não era aplicada aos indivíduos, mas sim a determinados grupos. Como exemplo, Maciel aponta para o Nazismo e o uso do discurso em relação a uma “raça pura”, tendo como solução o extermínio dos considerados diferentes/ impuros. Para saber mais, consultar: Maria Eunice de S. Maciel, 1999.

<sup>20</sup> A ideia de “Nação” no presente trabalho, tem como base os estudos de Benedict Anderson (2008). O autor aponta que, para ele, a nação é uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana (ANDERSON, 2008). A partir da concepção dada, encontramos quatro aspectos da definição de acordo com Anderson. A nação é imaginada, pois mesmo que seus membros não conheçam todos os componentes, existe a viva imagem de comunhão. É limitada, pois nenhuma delas imagina ter a extensão da humanidade. Por fim, é soberana, pois a liberdade sonhada só é garantida com o Estado Soberano. Dito isso, a Nação é imaginada como comunidade, visto que apesar da desigualdade e exploração dentro dela, a nação é concebida como profunda camaradagem horizontal (ANDERSON, 2008, p. 34). Para maior compreensão ver: Benedict Anderson, 2008.

Se tratando especificamente da política, o partido integralista desenvolveu estratégias para o desenvolvimento da população que resultariam, caso chegassem ao poder, em mudanças importantes no país. Foram criados departamentos que arregimentavam crianças e jovens, de ambos os sexos, aos quais desenvolveram atividades que abrangiam tanto a educação “moral, cívica e física”.

O *Monitor Integralista* (1933-1937) foi um importante jornal criado pelos integralistas. Nele estão contidas informações que contemplam a parte mais burocrática que envolve tanto questões partidárias como regimentos, resoluções, nomeações e dados sobre os departamentos. Nas páginas desse periódico encontramos dados mais específicos que tangem tanto a criação dos departamentos femininos e plinianos quanto os objetivos e atividades que deveriam ser desenvolvidas pelos/as dirigentes/ membros.

Na edição 15 de 1936, na seção da Secretaria Nacional de Arregimentação Feminina e de Plinianos, temos a seguinte finalidade do Departamento dos Plinianos: “O Departamento dos Plinianos tem por fim reunir, disciplinar e educar, através a escola activa, todos os brasileiros, de ambos os sexos, até os 15 annos de idade, de modo a realizar o seu aperfeiçoamento moral, cívico, intellectual e physico.” (MONITOR INTEGRALISTA, n. 15, 1936).

Logo na primeira edição da *Anauê!* em 1935, nos deparamos com um artigo intitulado de “Sublime Missão”<sup>21</sup> escrito por Floriano Japejú Thompson Esteves, chefe

---

<sup>21</sup> Mulher do meu Brasil, sublime a missão que vos está confiada, talvez breve, talvez remotamente, pouco importa. Sublime, sim, pela sua grandeza, sublime pela sua sinceridade, como pela sua finalidade. Escutae o que um camisa verde vos diz com a fé que anima toda camisa verde. Quero falar da vossa missão altíssima e sem par. Quero falar-vos daquilo que ides realizar de bello e majestoso, de incompravel e grande. Se fordes mãe, melhor comprehendereis aquillo que eu vos vou falar, por sentirdes, mãe brasileira, tão bem tudo quanto de grandioso se vaes realizar. Sentis tão profundamente os exemplos de fé e de amor que não podereis ter senão uma attitude, aquella ordenada pela vossa grandeza d'alma! Quero dizer-vos algo do vosso grande papel na formação de uma grande Patria. Quero desenhar pallidamente o quadro magnifico que as vossas mãos traçarão, dirigidas pelo vosso espirito repleto de sublimidade. E, depois de descrever-vos o que de grandioso ides realizar, então comprehendereis que uma unica attitude podeis tomar, aquella que um coração bem formado como o vosso, obriga ao se apresentar aquelle quadro de que acima eu vos falei. Pelas vossas mãos, mulher brasileira, construiremos uma grande Patria, tal como se fosse um unico lar feliz e puro. Pelas vossas mãos construiremos o Brasil que sonhamos, o unico Brasil que comprehendemos. Queremos ver em cada brasileiro a sentinela avançada da vossa grande obra; queremos ver em cada brasileiro o atalaia da honra, da dignidade e da liberdade. E só vós podeis realizal-o. Só vós, com o calor da vossa fé e o balsamo do vosso amor. Ides mostrar aos vossos filhos, a todas as crianças que vós embalae a verdadeira finalidade da criatura humana. Ides mostrar com a meiguice do vosso canto, tudo o que é bello, tudo o que é digno. Com o vosso exemplo indicareis a estrada do bem, com o vosso exemplo, ainda, ensinareis a necessidade do sacrificio. Serei vós a formadora de uma mentalidade sã, consciente e digna. Sereis vós o cadinho onde se calcinarão todas as virtudes que fazem do homem um ser superior. Enaltecendo o respeito, creareis na criança o espirito da disciplina, enaltecendo o amor creareis nella a solidariedade humana. Com a criação da solidariedade humana tereis criado aquillo de que ha pouco eu vos falei, tereis creado o Brasil dos nossos sonhos, um grande Brasil! Incutir a admiração pelos nossos heróes, o respeito aos nossos maiores, que pelo exemplo ou pela palavra trabalharam pela grandeza da Patria, e pela intelligencia construíram alguma, coisa de bello nas sciencias, nas letras, ou nas artes, doando-

do departamento de operações políticas (S.N.O.P.). Em meio aos escritos, três imagens são estampadas sendo cada uma delas, fotografia de três mulheres diferentes – uma delas é descrita como “Chefe da Divisão de Cultura e Sociabilidade do Departamento Feminino”. A partir de um rápido olhar sobre essas páginas da revista, ao ler o título e ver as fotos, fica claro que a dita “missão” é relacionada às mulheres.

---

nos esse patrimonio que formou a nossa nacionalidade, hoje periclitante, eis a vossa missão! Vêde, mulher brasileira, como é incompravel o vosso papel! Sois vós que ides crear o espírito de brasilidade na grande geração de amanhã. Citando, cantando, ou narrando tudo quanto de bello deixado por aquelles que crearam nossa nacionalidade, tereis cooperado para a formação de uma mentalidade robusta invencivel. Paara thema das vossas canções de embalo escolhereis os gestos dos nossos heróes. As historias dos nossos filhos serão calcadas nos rasgos de heroismo da nossa gente; os feitos de Caxias, ou de Ozorio, Tamandaré e tantos outros, os exemplos incomparaveis de Anchieta, os rasgos de heroismo do nosso bandeiranete ou da epopéa de atitudes guerreiras como a Retirada da Laguna. Serão destes e de tantos outros feitos organizadas todas as nossas historias infantis. E, então tereis creado o verdadeiro amor pelo brasil. Deixaremos e renegaremos para sempre as historias da Carochinha, os contos de fada ou as historias do bicho papão que incutindo o terror, despertam na criança o medo e a insegurança em si proprio. Vêde, mulher do meu Brasil, como será incomparável a vossa obra! Vossas mãos manejarão com arte o cinzel que arrancará da matéria bruta um momento de gloria, iluminado pelo vosso espirito cheio de sublimidade. Tudo ides realizar de grandioso e bom. A vossas armas serão o som mavioso do vosso canto, o manto do vosso doce olhar! E, ao ver-vos em atitude contemplativa, admirando o grupo sagrado do vosso amor, lembrae-vos sempre, mulher do meu Brasil que: - ‘A mão que embala o berço governa o mundo’ (ANAUÊ!, n. 1, 1935, p. 26)

# Sublime Missão

FLORIANO JAPEJÚ THOMPSON ESTEVES

(CHEFE DO DEPARTAMENTO COORD. E INSPECT. S. N. O. P.)

Mulher do meu Brasil, sublime a missão que vos está confiada, talvez breve, talvez remotamente, pouco importa. Sublime, sim, pela sua grandeza, sublime pela sua sinceridade, como pela sua finalidade. Escutae o que um camisa verde vos diz com a fé que anima todo camisa verde. Quero falar da vossa missão altíssima e sem par. Quero falar-vos daquillo que ides realizar de bello e majestoso, de incomparavel e grande. Se fordes mãe, melhor comprehendereis aquillo que eu vos vou falar, por sentirdes, mãe brasileira, tão bem tudo quanto de grandioso se vae realizar. Sentis tão profundamente os exemplos de fé e de amor que não podereis ter senão uma attitudé, aquella ordenada pela vossa grandeza d'alma! Quero dizer-vos algo do vosso grande papel na formação de uma grande Patria.

Quero desahar pallidamente o quadro magnifico que as vossas mãos traçarão, dirigidas pelo vosso espirito repleto de sublimidade. E, depois de descrever-vos o que de grandioso ides realizar, então comprehendereis que uma unica atti-



SRTA.  
DESIRÉE FRANÇA



A NOSSA COMPANHEIRA EXMA. SRA. D. ROSA  
MALTA LINS DE ALBUQUERQUE, GRANDE  
AMIGA DA REVISTA "ANAUÊ!"

tude podeis tomar, aquella que um coração bem formado como o vosso, obriga ao se apresentar aquelle quadro de que acima eu vos falei. Pelas vossas mãos, mulher brasileira, construiremos uma grande Patria, tal como se fosse um unico "lar fella" e puro. Pelas vossas mãos construiremos o Brasil que sonhamos, o unico Brasil que comprehendemos. Queremos ver em cada brasileiro a sentinella avançada da vossa grande obra; queremos ver em cada brasileiro o atalala da honra, da dignidade e da liberdade. E só vós podeis realizal-o. Só vós, com o calor da vossa fé e o bálsamo do vosso amor. Ides mostrar aos vossos filhos, a todas as crianças que vós embalaeis a verdadeira finalidade da creatura humana. Ides mostrar com a meiguice do vosso canto, tudo o que é bello, tudo o que é digno. Com o vosso

FIGURA 1. Artigo Sublime Missão

Fonte: Anauê! anno 1, n.1, janeiro 1935, p. 26

exemplo indicareis a estrada do bem, com o vosso exemplo, ainda, ensinareis a necessidade do sacrificio. Sereis vós a formadora de uma mentalidade sã, consciente e digna. Sereis vós o cadinho onde se calcinarão todas as virtudes que fazem



A SEMA. SRA. D. MARIA TELLES FERREIRA, CHEFE DA DIVISÃO DE CULTURA E SOCIABILIDADE DO DEPARTAMENTO FEMININO

de homem um ser superior. Enaltecendo o respeito, creareis na criança o espírito da disciplina, enaltecendo o amor creareis nella a solidariedade humana. Com a criação da solidariedade humana tereis criado aquillo de que ha pouco eu

vos falei, tereis creado o Brasil dos nossos sonhos, um grande Brasil!

Incutir a admiração pelos nossos heróes, o respeito aos nossos maiores, que pelo exemplo ou pela palavra trabalharam pela grandeza da Pátria, e pela intelligencia construíram alguma, coisa de bello nas sciencias, nas letras, ou nas artes, deando-nos esse patrimonio que formou a nossa nacionalidade, hoje periclitante, eis a vossa missão! Vede, mulher brasileira, como é incomparavel o vosso papel! Sois vós que ides crear o espirito de brasilidade na grande geração de amanhã. Citando, cantando, ou narrando tudo quanto de bello deixado por aquelles que crearam nossa nacionalidade, tereis cooperado para a formação de uma mentalidade robusta e invencível.

Para thema das vossas canções de embalo escolhereis os gestos dos nossos heróes. As historias dos nossos filhos serão calcadas nos rasgos de heroísmo da nossa gente: os feitos de Caxias, ou de Ozorio, Tamandaré e tantos outros, os exemplos incomparaveis de Anchieta, os rasgos de heroísmo do nosso bandeirante ou a epopéa de attitudes guerreiras como a Retirada da Laguna. Serão destes e de tantos outros feitos organizadas todas as nossas historias infantis. E, então tereis creado o verdadeiro amor pelo Brasil. Deixaremos e renegaremos para sempre as historias da Carochinha, os contos de fada ou as historias do bicho papão que incutindo o terror, despertam na criança o medo e a insegurança em si proprio.

Vede, mulher do meu Brasil, como será incomparavel a vossa obra!

Vossas mãos manejarão com arte o cinzel que arrancará da materia bruta um momento de gloria, illuminado pelo vosso espirito cheio de sublimidade.

Tudo ides realizar de grandioso e bom. As vossas armas serão o som mavioso do vosso canto, o manto do vosso doce olhar! E, ao ver-vos em attitude contemplativa, admirando o fruto esgado do vosso amor, lembrae-vos sempre, mulher do meu Brasil que: — "A mão que embala o herço governa o mundo."

ILLUMINAÇÃO EM GERAL		
<b>FABRICA METALLURGICA BRASILEIRA</b>		
<b>EMOINGT &amp; CIA.</b>		
Endereço Teleg. "EMOINGTCO"		
LOJA:	FABRICA:	
<b>75 - RUA 7 DE SETEMBRO - 75</b>	<b>95 - RUA CAMERINO - 95</b>	
TELEPHONES 23-5643 e 23-3945	TELEPHONE 24-1731	
RIO DE JANEIRO		LUSTRES, PLAFONNIERS, ARANDELAS, MATERIAL ELECTRICO, FUNDIÇÃO DE METAL, ESTAMPARIA E GALVANOPLASTIA

FIGURA 2. Artigo Sublime Missão

Fonte: Anauê! anno 1, n.1, janeiro 1935, p. 27

Assim como salientado no que tange a responsabilidade posta sobre as mulheres de serem a esperança da nação, Esteves reforça a mesma ideia, mas de uma maneira quase que poética. “Quero falar da vossa missão altíssima e sem par. Quero falar-vos daquillo que ides realizar de bello e majestoso, de incomparável e grande” (ESTEVES, 1935, p. 26). O militante integralista reforça diversas vezes e com tamanha intensidade a importância que as mulheres possuem para que o futuro do país fosse vitorioso, pois elas formariam uma mentalidade digna nos futuros cidadãos. “Vêde, mulher do meu Brasil, como será incomparável a vossa obra! ” (ESTEVES, 1935, p. 27).

Em “Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX” de Ana Paula Vosne Martins (2004) propõe analisar a construção das representações médicas sobre o corpo feminino ao longo dos séculos XIX e XX. A autora apresenta a forma em que os discursos médicos influenciaram na construção do social feminino a partir da formulação de projetos baseados em princípios higienistas. Martins destaca que a partir da concepção da família como “instituição-chave” para a reorganização social da sociedade, ela passa a ser investida de uma nova função política: produzir bons e saudáveis cidadãos (MARTINS, 2004, p. 223).

Partindo da necessidade de transformar a família redefinindo os papéis de seus/suas integrantes em prol da educação das crianças, é atribuído à mulher um novo significado na instituição familiar. Além das normas higiênicas, os discursos médicos apontavam para o problema da educação feminina, pois, “somente uma mulher saudável e instruída podia exercer bem seu papel de mãe e esposa” (MARTINS, 2004, p. 226). No artigo escrito por Esteves, os discursos médicos e intelectuais apresentados por Vosne Martins, se fazem presentes ao chamar a atenção das militantes para a sua responsabilidade e importância para o sucesso do projeto de reconstrução do Brasil. Ao longo de todo seu texto, o autor reafirma os estereótipos de feminilidade colocado sobre as mulheres e que são imprescindíveis para o cumprimento de sua sublime missão. Sobre isso, Bourdieu (1999) aponta para a constituição das mulheres pela dominação masculina, como objetos simbólicos em que é esperado que sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas e contidas (BOURDIEU, 1999, p. 82).

Na próxima edição da revista (n. 2)<sup>22</sup>, encontramos outra coluna dirigida às mulheres intitulada de “O papel da mulher na causa integralista” por Pedro Baptista, chefe provincial da Paraíba.

---

<sup>22</sup> “Anda avizado o movimento que firma a sua articulação argamassando em proveito do seu progresso o bem cooperado Serviço Social de que é capaz a pertinácia feminina. A campanha integralista é de fato uma campanha pedagógica. E quem, neste quartel, competirá em ternura e intuição com as nossas patricias, para marcar fundo no coração descrente da época as verdades insofismáveis afirmadas nas nossas diretrizes? A mulher exemplo: Sophia Germain, aludida por Teixeira Mendes, quando se entrega a um ideal demonstra possuir faculdades perceptivas muito mais aperfeiçoadas que o homem. Dai o seu papel na educação do próprio homem. Ela nos sabe tocar as recônditas moléculas da nossa vontade para nos infundir a centelha da fé, e, quando são a hora decisiva, jamais nos abandona, simbolica Vestal portadora do fogo sagrado, cada vez mais perto do nosso coração, nos acompanha dando coragem e lições de audácia que nos levam além do que julgávamos poder ir. Ainda há pouco, Agenor de Roure, recém-falecido, apelava para as mães brasileiras, num brado tocante, para que se puzessem ao serviço da nacionalidade curando os erros que uma pseudo civilização acumulara deturpando justamente o melhor que possuíamos dos ensinamentos cristãos. As mães, as esposas, as irmãs, no recesso dos nossos lares, nas fabricas como operarias, nas escolas, na vida do comercio onde formam poderosa parcela, onde quer que apareçam, estão nos indicando esse movimento que simbolizamos com o Sigma, ao qual elas se estão entregando intrepidamente, porque perceberam nele o verdadeiro sentido de brasilidade. O lastro de ensino cristão de que somos portadores e que de tão perto fala ao coração feminino lhes está indicando o vulto extraordinario do Integralista, soldado de Deus, da Patria e da Família, que quer realizar dentro do Brasil uma nova cruzada a que não falta um Pedro Eremita, porque o nosso Chefe – PLÍNIO SALGADO – pobre de haveres e posições, mas nababo do seu ideal, no curto espaço de dois anos consegue fazer rufar os quatrocentos mil tambores, ou sejam os quatrocentos mil corações vestidos pela armadura verde das nossas camisas. E quem sinão vós, minhas gentis patricias, seria capaz de infundir um tamanho ideal? Lembrados de vós, temerosos do destino que vos prepara um seculo negativista e dissoluto que quer extirpar Deus do coração do homem para reduzir este mesmo homem a alimaria, besta de carga, sem ideal, sem crença, sem finalidade, foi que iniciamos a nossa marcha. O integralista, soldado de Deus, soldado da Patria e soldado da Família, vê na camisa verde, essa armadura que uma patricia anonima teceu no calor mortifero de uma fabrica pela ninharia de uns réis e que outra patricia tambem anonima costurou recebendo em pagamento uma migalha, vê, repetimos, a prova da dedicação feminina e a necessidade de prosseguir a batalha. Só mesmo uma causa assim seria capaz de despartar-nos da indiferença a que nos trouxeram um conjunto de consequencias despensivas. Aqui estamos, dentro da finalidade da nossa doutrina, ao vosso serviço, gentis patricias! Bordo do Almanzora, 25-3-35.” (ANAUE! n. 2, 1935, p. 26)

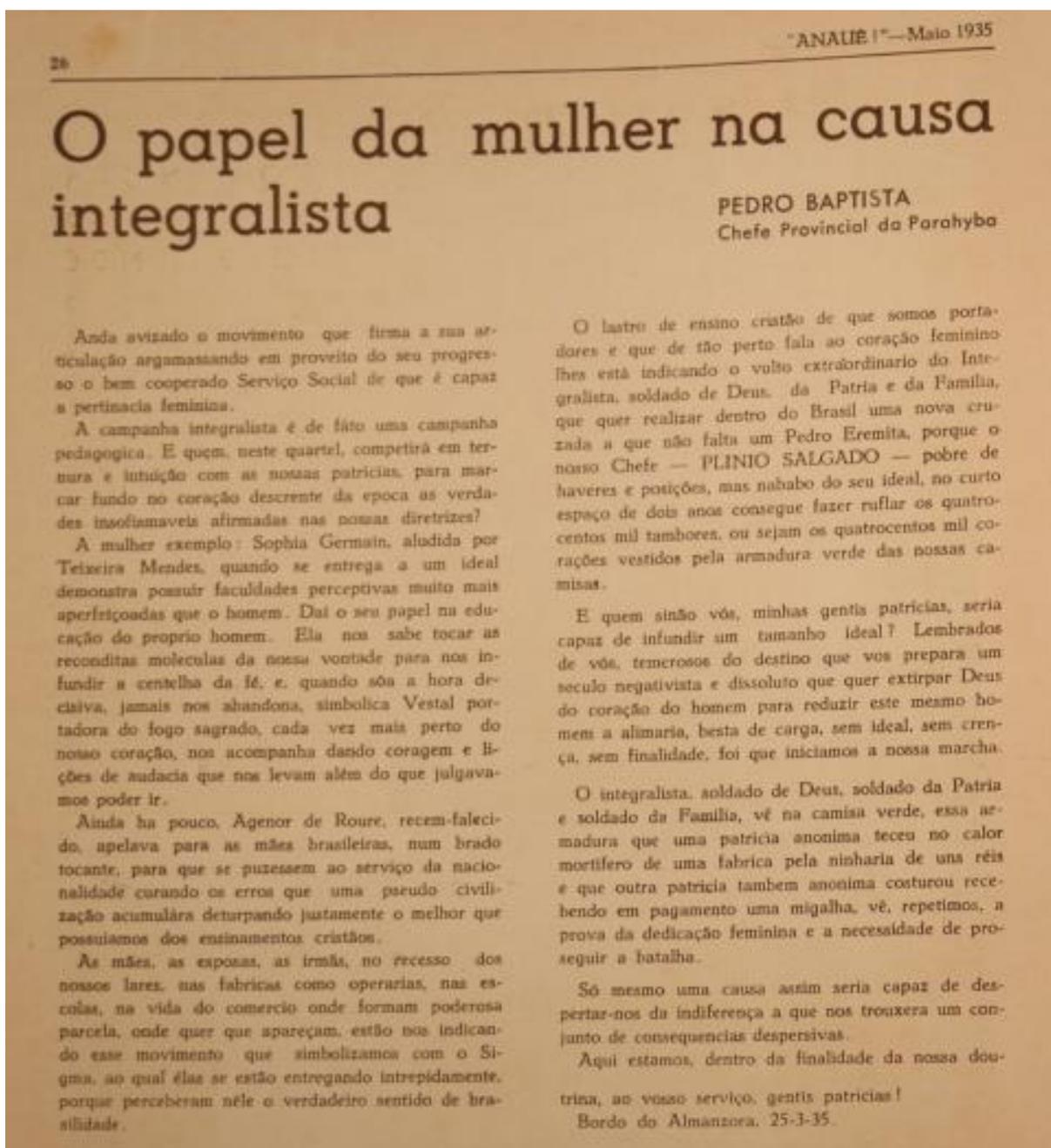


FIGURA 3. Artigo “O papel da mulher na causa integralista”

Fonte: Anauê! anno 1, n. 2, maio de 1935, p. 26

Pedro Baptista aponta para a importância das mulheres no movimento integralista, no entanto, sua relevância não é apontada somente pela maternidade, mas pelas qualidades naturais que possibilitam serviços sociais. Além disso, o autor destaca o papel da mulher como educadora, estendendo essa função para educar até mesmo o homem, visto que somente as mulheres saberiam despertar a fé e “curar os erros” da civilização por meio dos ensinamentos cristãos.

Em “Bondade, substantivo feminino: esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade” Ana Paula Vosne Martins (2013) discute sobre a associação da bondade com a feminilidade. A autora aponta que em textos antigos filosóficos e religiosos, “a bondade é a disposição para fazer o bem” e, “portanto, é ação virtuosa, requer disposição moral para afastar-se de si e dos interesses próprios imediatos com a finalidade de fazer o bem a alguém que esteja necessitado de algo (...) sem esperar retribuição, numa demonstração de elevação moral e espiritual” (MARTINS, 2013, p. 145). Nesse sentido, Martins destaca que nos discursos naturalistas, devido à maternidade, as mulheres são seres mais sensíveis e dotadas de sentimentos morais, principalmente os ligados à piedade e cuidados com os mais fracos (MARTINS, 2013, p. 147). A bondade passa a ser constituída como um atributo naturalmente feminino e, a partir disso, o discurso do integralista atribuiu às mulheres o dever de exercer sua feminilidade objetivando a construção de um país melhor, cuidando e educando.

A imprensa integralista nas primeiras edições enfatizou com muito afinco o dever da mulher no que tange à educação. Sendo esse dever construído a partir da visão naturalista de que compete ao sexo feminino e é proveniente de sua essência o ensinar e cuidar. Na edição de número 3 foi publicado um artigo intitulado de “Pedagogia” traduzido de uma revista Argentina a qual discorre sobre problemas na educação, mais especificamente a questão da língua escrita e falada. Em um dos trechos a qual evidencia a importância do “mestre” na educação, é salientado que:

Coração de mãe deve possuir quem queira instruir e educar porque nada convence como o amor, nem nada inspira tanta paciência, nem tanta abnegação, nem tanta vontade de ajudar. Amor é verdade, amor á perfeição humana, entusiasmo pela extensão do saber, pelo aumento da virtude, fidelidade á sua profissão, espírito de reflexão e firmeza de princípios, gravidade amenizada pela alegria do viver, conhecimento e estima da juventude, eis alguns dos predicados que deve possuir o mestre. (ANAUÊ!, 1935, p. 35)

Nesse sentido, os atributos necessários aos/as educadores/as para que haja um ensino eficiente são aqueles considerados maternos. É enfatizado que para as mulheres o amor, a paciência e o desejo de ajudar são naturais de seu ser, como tão bem aponta Martins (2013) sobre a feminilização de virtudes como a “pré-disposição” na abnegação e no ato de cuidar. Para além disso, a relevância sobre o amor como ferramenta na educação, reforça a ideia da construção do amor materno como intrínseco à natureza feminina, como Resende (2017) discorre em seu texto. Tendo isso em vista, ao aderir

essas características, o mestre teria as qualidades ideais para que pudesse cumprir seu trabalho com qualidade.

Algumas imagens que registram as militantes integralistas são acompanhadas de mensagens que reforçam a importância de suas ações para o desenvolvimento e sucesso do Sigma.



FIGURA 4. Marcha das blusas verdes

Fonte: Anauê!, n.21, 1937, p. 17



FIGURA 5. Grupos de blusas verdes

Fonte: Anauê!, n. 22, 1937, p. 32-33

Na figura 4 a qual é registrada diversas militantes em posição de marcha, enfileiradas, como título é utilizado uma frase de um poema de Willian Ross Wallace (1865). Tal frase, bem como o poema em si, reflete elogios às mães, colocando-as em posição fundamental no funcionamento do mundo. Como legenda das imagens, os escritores destacam: “Em todas as nossas cidades, ao rufo dos tambores plinianos e entoando canções patrióticas, desfilam as “blusas-verdes” do Brasil, numa afirmação magnífica de esperança e fé nos destinos da Raça.”.

Seguindo o mesmo rumo de ideias, a figura 5 representa bem o esforço dos editores em afirmar a importância feminina. Preenchendo as duas páginas da Anauê! de 1937, várias blusas verdes são apresentadas com o lema integralista “Pela pátria, por Deus, pela família.”. A descrição que se posiciona ao meio das imagens é a de:

A mulher brasileira não poderia deixar de participar do gigantesco movimento de ressurreição nacional levado a efeito pelos “camisas verdes” da Pátria. Temo-la, porisso, ahi, de blusa verde corajosa, impávida e entusiasta, a animar o seu irmão, o seu noivo, o seu esposo, o seu filho e o neto na santa cruzada em que se empenhou a honra de um povo e a dignidade de uma Raça. (ANAUE!, 1937, p. 32-33)

Diante das figuras supracitadas, o discurso sobre os atributos femininos no que se refere à maternidade, educação, sensibilidade e paciência para guiar a sociedade, presentes nos escritos de Plínio Salgado, são transpostos na imprensa integralista. Muito mais que isso, na figura 5 ao destacar a presença feminina na marcha integralista, é posto que a necessidade de sua participação se dava em animar os reais protagonistas do movimento, as figuras masculinas familiares. Uma vez que os homens tiveram o grandioso trabalho de “honrar o povo e a dignidade da raça”, era de responsabilidade de suas mães, irmãs, esposas e avós manter o ânimo e incentivo.

Isto posto, observamos que os diretores<sup>23</sup> da revista inicialmente deixaram claro que era essencial fazer com que o público feminino também fosse contemplado pelo conteúdo publicado. Mais importante do que fazer com que as mulheres se sentissem incluídas no partido, era imprescindível destacar a importância da sua participação de forma ativa, tanto como militantes ou até mesmo simpatizantes da AIB. Os artigos da revista que apontam diretamente para o papel da mulher no integralismo, não limitam os deveres apenas às blusas-verdes, mas utilizam da palavra “mulher” em sua forma ampla, deixando em aberto para as demais. A hipótese que trago para reflexão levando em consideração as publicações da Anauê! no que tange a relevância das mulheres para a movimento do Sigma, é de que ao adentrarem no âmbito político após a luta pela aprovação do sufrágio universal, o Integralismo encontrou nas mulheres, importante público a ser conquistado e integrado. A partir disso, ao chamar a atenção para o papel imprescindível que elas poderiam desempenhar no partido, podendo agora participar como eleitoras, o integralismo aumentaria a quantidade de votos nas próximas eleições, aumentando as chances de chegada ao poder.

Para que a “sublime missão” da mulher possa ser realizada, ela precisa ser casada. Assim como expectativas são postas em como ela deve ser mãe e cuidar dos/as filhos/as, o mesmo também acontece dentro do matrimônio. Em diversos momentos na imprensa integralista são noticiados casamentos dos/as militantes, seja através de pequenas notas, como de fotos da cerimônia assim como nas figuras abaixo:

---

<sup>23</sup> A direção da revista Anauê! inicialmente era responsabilidade de Eurípedes Menezes. Posteriormente, o cargo de diretor passou a ser de Manoel Hasslocher. Ver: Rodolfo Fiorucci, 2021.



FIGURA 6. Casamento Integralista

Fonte: Anuê!, n. 3, 1935, p. 22

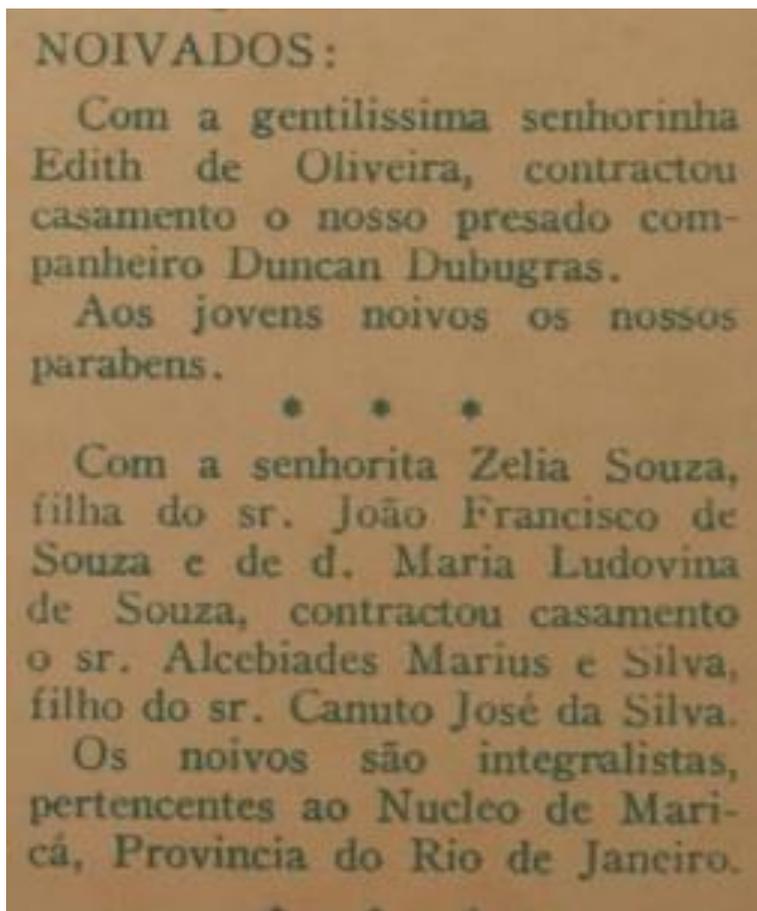


FIGURA 7. Notas sociais – noivados

Fonte: Anauê!, n.3, 1935, p. 43

Na figura 6 que registra um casamento integralista, encontramos tanto os noivos quanto seus/suas convidados/as uniformizados/as com a farda e em posição de saudação de “anauê”. No jornal Monitor Integralista n.18 de 1937 na sessão “Protocollos e Rituaes da AIB” encontramos um tópico que diz respeito aos casamentos integralistas. Tal protocolo abrange desde a vestimenta do noivo, noiva e convidados/as, quanto os posicionamentos e falas que deveriam ser declamadas na cerimônia.

Na revista Anauê! edição de número 3<sup>24</sup> de 1935, encontramos o “O decálogo da boa esposa”. Direcionado diretamente às mulheres, 10 espécies de mandamentos são apresentados para que as leitoras da revista seguissem:

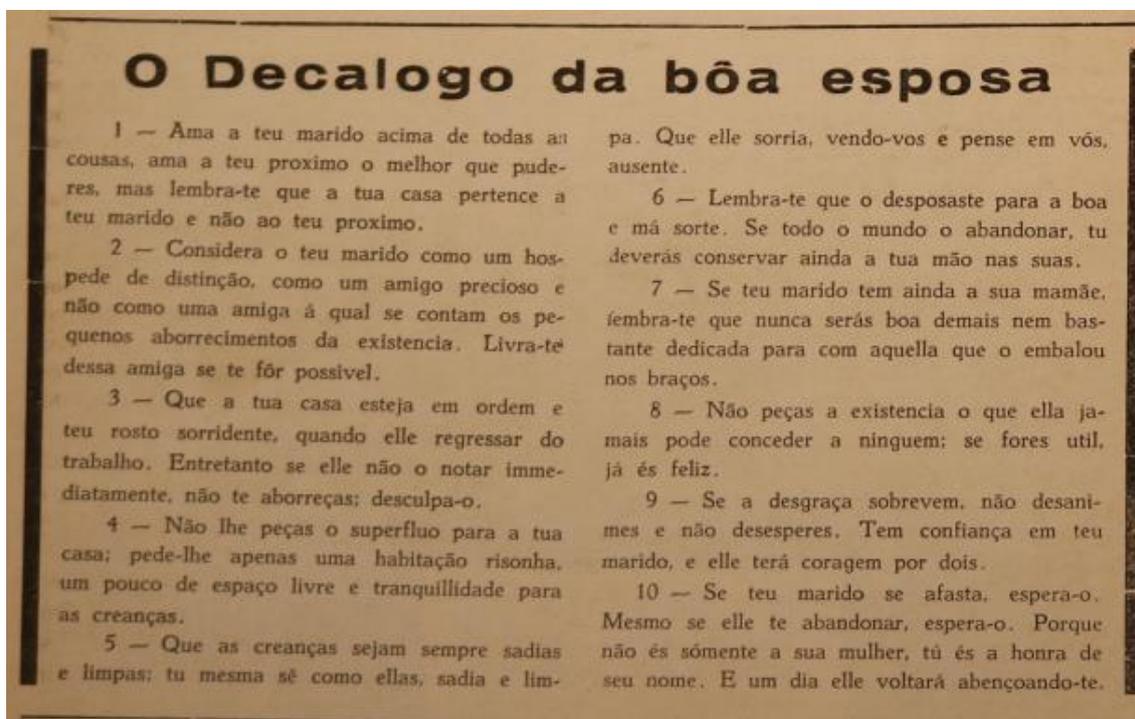


FIGURA 8. Decálogo da boa esposa

Fonte: Anauê!, n.3, 1935

<sup>24</sup>1 – Ama teu marido acima de todas as cousas, ama a teu proximo o melhor que puderes, mas lembra-te que a tua casa pertence a teu marido e não ao teu próximo.

2 – Considera o teu marido como um hospede de distinção, como um amigo precioso e não como uma amiga á qual se contam os pequenos aborrecimentos da existencia. Livra-te dessa amiga se te fôr possível.

3 – Que a tua casa esteja em ordem e teu rosto sorridente, quando ele regressar do trabalho. Entretanto se elle não o notar immediatamente, não te aborreças; desculpa-o.

4 – Não lhe peças o superfluo para a tua casa; pede-lhe apenas uma habitação risonha, um pouco de espaço livre e tranquillidade para as creanças.

5 – Que as creanças sejam sempre sadias e limpas; tu mesma sê como ellas, sadia e limpa. Que elle sorria, vendo-vos e pense em vós, ausente.

6 – Lembra-te que o desposaste para a boa e má sorte. Se todo mundo o abandonar, tu deverás conservar ainda a tua mão nas suas.

7 – Se teu marido tem ainda a sua mamãe, lembra-te que nunca serás boa demais nem bastante dedicada para com aquella que o embalou nos braços.

8 – Não peças a existencia o que ella jamais pode conceder a ninguem; se fores util, já és feliz.

9 – Se a desgraça sobrevem, não desanimes e não desesperes. Tem a confiança em teu marido, e elle terá coragem por dois.

10 – Se teu marido se afasta, espera-o. Mesmo se elle te abandonar, espera-o. Porque não és somente a sua mulher, tú és a honra de seu nome. E um dia elle voltará abençoando-te.

Os mandamentos acima ao apontarem sobre o dever da mulher em amar seu marido acima de todas as coisas, devendo o esperar e perdoar independentemente de qualquer coisa, reafirmam o sistema de dominação masculina, em que a esposa deve apresentar devoção ao seu marido, aquele que é dono do lar e que trabalha para o sustento da família.

As vontades, anseios e sentimentos da esposa devem ser reprimidos/escondidos em prol do bem-estar da figura masculina assim como expostos nos mandamentos de número 2, 3 e 10 e, independentemente de como ele seja ou mal que a cause, ela deve amá-lo, desculpá-lo e esperá-lo. Diante disso, Beauvoir (2019) analisa a socialização feminina que as ensina a passividade:

(...) ensinam-lhe que para agradar é preciso procurar agradar, fazer-se objeto; ela deve, portanto, renunciar à sua autonomia. Tratam-na como uma boneca viva e recusam-lhe a liberdade (...) pois quanto menos exercer sua liberdade para compreender, apreender e descobrir o mundo que a cerca, menos encontrará nele recursos, menos ousará afirmar-se como sujeito; (BEAUVOIR, 2019, p. 25)

Portanto, a criação recebida pelas mulheres desde seu nascimento, é direcionado totalmente em torná-la um objeto que deve estar sempre pronto e disposto a cumprir as vontades e desejos do homem.

Outro ponto dentro do ideal da mulher integral é sobre o que se esperava dela, mas agora, sobre a sua “feminilidade física”. Em alguns momentos dentro da própria imprensa integralista, encontramos frases como “nem mulher-boneca, nem mulher-soldado” (SALGADO, 1949, p. 93). Não obstante, a complexidade de se definir um padrão imutável permeia os discursos integralistas, estabelecendo algo relativo como “nem um e nem outro”, como se houvesse uma espécie de equilíbrio entre todas as coisas. Nesse sentido é estabelecido que a mulher não deveria apenas viver em função de sua feminilidade, mas que também não deveria ser o oposto disso, o que seria uma espécie de “masculinização”, exercendo funções de homens que contrariavam natureza, a tal normalidade biológica.

Plínio Salgado salienta:

Formando o seu caráter, de modo que ela não seja nem a boneca de cabecinha vazia só preocupada com o luxo, a exibição, as futilidades de uma vida ociosa, nem também o ente desgracioso, de passo militar e atitudes masculinas, a aspirar a uma igualdade ridícula com o homem, uma igualdade de funções e não de direitos e deveres inerentes a diferenciações imprescriptíveis. (SALGADO, 1949, p. 95)

Nesse trecho, “ser mulher” dentro dos padrões integralistas requer compreensão dos diversos limites dentro de possibilidades do “ser” e tão logo, questiono novamente os estudos integralistas referentes à essas mulheres – como exposto no capítulo anterior –, uma vez que as colocam dentro de uma caixa padronizada, como se fosse algo simples, apenas reforçando estereótipos da mulher recatada. Assim, ao passo em que elas não deveriam ser preocupadas com futilidades voltadas ao feminino, também não deveriam almejar uma igualdade com os homens – que para o autor era considerada ridícula (SALGADO, 1949, p. 95) –, uma vez que isso era visto como desvio da natureza dos sexos.

Sendo inerente à mulher os encantos, tem o dever de ser bela, aprazível, cultivando delicadezas, aprimorando sua beleza corporal, mas sem esquecer que sem o Espírito, ela nada vale. Tudo isso era de extrema importância já que ao fugir desse modelo, além de colocar em risco a instituição familiar pelo não cumprimento pleno de sua missão, coloca também em risco a masculinidade do homem. Assim, o grande perigo deste século era a masculinização feminina e a feminilização do homem, o qual de acordo com Salgado, era trazido pelo feminismo – denominado por ele como “masculinismo”. Sobre isso, as análises de Bourdieu (1999) são pertinentes quando destacam sobre a virilidade e violência. O autor aponta que o privilégio masculino impõe que todo homem deve afirmar em toda e qualquer circunstância a sua virilidade, que é entendida não somente como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão do combate e exercício da violência. Nessa perspectiva, a masculinidade enquanto construção social, é comparada por Bourdieu como uma nobreza e, assim, ao realizar tarefas socialmente consideradas inferiores, ou seja, femininas, é tido como um ato de rebaixar-se (BOURDIEU, 1999, p. 75). Assim, a preocupação de Salgado se refere diretamente à incorporação de atitudes postas como deveres de um sexo, sobre o outro.

A imprensa da AIB aborda sobre o físico da mulher, tanto nas atividades desenvolvidas pelos departamentos, quanto em propagandas de produtos ou colunas sobre moda e beleza. Apesar de Fiorucci (2021) salientar que a publicidade contida nas páginas da revista Anauê! não eram escolhidas por questões ideológicas, algumas delas refletem e fomentam os discursos de higiene e padronização do corpo feminino. Não obstante, as propagandas estampadas nas páginas da revista que são direcionadas às mulheres, reafirmam as concepções ideológicas integralistas sobre o padrão feminino estabelecido.

Uma dessas propagandas é de um “regulador de utero-ovariano” chamado “Gynoserum”. O laboratório que produz o produto chama atenção para uma pergunta

chave: “Porque envelhecer prematuramente as senhoras casadas?” A explicação é de que (...) as doenças do útero e ovários, são a principal causa do envelhecimento prematuro da mulher (ANAUÊ! 1935, p.64). Dentre as coisas que são consideradas por eles como sinais de envelhecimento estão as manchas, rugas, olheiras, cólicas, nervosismo, insônia e corrimentos. Todos estes pontos salientados como sinais de envelhecimento fazem parte do processo natural dos corpos. A proposta do produto é de “rejuvenescimento geral do organismo, vigor paz e felicidade” e apelam para que “as senhoras prolonguem sua mocidade cuidando dos males da sua higiene íntima”. Bourdieu destaca que ao constituir as mulheres como objetos simbólicos, a dominação masculina as coloca em estado permanente de insegurança corporal (BOURDIEU, 1999, p. 81). Enfatizando a importância da juventude e “mocidade”, percebe-se que existe um padrão – que se segue até os dias atuais – de que o ideal de corpo feminino, principalmente seu aparelho íntimo, seja “jovem”.



FIGURA 9. Propaganda Gynoserum

Fonte: Anauê! n. 2, 1935, p. 64

Em relação à estética do corpo propriamente dito, Renata Duarte Simões e Silvana Vilodre Goellner (2012) em um estudo propõem analisar a forma em que a AIB educava corporalmente os/as membros/as do partido. Para isso, as autoras utilizam os periódicos

da *A Offensiva* os quais compõem parte da imprensa integralista, dando destaque para os artigos de Francisco de Assis Hollanda Loyolla, mestre de milícia integralista do Distrito Federal – até então o Rio de Janeiro – e diretor da Escola Técnica de Instrutores de Educação Física Integralista.

As autoras contextualizam que o pensamento sobre a educação do corpo como forma essencial para o desenvolvimento da Nação não era exclusivo do Integralismo, mas do próprio período em que o Brasil se encontrava. O homem ideal deveria ter bom intelecto e preparação física e, para isso, eram necessárias a prática esportiva e a higienização corporal. A eugenia se torna o objetivo de todo esse cuidado com o corpo, para que a “Nação Integral” proposta pelo partido, pudesse se formar e se concretizar, uma vez que as futuras gerações estariam mais fortes e bem formadas. Nesse sentido, a educação física deveria cumprir o papel de corrigir os corpos defeituosos, raquíticos, deformados (SIMÕES; GOELLNER, 2012, p. 265). Ainda é destacado que Loyolla apontava a educação física como corretivo para as deficiências, além de preparar as pessoas para a vida e dar a elas aptidão física para aquisição das qualidades morais.

Em outro estudo, Renata Duarte Simões (2013) propõe a mesma análise sobre a educação física nos corpos dos militantes na AIB através da *A Offensiva* e os escritos de Hollanda Loyola<sup>25</sup>, mas direcionada diretamente às blusas-verdes. A autora aponta que por alguns anos, o Departamento Feminino – responsável pela coordenação das atividades direcionadas às blusas verdes – possuía divisões de expedientes. Uma delas era a cultura física/esportiva, onde era necessário desenvolver na mulher o gosto pelos esportes, mantendo aulas de ginásticas e assistindo crianças/adolescentes “no seu desenvolvimento físico, moral e intelectual” (SIMÕES, 2013, p. 99). Posteriormente, as instruções passadas eram de que a prática esportiva feminina deveria ser apropriada ao sexo, além de ser proibido à militante tomar parte em paradas esportivas que não fossem adequadas ao ser feminino. A preocupação em relação ao tipo de esporte praticado pelas mulheres, se dava pela possível masculinização do corpo, devendo respeitar suas condições fisiológicas (SIMÕES, 2013, p. 106).

A partir dos escritos de Plínio Salgado sobre suas concepções sobre como deveriam ser as mulheres refletem na construção da ideologia integralista, apresentados por meio das publicações contidas na Anauê!. Assim, indicamos não somente questões

---

<sup>25</sup> Francisco de Assis Hollanda Loyola foi um grande defensor da Educação Física como forma de aprimoramento da raça e juventude brasileira. Desenvolveu diversos estudos referentes a importância do esporte na educação do povo brasileiro. Para saber mais, ver: Luana Luzia Lóss de Freitas, 2011.

em relação a forma de militância, mas principalmente a maternidade, deveres no lar tanto para com seus filhos, como para seus maridos, “a mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher, coração de criança” (ANAUÊ!, 1936, n. 11, p. 8).

### 3 DESMITIFICANDO ESTEREÓTIPOS: MILITÂNCIA FEMININA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA INTEGRALISTA

Neste capítulo, apresentamos os escritos da militante Nilza Perez em sua coluna “Senhora” da revista *Anauê!*. A partir da análise dos artigos de opinião escritos pela ex-militante podemos notar que em muitos momentos seus discursos divergem do ideal integralista de mulher estabelecido pelo integralismo. Além da coluna dirigida por Perez, a revista *Brasil Feminino* também se tornou uma fonte imprescindível para que, além das contradições encontradas e analisadas do padrão feminino imposto, pudéssemos desmistificar os estereótipos de completa passividade colocados sobre as blusas-verdes. Tais estereótipos no que tange às mulheres conservadoras/de direita, foram construídos não somente pela própria historiografia sobre o integralismo, mas também da própria história das mulheres, como já salientado.

#### 3.1 BRASIL FEMININO: A IMPRENSA FEMININA E O FEMINISMO RACIONAL

*Brasil Feminino* foi uma revista que começou a circular no Brasil no ano de 1932, sob a direção de Iveta Ribeiro. No texto “Brasil Feminino: disputas discursivas, alianças políticas e escrita de mulheres na imprensa entre 1932 e 1937”, Linaia de Vargas Palacio (2020) analisa as páginas da revista *Brasil Feminino* desde sua fundação, até a adesão ao integralismo. Sobre Iveta Ribeiro, Palacio dedica um subtópico em analisar não somente a trajetória de Ribeiro, mas também apresentar seu entrelaçamento com o integralismo que refletiu de forma direta no conteúdo da revista.

No texto, a autora aponta que Iveta Augusta da Cunha Ribeiro dos Santos nasceu no Rio de Janeiro na década de 1880. Sua família era conhecida e composta por intelectuais e estadistas (PALACIO, 2020, p. 81). Ribeiro foi membra do Instituto Brasileiro de Cultura, Associação Brasileira de Imprensa, Sociedade Brasileira de Autores de Teatro, além de ocupar a cadeira n. 34 na Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul (ALFRS). Palacio ao apresentar a carreira de Ribeiro, indica ainda que a revista *Brasil Feminino*, criada em 1932, parece ter sido o maior projeto da ex-militante.

A autora aponta que a BF era composta por um conjunto de mulheres brancas da elite carioca e que muitas delas eram casadas com personagens importantes da vida

pública do Rio de Janeiro, pertencendo a famílias de posses - “tradicionais”. Nesse sentido, sem estabelecer algum tipo de consenso em relação ao discurso, o entendimento de feminismo para o editorial era diverso. Ao passo em que se distanciavam dos discursos antifeministas, também se esquivavam de posicionamentos considerados excessivamente radicais (PALACIO, 2020, p. 50). Nesse sentido, a autora analisa que a BF se refere ao público no singular como “a mulher” e que

Questões de raça e classe atravessam o discurso dessas autoras, que não se denominam brancas, mas que em diversos momentos demarcam a questão da branquitude ao tratarem das pessoas negras enquanto *outras*, que ocupam lugares distintos dos seus. Ou, que não se denominam enquanto ricas, abastadas, mas escrevem às mulheres proletárias e trabalhadoras se dirigindo a um grupo que não pertencem, demarcando outra vez a questão da *outra*. (PALACIO, 2020, p. 60, grifos da autora)

É de extrema importância destacarmos que, assim como Palacio (2020) aponta, as pautas levantadas na revista têm forte relação com o pertencimento aos modelos de família burguesa momento.

A autora separa a análise da revista em fases, sendo a primeira, o período anterior à parceria da BF com a AIB. Nesta fase, destaca-se que não havia postura política partidária, no entanto, a maior parte das mulheres convidadas possuíam pensamento conservador. Além disso, analisa também que Iveta Ribeiro se dirigia ao periódico como um espaço de divulgação das aptidões mentais das mulheres, a ambição de reunir as mulheres cultas de todos os países em busca de um intercâmbio através das letras (PALACIO, 2020, p. 83).

No que tange diretamente à filiação de Ribeiro ao integralismo, Palacio aponta que “essa parte da história de Iveta foi certamente omitida devido ao constrangimento associado ao integralismo depois da ilegalidade” (PALACIO, 2020, p. 84). Dessa forma, identifica que é possível supor que a filiação de Ribeiro estivesse ligada ao interesse em manter a revista na ativa, mas que a falta de fontes (edições de BF faltantes), não torna possível fazer elaborações certas sobre tal movimentação (PALACIO, 2020, p. 85).

Em “Por um feminismo bem comportado: educação, maternidade e trabalho nas páginas do Brasil Feminino (1932-1934)”, Alessandra da Silva Ramos (2016) propõe analisar alguns temas presentes na revista feminina integralista, discutindo a forma em que esses assuntos são abordados a partir do viés da extrema-direita da AIB. Aponta que as mulheres envolvidas no projeto<sup>26</sup> faziam parte das camadas privilegiadas da sociedade,

---

<sup>26</sup> A autora destaca algumas mulheres que escreveram para a revista, sendo elas: Aldazira Bittencourt, Henriqueta Lisboa, Bertha Lutz e Rachel Prado.

sendo elas brancas, de classe média, alfabetizadas e muitas delas com acesso ao ensino superior. Sobre isso, Duarte (2019) destaca que a partir da intensificação da movimentação de mulheres na década de 1920, encontramos um feminismo burguês e bem-comportado que logrou ocupar a grande imprensa, com suas inflamadas reivindicações, mas que discordavam quanto à representatividade feminina (DUARTE, 2019, p. 36).

Ramos (2016) destaca ainda que a revista promovia uma visão tradicional da feminilidade, em que a divisão sexual dos papéis era fortemente marcada e vinculada principalmente à maternidade e ao cuidado da casa. Outro ponto discutido é a educação feminina, com ênfase na formação moral e intelectual das mulheres para que pudessem desempenhar suas funções sociais de forma adequada.

Não obstante, a autora salienta que as páginas da BF demonstram a maneira em que as diversas percepções sobre o que era ser mulher na época, se transpassavam, sendo muitas delas, contraditórias em relação às outras (RAMOS, 2016, p. 8). Nesse sentido, para Ramos essas mulheres que nasceram no final do século XIX, mas que viveram o início do século XX, estavam entre a autonomia cada vez mais ansiada e a submissão tradicional ao modelo de comportamento herdado de suas antepassadas (RAMOS, 2016, p. 8). Nas análises de ambas as autoras – Palacio (2020) e Ramos (2016) –, o conceito de feminismo presente na revista é destacado como um feminismo “bem-comportado” e “ponderado”, dito de outra forma, um feminismo não questionador das estruturas que mantém a divisão dos papéis de gênero, mas que defendia os interesses das mulheres, almejava participação ativa na vida pública e acreditava na cooperação com o homem para uma sociedade melhor.

Como supracitado, as edições da revista que se encontraram disponíveis para análise e escrita da dissertação, são a de número 36 e 38, datadas do ano de 1937. Em ambas as edições<sup>27</sup>, encontramos o seguinte programa de ação:

---

<sup>27</sup> “BRASIL FEMININO” tem por programa de ação: 1º - Congregar todos os valores intelectuais femininos do Brasil para elevar, cada vez mais, aos olhos do mundo toda a personalidade da mulher brasileira; 2º - Trabalhar pelo intercambio mental entre as mulheres cultas de todos os paizes; 3º - Auxiliar moralmente as iniciativas femininas de qualquer caracter de utilidade; 4º - Cooperar para o desenvolvimento do feminismo racional; 5º - Propugnar pela educação moral e intelectual da mocidade feminina no Brasil. (BRASIL FEMININO, 1937, p. 01)

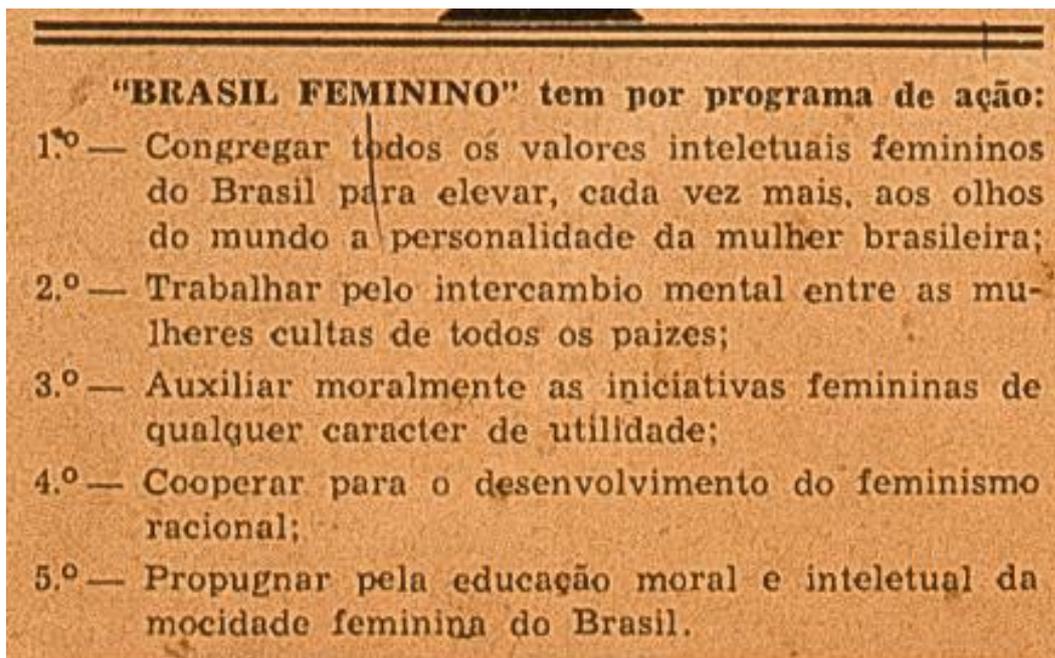


FIGURA 10. PROGRAMA DE AÇÃO "BRASIL FEMININO".

Fonte: Brasil Feminino, n. 36, 1937, p. 1

O primeiro objetivo posto, aponta para a intenção de promover uma imagem positiva da mulher brasileira para o mundo. No entanto, é importante levantarmos alguns questionamentos sobre o que significa a "personalidade da mulher brasileira". Que personalidade é essa? Quem define o que compõe tal característica? Visto que existe um padrão de mulher a ser seguido, essa personalidade enfatiza adjetivos que não levam em consideração a diversidade e multiplicidade de experiências femininas, que englobam raça e classe. O segundo objetivo propõe promover o intercâmbio intelectual entre as mulheres cultas entre diversos países do mundo. Ou seja, proporcionar a troca de conhecimentos e ideias de forma proveitosa entre diferentes culturas. Mais uma vez, tal objetivo implica na seleção de quais mulheres e quais culturas poderiam ser utilizadas e levadas em consideração. O objetivo de número 3 propõe apoiar moralmente às iniciativas femininas que sejam consideradas úteis, no entanto, mais uma vez fica em aberto o que poderia ou não ser considerado conveniente e passível de apoio. Levando em consideração que há diversos limites estabelecidos no que tange às ações femininas, o quesito "de qualquer caráter", pode ser colocado em dúvida.

O quarto objetivo aponta para a cooperação do desenvolvimento do feminismo racional. Embora o termo não seja explicitado abertamente, podemos compreender que tal expressão reflete uma visão particular das escritoras, que transitam entre os valores

tradicionais de uma estrutura patriarcal estabelecida e algumas questões sobre a importância dos direitos femininos. O 5º e último objetivo, indica a defesa da educação moral e intelectual das jovens brasileiras. Embora a promoção da educação seja considerada importante, o termo “educação moral” refere-se ao ensino e aprendizagem a partir dos moldes do integralismo, alinhados aos valores tradicionais de gênero e expectativas sociais impostas às mulheres.

Nesse sentido, assim como Ramos (2016) analisa, eram “feministas bem comportadas”, acreditavam que as mulheres deveriam entrar de acordo com a sociedade, cooperando com o homem para a construção de uma sociedade melhor. Ao passo em que prezavam pela ocupação das mulheres em diversos espaços da sociedade, o trabalho fora de casa ainda era uma questão delicada. A autora ainda aponta que a literatura tem espaço importante nas páginas da revista, bem como a preocupação com a educação do país.

Ainda na edição de n. 36, foi publicada uma coluna intitulada “Consultorio juridico” por Dra. Maria de Lourdes Prata Teixeira de Carvalho<sup>28</sup>. A temática da edição é “Direitos Políticos da Mulher”. Nele, a advogada aponta que a aquisição de alguns direitos civis pelas mulheres, “foi o início da libertação de sua situação serviu e humilhante” (TEIXEIRA, 1936, p. 22). A autora aponta para alguns momentos históricos internacionais e nacionais que abordaram os direitos femininos, como o sufrágio universal. Assim como na edição n. 38, Teixeira faz uma espécie de esclarecimento das leis da época em relação às mulheres casadas, partindo desde os direitos civis, até o apontamento de restrições que merecem atenção das esposas. Embora ambos os textos não possuam críticas em relação ao papel feminino, torna-se imprescindível reconhecer a importância da coluna publicada na revista. Por mais que o público-alvo seja mulheres de classe privilegiada, pode-se entender o acesso a tais esclarecimentos jurídicos tiveram grande significado para as leitoras, visto que a luta pela equiparação jurídica era uma pauta importante na BF. Apresentar alguns debates em torno dos direitos civis femininos e, posteriormente às mulheres casadas é significativo para que as leitoras possam ter compreensão das leis que as atingiam de alguma forma.

### 3.2 SENHORA NILZA: REAFIRMAÇÕES E CONTRADIÇÕES

---

<sup>28</sup> De acordo com a própria revista, M. L. P. Teixeira de Carvalho foi uma advogada formada pela Faculdade de Direito de Belo Horizonte.

Na edição de número 11 da revista *Anauê!* em 1936, foi publicado pela primeira vez um texto de autoria de Nilza Perez. Antes de possuir uma coluna fixa na revista intitulada de “Senhora”, Perez publicou dois artigos que trataram sobre mulheres. Apresentaremos todos os artigos de sua autoria e analisaremos alguns. A seleção dos artigos levantados para análise teve como critério o próprio conteúdo dos textos. Ou seja, nos artigos destacados encontramos contradições no que se refere às ideias de Nilza, que ora contribui para a manutenção da divisão dos papéis sexuais, ora levanta ideias que contradizem e/ou apontam certo tipo de transgressão ao modelo de mulher estabelecido pelo integralismo.

Com o título de “O Integralismo e a Mulher”<sup>29</sup>, o primeiro artigo destaca a dificuldade de algumas brasileiras em compreender a posição que a mulher ocupa no integralismo.

---

<sup>29</sup> “Ainda hoje, IV ano da Era Integralista, muitas brasileiras não compreenderam a nossa doutrina e muitas outras se debatem no meio das opiniões, as mais chocantes, não encontrando uma solução que lhes convenha, para a posição da mulher no Estado Integral. A nossas patrícias que habitam as capitais declaram-se contra o nosso regimen, porque nele a mulher ficará privada de todos os seus direitos públicos e políticos, ficará tolhida no seu anseio de liberdade, retonará aos tempos d’antanho. As patrícias nossas lá bem do interior numa verdadeira ‘procissão do desencontro’, clamam em altas brados contra a doutrina nova, que quer levar a mulher brasileira para o feminismo dissolvente e corruptor das ‘yankees’ e das que habitam as steppes geladas da Russia. Tudo isto não passa, porém, da propaganda calada, sorrateira, tenaz que os nossos inimigos fazem, insufando no espirito das brasileiras das grandes cidades que o Integralismo é retrogrado, e propalando nas nossas cidadezinhas, que o Integralismo é um modernizador inconolasta. O Integralismo não é nem uma coisa nem outra. Ele dará á mulher liberdade, libertando-a dos infinitos preconceitos sociais em que ela se emaranha, que a subjugam e que lhe impedem de dizer alto e bom som o que pensa, o que sente, o que aspira. Ele liberta-la-á do jugo despótico das idéas vindas de outras terras que incentivam o seu respeito humano, o seu espirito burguês, tornando-a incapaz de vestir a nossa grosseira blusa verde e de vir trabalhar e soffrer conosco, para o engrandecimento e libertação do nosso gigante acorrentado aos portões de ferro dos bancos de Londres e Nova York com o cadeado forte das nossas dividas. O Integralismo fará da nossa – boneca de Sévres – a mulher culta, inteligente, útil á sociedade. A nossa doutrina não é, tambem, nem corruptora nem desmoralizante. Nós nos batemos pela familia, celula manter da organização social. Nós queremos a familia brasileira bem brasileira, conservando as tradições suaves e magnificas de nossa terra, não invejando nem procurando imitar as idéas materialistas que Hollywood lança no cinema, como a maçã do Paraiso para que as Evas ingênuas e curiosas continuem a cair, a pecar.... Nós queremos os sentimentos cristãos dominando, novamente, na alma de nossas patrícias, fazendo-as embalar os filhinhos ao som dos canticos das mães-pretas e não ao som dos foxes norte-americanos. Queremos a mulher superior, cursando as Faculdades, ilustrando o espirito, lutando na vida pratica ao lado dos homens como estímulo e alegria, e não se esquecendo nunca de sua condição de mãe, esposa, filha. Nós queremos a mulher feminil, tendo sempre um carinho para o velho pae, um sorriso incentivante para o esposo, um afago para o filhinho. A mulher integral terá: cerebro de homem, físico de mulher, coração de criança.” (PEREZ, 1936, p. 08).

"ANAUE!" — Julho de 1936

# O INTEGRALISMO E A MULHER

Nair Nilza Perez  
(Especial para ANAUE!)

Ainda hoje, IV ano da Era Integralista, muitas brasileiras não compreenderam a nossa doutrina e muitas outras se debatem no meio das opiniões, as mais chocantes, não encontrando uma solução que lhes convenha, para a posição da mulher no Estado Integral.

As nossas patricias que habitam as capitais declaram-se contra o nosso regimen, porque nele a mulher ficará privada de todos os seus direitos publicos e politicos, ficará tolhida no seu anseio de liberdade, retornará aos tempos d'antanho. As patricias nossas lá bêm do interior numa verdadeira "procissão do desencanto", clamam em altos brados contra a doutrina nova, que quer levar a mulher brasileira para o feminismo dissolvente e corruptor dos "yankees" e das que habitam as steppes geladas da Russia.



Tudo isto não passa, porém, da propaganda calada, sorrateira, tenaz que os nossos inimigos fazem, insuflando no espirito das brasileiras das grandes cidades que o Integralismo é retrogrado, e propalando nas nossas cidadezinhas, que o Integralismo é um modernizador inconoclasta.

O Integralismo não é nem uma coisa nem outra.

Ele dará à mulher mais liberdade, libertando-a dos infinitos preconceitos sociais em que

ela se emaranha, que a subjugam e que lhe impedem de dizer alto e bem com o que pensa, o que sente, o que aspira.

Ele liberta-la-á do jugo despótico das idéas vindas de outras terras que incentivam o seu respeito humano, o seu espirito burguês, tornando-a incapaz de vestir a nossa grosseira blusa verde e de vir trabalhar e soffrer conosco, para o engrandecimento e libertação do nosso gigante acorrentado aos portões de ferro dos bancos de Londres e Nova York com o cadeado forte das nossas dividas.

O Integralismo fará da nossa mulher — boneca de Sévres — a mulher culta, inteligente, útil à sociedade.

A nossa doutrina não é, tambem, nem corruptora nem desmoralizante.

Nós nos batemos pela familia, célula mater da organização social. Nós queremos a familia brasileira bem brasileira, conservando as tradições suaves e magnificas de nossa terra, não invejando nem procurando imitar as idéas materialistas que Hollywood lança no cinema, como a maçã do Paraíso para que as Evas ingenuas e curiosas continuem a cair, a pecar...

Nós queremos os sentimentos cristãos dominando, novamente, na alma de nossas patricias, fazendo-as embalar os filhinhos ao som dos canticos embaladores das mãos-pretas e não ao som das foxes norte-americanas.

Queremos a mulher superior, cursando as Faculdades, ilustrando o espirito, lutando na vida pratica ao lado das homens como estímulo e alegria, e não se esquecendo nunca de sua condição de mãe, esposa, filha.

Nós queremos a mulher feminil, tendo sempre um carinho para o velho papé, um sorriso incentivante para o esposo, um afago para o filhinho.

A mulher integral terá: cerebro de homem, fisico de mulher, coração de criança.

FIGURA 11. O Integralismo e a Mulher

Fonte: Anauê! n. 11, 1936, p. 08

O artigo estreado de Nilza Perez objetiva não somente apresentar, mas esclarecer qual seria o papel da mulher nas fileiras da AIB. A militante aponta que nas capitais a compreensão de algumas delas é que o integralismo as privaria de seus direitos públicos e políticos, mantendo-as em um tempo retrógrado. A explicação da autora para a disseminação dessas ideias, é de que há uma “nova doutrina” que deseja levar as brasileiras para um feminismo “dissolvente” e “corruptor”. Nesse sentido, ao longo do

texto, compreende-se que para ela, tal feminismo, é oposto à família, ao sentimento de patriotismo, às tradições brasileiras, contra o cristianismo, e que faz com que as mulheres esqueçam “sua condição de mãe, esposa, filha” (PEREZ, 1936, p. 8).

Tal doutrina apontada é proveniente dos feminismos estrangeiros que, de acordo com Perez, corrompiam e desmoralizavam as mulheres. No texto a autora deixa claro que, as ideias de fora do Brasil, não são boas por não compreender a realidade brasileira. Mais do que isso, Perez ainda tece críticas às mulheres que, segundo ela, procuram imitar “idéas materialistas que Hollywood lança no cinema, como a maçã no Paraíso para que as Evas ingenuas e curiosas continuem a cair, a pecar...” (PEREZ, 1936, p. 8).

Ao se referir às estrangeiras, utiliza termos em inglês como “yankees” que são as americanas, e o termo “steppes geladas” quando se dirige às mulheres russas. Ao utilizar esses termos, a militante estabelece uma dicotomia entre a feminilidade brasileira e estrangeira. Essa diferenciação linguística pode ser compreendida como uma forma de desqualificar os diferentes feminismos ao associá-los a culturas distantes, que seriam incompatíveis com a realidade, cultura e tradição brasileira. Deste modo, o feminismo propagado pelas estrangeiras foi entendido por ela como uma forma de atrair mulheres “ingênuas e curiosas”, estabelecendo limites entre esses movimentos que eram por ela considerados como uma perigosa influência.

Perez afirma que as brasileiras das grandes cidades estão sendo corrompidas por estes feminismos estrangeiros, que de acordo com ela, propagavam que a doutrina integralista iria privar as mulheres de todos os direitos públicos e políticos, retornando “aos tempos d’antanho” (PEREZ, 1936, p. 8). Assim, a autora busca rebater essa falsa ideia sobre o integralismo e destaca que a AIB “fará da nossa mulher – boneca de Sévres – a mulher culta, inteligente, útil á sociedade (PEREZ, 1936, p. 8). Não obstante, ao referir-se às mulheres brasileiras – “nossa mulher” –, como uma “boneca de Sévres<sup>30</sup>”, aponta para uma figura feminina refinada, bela, delicada e, apesar de haver a necessidade de que as blusas-verdes se enquadrem em um padrão estético e comportamental, era importante que não se limitassem apenas a isso.

Lídia Possas (2004) em um artigo “O integralismo e a mulher” destaca, como já salientado anteriormente, que Plínio Salgado “ênfatizava em alto e bom tom que ela não deveria ser nem um ‘bibelot’, um ser vivendo em função de sua feminilidade, futilidades

---

<sup>30</sup> Boneca de Sévres é uma referência simbólica à porcelana fina produzida na cidade de Sévres, na França. É conhecida por sua delicadeza, beleza e requinte, sendo considerada um objeto de alto valor estético e artístico.

mundanas do mundo materialista, ‘boneca de cabecinha vazia só preocupada com o luxo, uma vida ociosa’” (POSSAS, 2004, p. 111). No entanto, ela também não poderia estar no extremo oposto, exercendo funções masculinas ou exigindo algum tipo de igualdade de funções. Ao ser enfatizado sobre o que o integralismo faria com a mulher, tornando-se útil à sociedade, essa espécie de “equilíbrio” que deveria ser encontrado sobre a padronização feminina estabelecida por Salgado, é evidenciada por Perez. Ao passo em que aponta de forma incisiva o desejo de que as mulheres estejam presentes em cursos superiores, Perez reafirma que é importante que elas não se esqueçam de sua condição primordial: mãe, esposa e filha.

Por fim, é estabelecido que “a mulher integral terá: cérebro de homem, físico de mulher, coração de criança”. Ao apontar que a mulher deverá ter cérebro de homem, fomenta uma visão de uma hierarquia intelectual inerente ao gênero masculino, bem como aponta Otner (1979) sobre a ligação do homem com a cultura. Mas, ao mesmo tempo, é interessante refletir que a autora deseja que as mulheres também sejam seres pensantes e ocupem espaços considerados “masculinos”, como o ambiente acadêmico, por exemplo. Tudo isso, sem que deixem de lado sua feminilidade no que se refere aos seus corpos e comportamentos, além de sugerir certa infantilização quando destaca a necessidade de ter um “coração de criança”. Tal concepção sugere certa infantilização da mulher, as atrelando aos estereótipos de fragilidade, ingenuidade e dependência emocional. Ao construir a noção de coração bondoso, a autonomia das mulheres e sua capacidade de tomar decisões que sejam racionais, maduras e responsáveis é colocada em xeque, fazendo sobressair a ideia de que sua principal função é o ato do cuidado e da assistência.

Na edição seguinte (n.12)<sup>31</sup>, Nilza Perez nomeia seu artigo como “A civilização e a mulher”.

---

<sup>31</sup> Os ciclos históricos da humanidade repetem-se periodicamente. No palco formidável e tenebroso do mundo, o papel que a mulher representa sofre mutações que se ritmam com o esbater das ondas materialistas e espiritualistas de encontro à civilização. Na idade da pedra lascada, quando o mais objecto materialismo imperava, quando os instintos perversos e barbaros que oram na natureza humana, sobrepunham-se ao espírito, a mulher era tida sêr inferior, que não possuía nenhum direito, que não merecia nenhuma atenção. Nos seculos que se perdem nos confins dos tempos, conforme as leis que regiam os países, conforme o destino da mulher: aqui, era raptada pelos trogloditas selvagens, ali vendida como animal que valia pela beleza física. O Egito escravisa-a. A Grecia encurrala-a. Roma vê nela uma propriedade discricionaria. Sabios e filosofos faziam-na cobaia de seus estudos, debruçavam-se sobre seu coração, arrancavam-lhe, deshumanamente, emoções e sentimentos, despiam-lhe a alma, feriam-lhe o espírito no que tivesse de mais delicado e sutil. Arrancadas estas emoções, deixavam-na inerte e iam relatar ao mundo avido das maldades, que nada haviam descoberto de profundo, que a mulher só possuía sentidos, que era um “animal inepto e estúpido”. Cientistas, filosofos e sábios na sua presunção infinita de conhecedores do sêr humano não podiam, entretanto, materialistas grosseiros que eram, apreender, tocar, descobrir o que existia de puro e grandioso na alma feminina. Os seculos foram-se sucedendo e a mulher embora conseguisse alguns direitos na vida, privada ainda não pudera fazer com que os homens, orgulhosos de sua sabedoria, lhe dessem uma

---

alma, lhe “concedessem” um pouco de espirito. Isto somente acontecia quando a idéa luminosa do Cristianismo empolgou esses cerebros e corações, pensadores e filósofos, ignorantes e sábios que foram então obrigados a se curvarem perante a mulher, a quem o grande Revolucionario dera uma alma, um espirito si não igual ao do homem, superior. Vimos o mundo todo levado nesta eclosão magnifica de espiritualismo reconhecer e admirar a profundeza do sentimento feminino, a fortaleza de seu carater, o sentir heroico de seu cerebro. A mulher atingiu o mais alto ponto de sua gloria: foi mulher-mãe, mulher-santa, mulher-heroina, mulher-educadora. O envolver da civilização libertou-a dos preconceitos, colocou-a no mesmo plano intelectual dos homens, fê-la deputada, jurista, escritora, medica. Na sua ancia de liberdade fez reivindicações no terreno do Direito Publico e Privado e saiu vitoriosa. Entretanto, não soube aproveitar-se destas vitorias e afastou-se do seu verdadeiro papel na sociedade. A onda materialista foi até ela e levou-a de roldão. Hoje que os tempos pagãos são voltados, os trogloditas encasacados do seculo do avião e do radio concedem ás mulheres, na sua importancia intelectual e espiritual todos os direitos, mas negam-lhe espirito e alma. Os comunistas consideram-na apenas como objeto de prazer ou animal reprodutor. Os liberais indiferentes e gozadores, vêm nela um bibelot de enfeite, uma porcelana de Sévres ou uma estatueta de Tanagra. Graças, entretanto, á periodicidade das ondas materialistas e espiritualistas, já surgiu um movimento analogo ao Cristianismo, na sua força, espiritual, que está revolucionando o nosso país e que revolucionará toda a humanidade. O Integralismo, movimento profundamente cristão, vem recolocar a mulher no seu devido lugar, roubando-a ao masculinismo ‘yankee’, arrancando-a da posição subalterna de objeto de enfeite ou de prazer para torna-la a viga mestra da sociedade, para faze-la a revolucionaria de corações e idéas. O Integralismo vê na mulher, pela voz de nosso chefe, coisa diferente do homem – nem superior nem inferior porque não se podem comparar coisas heterogeneas. Somos diferentes, ocupamos dentro do movimento, um lugar diferente. A ‘blusa-verde’ deverá saber merecer a confiança que o nosso chefe deposita em nós. Ele compreendeu, como conhecedor profundo da história da humanidade, que sem a cooperação da mulher, não se poderá fazer uma revolução definitiva em nenhum país. Somente ela, pela educação, conseguirá que os filhos de uma Patria sejam grandes e heroicos. Nós, ‘blusas-verdes’, saberemos ser brasileiras, extremistas no amor pela familia. Seremos outras tantas Lucrecias. E se alguém nos perguntar em como pretendemos fazer o Brasil maior, respondamos como Madama de Campans: “Educando a mãe brasileira... E assim, afastaremos para sempre, a onda materialista. (PEREZ, 1936, p. 31)

# A CIVILIZAÇÃO E A MULHER

NAIR NILZA PEREZ

Os ciclos históricos da humanidade repetem-se periodicamente. No palco formidável e tenebroso do mundo, o papel que a mulher representa sofre mutações que se ritmam com o esbater das ondas materialistas e espiritualistas de encontro à civilização.

Na idade da pedra lascada, quando o mais abjecto materialismo imperava, quando os instintos perversos e barbaros que moram na natureza humana, sobrepunham-se ao espirito, a mulher era tida como sêr inferior, que não possuía nenhum direito, que não merecia nenhuma atenção.

Nos seculos que se perdem nos confins dos tempos, conforme as leis que regiam os países, conforme o destino da mulher: aqui, era raptada pelos trogloditas selvagens, ali vendida como animal que valia pela beleza fisica. O Egito escravisa-a. A Grecia encurrala-a. Roma vê nela uma propriedade discricionaria.

Sábios e filosofos faziam-na cobaia de seus estudos, debruçavam-se sobre seu coração, arrancavam-lhe, deshumanamente, emoções e sentimentos, despiam-lhe a alma, feriam-lhe o espirito no que tivesse de mais delicada e sutil. Ar-

rancadas estas emoções, deixavam-na inerte e iam relatar ao mundo avido das maldades, que nada haviam descoberto de profundo, que a mulher só possuía sentidos, que era um "animal inepto e estúpido".

Cientistas, filosofos e sábios na sua presunção infinita de conhecedores do sêr humano não podiam, entretanto, materialistas grosseiras que eram, apreender, tocar, descobrir o que existia de puro e grandioso na alma feminina.

Os seculos foram-se sucedendo e a mulher embora conseguisse alguns direitos na vida, privada ainda não pudera fazer com que os homens, orgulhosos na sua sabedoria, lhe dessem uma alma, lhe "concedessem" um pouco de espirito.

Isto somente acontecia quando a idéa luminosa do Cristianismo empolgou esses cerebros e corações, pensadores e filosofos, ignorantes e sábios que foram então obrigados a se curvarem perante a mulher, a quem o grande Revolucionario dera uma alma, um espirito si não igual ao do homem, superior.

Vimos o mundo todo levado nesta eclosão magnifica de espiritualismo reconhecer e admi-

FIGURA 12. A CIVILIZAÇÃO E A MULHER

Fonte: Anauê! n. 12, 1936, p. 31

rar a profundidade do sentimento feminino, a fortaleza de seu caráter, o sentir heroico de seu cérebro. A mulher atingiu o mais alto ponto de sua glória: foi mulher-mãe, mulher-santa, mulher-heroína, mulher-educadora.

O evoluir da civilização libertou-a dos preconceitos, colocou-a no mesmo plano intelectual dos homens, fê-la deputada, jurista, escritora, médica. Na sua ancia de liberdade fez reivindicações no terreno do Direito Público e Privado e saiu vitoriosa.

Entretanto, não soube aproveitar-se destas vitórias e afastou-se do seu verdadeiro papel na sociedade. A onda materialista foi até ela e levou-a de roldão.

Hoje que os tempos pagãos são voltados, os trogloditas encasacados do século do avião e do rádio concedem às mulheres, na sua importância intelectual e espiritual todos os direitos, mas negam-lhe espírito e alma.

Os comunistas consideram-na apenas como objeto de prazer ou animal reprodutor. Os liberais indiferentes e gozadores, vêem nela um bibelot de enfeite, uma porcelana de Sévres ou uma estatueta de Tanagra.

Graças, entretanto, à periodicidade das ondas materialistas e espiritualistas, já surgiu um movimento análogo ao Cristianismo, na sua força, espiritual, que está revolucionando o nosso país e que revolucionará toda a humanidade.

FIGURA 13. A CIVILIZAÇÃO E A MULHER

Fonte: Anauê! n. 12, 1936, p. 32

O Integralismo, movimento profundamente cristão, vem recolocar a mulher no seu devido lugar, roubando-a ao masculinismo "yankee", arrancando-a da posição subalterna de objeto de enfeite ou de prazer para torná-la a viga-mestra da sociedade, para fazê-la a revolucionária de corações e idéas.

O Integralismo vê na mulher, pela voz de nosso chefe, coisa diferente do homem — nem superior nem inferior porque não se podem comparar coisas heterogêneas. Somos diferentes, ocupamos dentro do movimento, um lugar diferente.

A "blusa-verde" deverá saber merecer a confiança que o nosso chefe deposita em nós. Ele compreendeu, como conhecedor profundo da história da humanidade, que sem a cooperação da mulher, não se poderá fazer uma revolução definitiva em nenhum país. Somente ela, pela educação, conseguirá que os filhos de uma Pátria sejam grandes e heroicos.

Nós, "blusas-verdes", saberemos ser brasileiras, extremistas no amor pela família. Seremos outras tantas Lucrecias. E se alguém nos perguntar em como pretendemos fazer o Brasil maior, respondamos como Madama de Campan: "Educando a mãe brasileira... E assim, afastaremos para sempre, a onda materialista".

FIGURA 14. A CIVILIZAÇÃO E A MULHER

Fonte: Anauê! n. 12, 1936, p. 32

Dando sequência ao seu primeiro artigo que destacou o que o integralismo queria para as mulheres, este segundo apresenta uma espécie de panorama histórico sobre como a mulher foi vista, tratada, ao longo do tempo. De acordo com ela, as mudanças sofridas pelas mulheres nas diferentes sociedades históricas, foram influenciadas por correntes materialistas e espiritualistas.

Perez parte da idade da pedra lascada, apontando para a inferioridade atrelada ao sexo feminino nesse período, sendo privada de direitos e atenção. Mais adiante, destaca que sendo usadas como "cobaia", as mulheres eram excluídas dos ambientes de conhecimento, sendo desvalorizadas e atreladas a estereótipos negativos da condição

feminina. A militante afirma que embora ao longo do tempo as mulheres tenham conseguido alguns direitos, não puderam “fazer com que os homens, orgulhosos de sua sabedoria, lhe dessem uma alma, lhe ‘concedessem’ um pouco de espírito”. Nesse trecho, a escrita da autora da abertura para algumas interpretações possíveis. Ao mesmo tempo em que aponta a falta de valorização por parte dos homens em reconhecê-las como “iguais” de alguma forma – tendo em vista que compreende o lugar conquistado e estabelecido pelas mulheres no integralismo, utiliza aspas quando escreve “conceder”. O uso das aspas pode ser compreendido como uma forma de enfatizar que as mulheres, em sua opinião, não precisavam de tal concessão pela figura masculina, pois elas já o possuíam, no entanto, para o partido, a validação masculina era necessária.

O grande ponto de Perez é que apenas o cristianismo foi capaz de trazer luz aos homens sobre a importância da figura feminina, salientando que sua alma e espírito seriam iguais, ou até mesmo superior a dos homens. No entanto, a autora não aponta de que forma chegou a esta conclusão. Nesse sentido, a partir do caminho aberto pelo cristianismo em relação às mulheres, elas finalmente conseguiram atingir o que seria o ponto mais alto de sua glória: mãe, santa, heroína e educadora. Embora a militante tenha uma visão que pode ser considerada ampla no que se refere à importância dos direitos das mulheres e de sua educação, ela busca deixar em evidência a verdadeira finalidade feminina, sendo ela estritamente atrelada à divisão dos papéis tradicionais de gênero.

Logo adiante, a autora aponta que em certo momento a civilização libertou as mulheres dos preconceitos as colocando no mesmo “plano intelectual dos homens” (PEREZ, 1936, p. 31), se referindo às mais diversas profissões que anteriormente eram contempladas predominantemente por figuras masculinas. Assim, a possibilidade de atuação em empregos considerados masculinos como cargos políticos, médicos e escritores, foi fruto de reivindicações feitas “no Direito Público e Privado” (PEREZ, 1936, p. 31) sendo as mulheres vitoriosas, como aponta Perez.

Mais uma vez o materialismo aparece como responsável por corromper as mulheres e as afastarem de seu verdadeiro papel na sociedade, sendo este papel o de guardiã do lar. Sendo assim, “a onda materialista” (PEREZ, 1936, p. 31) que atingiu as mulheres, marcou a volta dos “tempos pagãos” (PEREZ, 1936, p. 31), em que “concedem às mulheres, na sua importância intelectual e espiritual todos os direitos, mas negam-lhe espírito e a alma” (PEREZ, 1936, p. 31). Perez afirma que os comunistas consideram as mulheres como objetos de prazer, seres reprodutores e bonecas frágeis. Como uma espécie de “salvador”, a militante afirma que o integralismo, movimento profundamente

cristão, recolocaria a mulher em seu devido lugar, as roubando do “masculinismo” (PEREZ, 1936, p. 31) e arrancando-as da posição subalterna para as fazê-la’ revolucionária de corações e idéas” (PEREZ, 1936, p. 31). Assim como no artigo anterior, os feminismos estrangeiros são colocados em posição de inimigos, movimentos que transformam as mulheres em seres masculinizados, fugindo completamente do que é determinado pelo papel social tradicional – mãe, esposa e cuidadora. Reforçando as palavras do Chefe Nacional – trabalhadas no capítulo anterior –, Nilza Perez aponta que no integralismo as mulheres são vistas como diferentes dos homens, no entanto, isso não significa que sejam superiores ou inferiores, mas sim, diferentes. Essa diferença dentro do movimento é vista como imprescindível para sua construção, manutenção e sucesso, visto que no integralismo, os sexos são colocados como complementares um ao outro em suas funções. A autora destaca que

A “blusa-verde” deverá saber merecer a confiança que o nosso chefe deposita em nós. Ele compreendeu, como conhecer profundo da história da humanidade, que sem a cooperação da mulher, não se poderá fazer uma revolução definitiva em nenhum país. Somente ela, pela educação, conseguirá que os filhos de uma Pátria sejam grandes e heroicos. (PEREZ, 1936, p. 32)

Nesse sentido, ao apontar que uma revolução só teria sucesso com a colaboração feminina, compreende-se que tais filhos da Pátria são figuras masculinas, mas que só teriam a possibilidade de serem grandes e heroicos através da educação feminina. Ou seja, somente a partir da educação – já vista aqui como função e qualidade inerente ao feminino –, os homens poderiam alcançar seus objetivos.

A partir dos dois primeiros artigos escritos e publicados por Nilza Perez, encontramos alguns pontos que se mostram interessantes para serem levantados para análise. Ao escrever sobre mulheres, tanto esclarecendo qual sua função no integralismo quanto esboçando uma espécie de panorama histórico do papel feminino ao longo do tempo, a militante deixa em evidência a doutrina integralista em relação ao “ser mulher”. Assim, a autora divulga e reafirma o padrão de mulher estabelecido pela AIB. No entanto, por mais que tal padrão tenha partido de uma perspectiva conservadora fomentando a divisão sexual dos papéis, em que as mulheres são atreladas às funções tradicionais como: reprodução, cuidados e ensino, Perez traz luz sobre questões que divergem da doutrina verde.

Em ambos os artigos a autora ressalta a importância dos direitos femininos como o de poder dizer o que pensa, sente e deseja e, principalmente, o direito da educação feminina. Desejando que as mulheres ocupem espaços de conhecimento, Nilza Perez

aponta que é de comum vontade que a mulher seja culta, inteligente e útil à sociedade. Mas, será que o integralismo compartilhava do mesmo pensamento? Será que era realmente importante para os líderes homens do partido que as mulheres se encontrassem nesse lugar de conhecimento?

Embora em certo momento o partido tenha feito incentivos à educação feminina, o principal objetivo não era garantir que as mulheres tivessem acesso ao conhecimento em si, ou de que se qualificassem academicamente. A finalidade era de aumentar a quantidade de eleitores/as a partir da promulgação do código eleitoral que cedeu às mulheres o direito de voto. Nas diversas fontes da imprensa integralista o tema educação e a mulher, ou fomentavam a ideia de que o papel de educadora é inerente à mulher ou, reafirmavam a importância feminina em relação à alfabetização da população para a obtenção do título de eleitor/a. Assim, a “função” de educadora foi sempre salientado juntamente à importância da obtenção do título de eleitor/a, para que fosse possível votar nas eleições as quais o integralismo pretendia concorrer. Quando Nilza Perez escreve que “Queremos a mulher superior, cursando as Faculdades, ilustrando o espírito, lutando na vida prática ao lado dos homens como estímulo e alegria” (PEREZ, 1936, p. 8) vai além de um simples incentivo à alfabetização. Ela parece ter a ânsia de que as mulheres se qualifiquem, ocupem lugares que anteriormente eram restritos e exclusivos ao público masculino. “O envolver da civilização libertou-a dos preconceitos, colocou-a no mesmo plano intelectual dos homens, fê-la deputada, jurista, escritora, médica (...) saiu vitoriosa” (PEREZ, 1936, p. 32). No entanto, a todo momento há o reforço de que as mulheres jamais devem se esquecer que sua verdadeira e principal finalidade é de ser mãe, esposa e filha. O flerte com pautas levantadas e defendidas pelo movimento feminista, então, acabam se camuflando em meio ao modelo conservador de mulher.

Sobre essas possíveis flexibilizações sobre ações femininas, Possas (2004) e Fiorucci (2021) discutem que era inevitável que o integralismo em si, ignorasse completamente as mudanças que estavam acontecendo – inserção das mulheres no campo político, por exemplo. Mudanças essas que afetaram não somente o âmbito social, mas principalmente o político. O autor aponta que o motivo de Nilza ter incorporado esse tipo de discussão se deu pela compreensão de que era necessário discutir os reflexos da mulher trabalhadora na sociedade e família (FIORUCCI, 2021, p. 212) e utiliza um estudo de Rago (2007) sobre a porcentagem de mulheres que compunham a força de trabalho em indústrias têxteis. Essas novas questões que passaram a serem inseridas na sociedade e que refletiram diretamente no papel da mulher exigia com que a AIB reformulasse

algumas questões, visto que não poderiam dispensar militantes por divergirem em certo grau do padrão integralista.

O Integralismo incorporou a situação de conflito dos homens e mulheres do século XX no processo de modernização da sociedade brasileira; no entanto, conduziu a questão para o terreno religioso, espaço mítico com forte presença no imaginário social, na comunidade de sentidos de uma cultura católica, afãs, segundo os integralistas, imprópria neste tipo de discussão que aborda a santa missão feminina. (POSSAS, 2004, p.120)

Assim, a necessidade de se discutir questões que antes eram inimagináveis se torna uma abordagem presente na AIB.

Nas edições de número 13 e 14, é interessante notar que a abordagem de Nilza Perez muda completamente. Em ambas as edições a autora publica dicas e receitas caseiras. No número 13 a militante escreve sobre receitas culinárias dos mais variados tipos. Já na edição de número 14, o tema versa sobre beleza e a saúde das unhas. Em sequência é exibida uma coluna de moda com modelos de vestidos.





FIGURA 16. SENHORA

Fonte: Anauê! n. 13, 1937, p. 42

"ANAUÊ!" — Março de 1937. 43

te massa sobre uma fatia de pão, cobrindo-se com outra fatia. Fregem-se em gordura quente, dos dois lados.

9. **MACARRÃO À MILANEZA**

Mais óleo de macarrão, lingam e presunto cortados em fatias, um pouco de melho de tomate, algumas rodélias de cogumelos refogados em manteiga, queijo ralado. Refogam-se as folhas de lingam e presunto em manteiga e douram-se em melho de tomate. Mistura-se o macarrão cozido com este refogado, os cogumelos e o queijo ralado.

**REMEDIOS CASEIROS**  
**MORDEDURAS DE CAES**

Toda individuo mordido ou arranhado por um cão ou outro animal hydrophobo, ou suspeito, deve procurar, com toda a urgencia, a Instituto Pasteur mais proximo, afim de iniciar o tratamento conveniente. Não se deve perder tempo sem o tratamento que visam destruir o virus no local da ferida, pois nenhum dallas prestará o mesmo auxilio.

Não mate o cão suspeito de estar atacado de raiva. Conserve-o preso e si no fim de 5 dias estiver o animal em perfeita saúde de saúde, pode considerar o perigo afastado.

Trate a mordedura como um ferimento qualquer, e em todos os casos de darrido, dirija-se sem perda de tempo ao Instituto Pasteur mais proximo.

Sengrias locais — technique unica da mordedura — ventosas no local da ferida — cauteleria da mesma com ferro em brasa, e outros processos de curaçao põem a vítima no risco deos terríveis effects da raiva.

Não perca tempo.



FIGURA 17. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 43

# Senhora

A água e os cuidados da beleza

Algumas mulheres podem sentir-se de água, sem prejudicá-las, para a sua toilette quotidiana. Outras, ao contrario, devem respeitá-la como nefasto.

A água então tem um effecto particular sobre certas epidermes.

No verdade, água e água são duas cousas e não convém confundir a água com a que elle contém. A água, por si mesma não tem effecto algum sobre a epiderme e o effecto de irritação é devido aos corpos que ella tem em solução. A água de Fontes, por exemplo, não é o mesmo conforme as quantidades. É sempre colorada, mas a proporção de seus dissolvidos é mais ou menos forte, conforme as regiões.

Além disso, por uma medida de hygiene, tem addições de água de Javel.

Couso não supere saber que uma água semelhante seja capaz de ter effectos nocivos sobre peles delicadas. Podem utilizar-se os substitutos da água nã de origem com a natureza da essa pelle, mas de accordo com a qualidade da água que vos é fornecida. E se morais num local, qual mais servido? Poderia mencionar entre os seguintes exemplos:

Primeiro: a água de chuva, é perfeita, se um fór possível recolhê-la.

Segundo: a água destilada. Ha esterilizadores destinados a produzir uma agua desembaralhada de todos os seus impurezas.

Terceiro: outra fonte forte a agua depois de addição de uma pitada de bi-carbomato de sódio.

Enfim, ha muitas maneiras que agredem em simples filtração sobre productos especificos, ficando a agua em uma calafete.

Anão, por meio de um device apropriado poderias fazer a toilette com agua, sem prejudicá-las as belezas.

A forma das unhas pôde ter tanta expressão como a das mãos. Ha unhas que exprimem bondade, nobreza, sensibilidade; ha outras que exprimem mesquinhez e brutalidade. Ha unhas inteligentes e unhas emboladas, raposas e cruas... Naturalmente, como todo theoria, esta também não é infalivel, mas ha unhas que são sympathicas e unhas que são antipathicas.

A beleza das unhas não depende unicamente da forma, mas tambem da saúde. Esse estado de saúde é visivel, e não apenas quando ellas estão desfiguradas de verniz, mas até quando estão impecavelmente cobertas por verniz bomado. Pois, embora dessemle as imperfeições, se a unha não estiver em perfeito estado, o verniz não fica muito bem, não brilha tanto, parece menos lisa e suave de côr. A boa saúde das unhas é influenciado por muitos factores, diaramente, variis vezes.

Ha productos especificos que não alteram nem a côr nem o brilho do verniz. Tome o cuidado de polir automaticamente as unhas, depois de cada lavagem, fazendo uma ligera massagem na cuticula.

Os banhos de siso, e o óleo especial e muito alimenticio, que devem ser feitos uma ou duas vezes por semana, são excellentes para fortalecer as unhas desgastadas e quebradas e para substituir-las a brilha. Nunca é demais recomendar o uso do bruidez, sempre que se applica o verniz. Lembra isto tambem a sua manutem.

Não tenha as unhas nem longas, nem pontudas demais; dê-lhe a forma natural das mãos, alongando-as ligeiramente. A forma oval é sempre a mais bonita e favorece qualquer mão. Ponha verniz até as pontas das unhas, isto torna-as mais longas e afiladas. As pontas brancas que ficam depois do verniz não tem nada de esthoron. Deve o verniz ser leve, e por ella que a unha respire; para isto, o verniz deve ser sempre substituido de manhã ou de "hora da noite".

Quando a cor do verniz... Se no born que existe, não ha possibilidade de substituir, quando durado, as unhas e os vidros.





FIGURA 18. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 41



FIGURA 19. MODA

Fonte: Anauê, 1937, p. 42



FIGURA 20. MODA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 43

Na edição da revista número 15, a autora retorna com o primeiro modelo de publicação da coluna com o título de “Minha Crônica”. Por falta de fontes que apresentem o processo de construção ou escolha do que seria publicado e como, não é possível afirmar qual o motivo da troca de artigos de opinião para dicas de moda, beleza e culinária para depois retornar para textos opinativos sobre mulheres. No entanto, podemos levantar

hipóteses para análise. Uma delas é de que talvez as opiniões de Nilza referentes aos direitos e educação das mulheres, não tenham agradado aos editores e, por isso, tenham decidido que ela deveria escrever sobre o que seria de fato útil: cuidados da casa e beleza. Incitar as mulheres a terem voz, buscarem seus direitos e se qualificarem ocupando espaços de conhecimento poderia ser bastante perigoso para a manutenção da hierarquia social baseada na divisão sexual dos papéis estabelecida pelo integralismo. A mudança na abordagem de Nilza em sua coluna é de grande significado, no entanto, não encontramos nenhum estudo realizado tanto sobre a revista quanto sobre as mulheres integralistas, que abordassem essa questão referente à coluna “Senhora”. Sobre o retorno desse tipo de texto na edição 15, talvez Nilza tenha se recusado a escrever apenas sobre questões de casa e cuidado, ou os editores possam ter visto que o público se identificava mais com a temática anterior.

1.º de Maio. Consagra-se este dia àqueles que trabalham seguindo o preceito divino: "Comerás teu pão com o suor de teu rosto".

Os comunistas esperam sempre a chegada deste dia para a explosão de suas revoltas e angustias. Os jornais aparecem com suplemento especial. Os homens públicos discursam nas praças e nos coretos. As cidades tomam um aspecto festivo e embandeirado. Meus olhos abandonam esta alegria fictícia e se voltam para a mulher brasileira que trabalha e sofre sem nunca ser lembrada ou receber louvores.

Penso na mulher tostada pela sol impiedoso cantando modinhas tristes e monotônicas recurvada sobre a enxada que fere a terra aspera, arrancando-lhe soluços de dor. Pobre mulher humilde do meu Brasil! Merecias bem um poema exaltando a tua tristeza resignada, o teu heroísmo simples, a beleza expressiva de tuas rudes mãos caledas. Seria o mais belo e o mais real dos poemas porque se inspiraria na tua angústia e no teu sofrimento!

Enquanto nas ruas das cidades os oradores fazem a apologia do trabalho penso na miséria de tua casa, perdida na beira da estrada amarela, que foge para as cidades que nunca viste! Vejo os teus olhos magoados presos na creança amarela e franzina que brinca, nua, no terreiro com latinhas amassadas "fazendo de conta" que é o automóvel que passou voando e se perdeu na curva, lá longe... Trabalhas desde o amanhecer até o cair das sombras sobre os morros e os campos, na "cata" do café ou no plantio do arroz, chafurdada nos brejos ou escalando alturas, e retornas à tua pobre casa com as mãos quasi vazias. Como ganhas pouco e como és esquecida! Si por acaso alguém fosse hoje pavar a tua solidão mansa e amarga de hinos ao trabalho, como eles te soariam falsos e sem sentido! O teu trabalho mal remunerado e exaustivo nada tem de belo porque é, a tua velhice precoce, a tua morte e o abandono de teus filhos. Penso, hoje, em ti muito carinhosa e angustiadamente, semeadora humilde dos nossos campos!

E penso também nas mulheres desalentadas que passam pelas ruas nos madrugadas cinzentas em busca das fabricas sem luz e sem ar. Como são corajosas as mãos rudes e ativas das minhas patricias que tecem horas a fio ouvindo os gritos de cansaço e revolta das teares e polias que não param nunca! A tua palidez, os teus olhos tristes e sem brilho, os teus lábios descorados e sem beleza, o teu corpo magro e sem graça nos falam de tua vida árdua e tormentosa. Respirando o ar onde flutuam fios de algodão e pisando no cimento frio, respiras a morte e pisas no teu próprio tumulto. Trabalhas, às vezes, mais que um homem e ganhas menos que uma creança. Como eu te amo e lamento, minha patricia humilde!

Mais miserável ainda, és tu, mulher que trabalhas nas fabricas de espelho, de explosivos ou nos laboratorios quimicos, e que te inutilizas bem depressa absorvendo todas os gazes mortiferos que se desprendem dos produtos que prepares! Estás abandonada no teu infortunio, sózinha no teu desespero porque não tens a quem recorrer quando as injustiças e as desigualdades de tratamento e salario pesam mais fortemente sobre ti.

A mulher brasileira consciente e capaz precisa vir para o campo de luta defender energicamente os direitos das operarias que se depauperam nas fabricas ganhando um salario infimo e o das componezas que se extinguem no interior numa vida aspera e dura. Não mais lagrimas inuteis choradas no cinema ou na leitura do romance barato diante de uma operaria que morre de fome. Choremos, sim, mas lagrimas fecundas que, caindo sobre a terra mansa de nosso coração, nos façam mais piedosas e mais solidarias com o sofrimento das nossas patricias desprotegidas.

Neste 1.º de Maio pensemos mais seriamente na resolução do problema angustiioso da nossa patricia operaria-componeza, e trabalhemos ativamente para que um dia ao exaltarmos a beleza dos nossos ceus, a fertilidade dos nossos campos, a esplendor de nossa sol, possamos também cantar a felicidade da mulher brasileira.

FIGURA 21: SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 41

Dessa edição até a penúltima (21) é mantido o gênero textual de crônica em que a temática se mantém nas mulheres. O texto<sup>32</sup> que marca a volta das crônicas de Nilza Perez é referente às trabalhadoras brasileiras em comemoração ao dia 1 de maio, dia internacional do/a trabalhador/a. A blusa verde aponta para a mulher que “trabalha e sofre sem nunca ser lembrada ou receber louvores” (PEREZ, 1937, p. 41). Descrevendo as dificuldades e sofrimentos das trabalhadoras, afirma que em muitas vezes estas trabalham mais que os homens e ganham menos que uma criança. Aqui encontramos dois extremos. O “trabalhar como um homem” (PEREZ, 1937, p. 41) significa trabalhar arduamente, mais que qualquer outro. Já “ganhar menos que uma criança” (PEREZ, 1937, p. 41) se

---

<sup>32</sup> “1º de Maio. Consagra-se este dia aqueles que trabalham seguindo o preceito divino: “Comerás teu pão com o suor do teu rosto”. Os comunistas esperam sempre a chegada deste dia para a explosão de suas revoltas e angústias. Os jornais aparecem com suplemento especial. Os homens públicos discursam nas praças e nos coretos. As cidades tomam um aspecto festivo e embandeirado. Meus olhos abandonam esta alegria fictícia e se voltam para a mulher brasileira que trabalha e sofre sem nunca ser lembrada ou receber louvores. Penso na mulher tostada pelo sol impiedoso cantando modinhas tristes e monótonas recurvada sobre a enxada que fere a terra áspera, arrancando-lhe soluços e dor. Pobre mulher humilde do meu Brasil” Merecias bem um poema exaltando a tua tristeza resignada, o teu heroísmo simples, a beleza expressiva de tuas rudes mãos calejadas. Seria o mais belo e o mais real dos poemas porque se inspiraria na tua angústia e teu sofrimento! Enquanto nas ruas das cidades os oradores fazem a apologia do trabalho penso na miséria de tua casa, perdida na beira da estrada amarela, que foge para as cidades que nunca viste! Vejo os teus olhos magoados e presos na crença amarela e franzina que brinca, nua, no terreiro com latinhas amassadas ‘fazendo de conta’ que é o automóvel que passou voando e se perdeu na curva, lá longe... Trabalhas desde o amanhecer até o cair das sombras sobre os morros e os campos, na ‘cata’ do café ou no plantio do arroz, chafurdada os brejos ou escalando alturas, e retornas á tua pobre casa com as mãos quase vazias. Como ganhas pouco e és esquecida! Se por acaso alguém fosse hoje povoar a tua solidão mansa e amarga de hinos trabalho, como eles te soariam falsos e sem sentido! O teu trabalho mal remunerado e exaustivo nada tem de belo por que é, a tua velhice precoce, a tua morte e o abandono de teus filhos. Penso, hoje, em ti muito carinhosa e angustiadamente, semeadora humilde dos nossos campos! E penso também nas mulheres desalentadas que passam pelas ruas nas madrugadas cinzentas em busca das fábricas sem luz e sem ar. Como são corajosas as mãos rudes e ativas das minhas patrícias que tecem horas a fio ouvindo os gritos de cansaço e revolta dos teares e polias que não param nunca! A tua palidez, os teus olhos tristes e sem brilho, os teus lábios descorados e sem beleza, o teu corpo magro e sem graça nos falam a tua vida árida e tormentosa. Respirando o ar onde flutuam fios de algodão e pisando no cimento frio, respiras a morte e pisas do teu próprio tumulto. Trabalhas, às vezes, mais que um homem e ganhas menos que uma criança. Como eu te amo e te lamento, minha patrícia humilde! Mais miserável ainda, és tu, mulher que trabalhas nas fabricas de espelho, de explosivos ou nos laboratórios químicos, e que te inutilizas bem depressa absorvendo todos os gases mortíferos que se desprendem dos produtos que preparas! Estás abandonada no teu infortúnio, sozinha no teu desespero porque não tens a quem recorrer quando as injustiças e desigualdades de tratamento e salário pesam mais fortemente sobre ti. A mulher brasileira consciente e capaz precisa vir para o campo de luta defender energeticamente os direitos das operarias que se depauperam nas fabricas ganhando um salário ínfimo e o das camponesas que se extinguem no interior numa vida áspera e dura. Não mais lágrimas inúteis choradas no cinema ou na leitura do romance barato diante de uma operaria que morre de fome. Choremos, sim, mas lágrimas fecundas que, caindo sobre a terra mansa de nosso coração, nos façam piedosas e mais solidarias com o sofrimento das nossas patrícias desprotegidas. Neste 1º de Maio pensemos mais seriamente na resolução do problema angustiante da nossa patrícia operaria-camponesa, e trabalhemos ativamente para que um dia ao exaltarmos a beleza dos nossos céus, a fertilidade dos nossos campos, o esplendor de nosso sol, possamos também cantar a felicidade da mulher brasileira.” (PEREZ, 1937, p. 41)

refere aos poucos valores e direitos que são garantidos às crianças, justamente pela desvalorização que elas sofriam principalmente no século XVI ao XIX<sup>33</sup>. Destacamos aqui, que neste período Nilza Rezende já estava cursando Direito na Faculdade Nacional de Direito – FND/UFRJ e posteriormente, de acordo com o Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região<sup>34</sup> (TRT), foi sócia fundadora de um dos escritórios de advocacia mais antigos do país, criado em 1941, antes mesmo da instalação da Justiça do Trabalho no Brasil. Além de ter sido a primeira mulher a fazer sustentação oral no Supremo Tribunal Federal (STF), no site do escritório ainda ativo da família, na sessão “Pioneiros do Perez e Rezende”<sup>35</sup> é destacado que Perez recebeu a Medalha da Ordem do Mérito da Justiça do Trabalho da Presidência da República e a do Ministério do Trabalho.

Nesse sentido, neste texto de Nilza Perez, percebe-se sua preocupação com as trabalhadoras e operárias brasileiras. Enfatiza os baixos salários e, principalmente, como são esquecidas. Destacamos aqui a forma em que a autora se refere a essas mulheres, descrevendo uma realidade das trabalhadoras e operárias, a qual ela aparenta não partilhar, referindo-se à elas como outras mulheres.

Em “A regulamentação do trabalho feminino em um sistema político masculino, Brasil: 1932-1943”, Teresa Cristina Novaes Marques (2016) aponta sobre as diferenças de gênero em relação à definição das relações de trabalho e reconhecimento político. A autora aponta que a inserção da mulher no mercado de trabalho é um tema que tem recebido pouca atenção dos historiadores e historiadoras. A hipótese levantada no texto sobre essa questão indica que se for utilizado somente o sistema sindical para analisar a presença das mulheres na força de trabalho, se perde em muito a dimensão da realidade (MARQUES, 2016, p. 670). Ressalta-se que apesar de comporem um número baixo na associação sindical, as mulheres eram majoritárias em alguns setores da economia como o serviço doméstico, indústria de vestuário, magistério e estarem presentes também, na indústria têxtil (MARQUES, 2016, p. 670).

De acordo com Marques (2016), levar em consideração apenas o sistema sindical como forma de analisar a presença das mulheres na força de trabalho, faz com que haja perda da dimensão da realidade, visto que eram escassas as oportunidades de trabalho

---

<sup>33</sup> Ver: LIMA, Renata Mantovani de; POLI, Leonardo Marcelo; JOSÉ, Fernanda São. A Evolução Histórica dos Direitos da Criança e do Adolescente: da insignificância jurídica e social ao reconhecimento de direitos e garantias fundamentais. Revista Brasileira de Políticas Públicas, UFMG, 2017.

<sup>34</sup> Ver: BRASIL, Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região. Nota de Falecimento. Disponível em: [http://portal2.trt1o.gov.br:7777/pls/portal/PORtal.www\\_media.show?p\\_id=13862376&p\\_settingssetid=381905&p\\_settingsiteid=73&p\\_siteid=73&p\\_type=basetext&p\\_textid=13862377](http://portal2.trt1o.gov.br:7777/pls/portal/PORtal.www_media.show?p_id=13862376&p_settingssetid=381905&p_settingsiteid=73&p_siteid=73&p_type=basetext&p_textid=13862377). Acesso em: 30/10/23.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.perezerezende.com.br/blank-c1n8o>. Acesso em 30/10/23.

disponíveis para as mulheres que fugiam ao servir, cuidar e limpar (MARQUES, 2016, p. 670). Nesse sentido, a autora aponta que a presença feminina no mundo do trabalho era menos visível do que a dos homens, por ocuparem atividades de baixo prestígio social, ao contrário da figura masculina. A análise de Marques é dividida em três momentos ao longo do governo de Getúlio Vargas. O primeiro é delimitado pelos debates na Assembleia Constituinte entre 1933 e 1934. O segundo, durante os trabalhos legislativos regulares, em 1935 e 1937 e o terceiro, já na fase do Estado Novo, durante a movimentação interna no governo para a consolidação da legislação do trabalho do país, entre 1940 e 1943 (MARQUES, 2016, p. 670).

A autora pontua sobre várias questões referentes ao trabalho feminino, destacando sobre as restrições que eram estabelecidas, como o trabalho noturno por exemplo. Além disso, Marques destaca que na época havia diferença entre as mulheres que trabalhavam por necessidade e as que trabalhavam por “capricho”, na visão masculina (MARQUES, 2016, p. 677). Aponta também sobre a assistência à maternidade e por fim, que a falta de oportunidades profissionais, a restrição do acesso de mulheres a ofícios considerados perigosos ou contrários à natureza feminina, dificultou a conquista de sua autonomia econômica.

O texto de Nilza Perez ressalta sobre a importância não somente da valorização do trabalho feminino, mas da defesa dos direitos das trabalhadoras operárias e camponesas. Como supracitado, a autora se refere à essas mulheres como outras mulheres, mas em certo ponto ela utiliza a primeira pessoa do plural para se incluir na fala.

A mulher brasileira consciente e capaz precisa vir para o campo de luta defender energicamente o direito das operárias que se depauperam nas fabricas ganhando um salario ínfimo e o das camponesas que se extinguem no interior numa vida áspera e dura. Não mais lagrimas inuteis choradas no cinema ou na leitura do romance barato diante de uma operaria que morre de fome. *Choremos*, sim, mas lagrimas fecundas que, caindo sobre a terra mansa de *nosso* coração, *nos façam* mais piedosas e mais solidarias com o sofrimento das nossas patrícias desprotegidas (PEREZ, 1937, p. 41, grifo nosso)

A partir desse trecho é possível notar com mais clareza uma separação entre quem escreve e para quem se escreve. Assim como Marques (2016) salienta sobre a falta de oportunidades de trabalho que sejam vistos como prestígio na sociedade, para Perez as operárias e camponesas por não ser-lhes garantido direitos, não tinham um ambiente de trabalho e salário dignos. Nesse sentido, ao enfatizar sobre a importância de lutar pelos direitos dessas mulheres, a autora não inclui homens quando aponta sobre “vir para o campo de luta defender energicamente o direito das operárias (...) e o das camponesas”

(PEREZ, 1937, p. 41). Ela se dirige especificamente “a mulher brasileira consciente e capaz” (PEREZ, 1937, p. 41). No entanto, quem seriam essas mulheres? Neste momento, Nilza Perez se coloca como participante desse grupo e ainda chama a atenção para que não chorem mais por futilidades, como filmes assistidos no cinema ou na leitura de romances, pois, enquanto se ocupam com este tipo de coisa, existem mulheres morrendo e fome. A autora aponta sobre a importância de se conscientizarem e se tornarem mais piedosas e solidárias para com as outras mulheres, que estão em outra realidade e que parece ser distante da deste grupo. Por fim, Perez faz uma espécie de convite para que neste dia, 1º de maio, as mulheres pensem sobre como solucionar o problema das trabalhadoras e se movimentem para que um dia, além de exaltar as belezas da natureza, também possam “cantar a felicidade da mulher brasileira” (PEREZ, 1937, p. 41).

Na edição de número 16<sup>36</sup>, Perez discorre sobre heróis e aponta que considera a Princesa Isabel a maior das heroínas “da História luminosa e curta dos heroísmos

---

<sup>36</sup> “Certas expressões e palavras a força de serem repetidas perdem o verdadeiro significado tomando um sentido falso e impreciso. Ultimamente, então, com o aparecimento das questões sociais, a curiosidade pelos dramas históricos, o estudo biográfico de heróis, santos e reis este fenômeno se dá frequentemente. As palavras “nacionalismo”, “espírito revolucionário”, “patriotismo”, “bem da coletividade”, “burguesia”, tornaram-se lugares comuns e apresentam múltiplas e desencontradas interpretações. Com a palavra heroísmo o mesmo aconteceu. Interpretam-na de todas as formas, mudam-lhe o sentido, aplicam-na à revelia. Só compreendo duas espécies de heroísmo e heróis. O heroísmo impulsivo e o heroísmo meditado. O primeiro, são as frases rápidas e decisivas pronunciadas diante das grandes angústias e desesperos ou as atitudes impensadas dos que se atiram ao fragor das batalhas ou enfrentam perigos mortais sem refletir nas consequências de seu gesto. Não nego que isto seja heroísmo mas não chamo de grandes heróis estes impulsivos e arrebatados que agem em função do seu próprio instinto, obedecendo a pensamentos subconscientes sem meditar na necessidade do sacrifício e do desprendimento. Não medem as desgraças que podem advir do seu arrebatamento. Se tivessem tempo para refletir talvez recusassem temerosos do futuro trágico. Heroísmo esplendido e santo é o do homem que examina um fato, vê duas resoluções compreende que uma será a sua infelicidade e morte e a outra sua tranquilidade e bem-estar a opta pela primeira. Porque só aí há a verdadeira luta entre o homem-anjo e o homem-demônio. Se o homem-anjo vence temos os heróis, os santos, os mártires. Se é derrotado, os bandidos, os delatores, os perversos. Se os dois combatentes têm forças iguais, os homens comuns ora subindo os céus ora descendo aos abismos. Heroísmos é a vitória do bem sobre o mal. Herói é aquele que caminha para o sacrifício conscientemente, sabedor das consequências do seu gesto, do futuro trágico que o espera. E’ por pensar assim que considero D. Isabel, Imperial Regente do Brasil, a maior das heroínas da História luminosa e curta dos heroísmos femininos. Para libertar uma raça não hesitou a Princesa em retirar da sua cabeça imperial a coroa e desprender das fidalgas mãos o cetro do mundo. Não quis ouvir os conselhos de Cotegipe para que não assinasse a lei libertadora. A solidariedade humana falava nela mais alto do que a ambição de um reino. Assinado o decreto que libertava os escravos volta-se para Cotegipe dizendo-lhe: “Barão, ganhei a partida...” E ele, profético e sensato: “Ganhou a partida, mas perdeu o trono”. E, na verdade desde o dia em que Patrocínio lhe ajoelhara aos pés chorando e a Rosa de Ouro enviada por Leão XIII lhe prendeu dos brocados sabia que era jamais seria Rainha dos Brasileiros. Heroísmo magnífico que não hesitara diante de um trono com suas glórias e o seu fausto! Heroísmo da renúncia consciente, do sacrifício calculado, da abnegação meditada. Os detratores de sua figura de heroína e de santa acusam-na de anti-abolicionista negando-lhe a espontaneidade em decretar a libertação da raça sofredora. A calúnia, porém, recua quando esbarra na virtude e a pureza. A prova de que Isabel, a Redentora sempre foi abolicionista está no fato de terem sido libertados no dia de seu casamento os escravos que ela tinha a seu serviço. Mais ainda. As leis do ventre livre e dos sexagenários foram assinadas pela Imperial Regente na ausência de D. Pedro II. Prova maior está no jornalzinho dos príncipes “Correio Imperial” nitidamente abolicionista e que por ocasião de uma batalha de flores em Petrópolis publicou os seguintes versos:

femininos” (PEREZ, 1937, p. 37). Exalta veemente a coragem dela em “retirar da sua cabeça imperial a coroa” (PEREZ, 1937, p. 37) e de não ouvir conselhos para não assinar a lei libertadora. A militante escreve uma espécie de defesa da Princesa Isabel sobre o processo de assinatura da Lei Áurea que extinguiu a escravidão do Brasil.

---

“Essa batalha preclara  
De flores mil matizes  
Grandes venturas prepara  
A’ sorte dos infelizes  
Com ardor é pelejada  
Por uma fila de bravos  
Sob os auspícios da Fada  
Que se condói dos escravos”

Aí estava a alusão direta á Fada Imperial que se condoía dos escravos e que ensinava aos seus filhos a revolta contra aquela nodoa que escurecia paginas de nossa História. Se D. Isabel não libertou os negros logos que esta aspiração surgiu no meio do povo foi porque a sua inteligente política compreendia que a extinção do trabalho forçado poria o país em desordem e prejudicaria profundamente a vida agrária do Brasil. Queria libertar os negros, mas lentamente. Quando, porém, compreendeu que o pedido do povo se transformava num apelo ela se esqueceu do interesse dos filhos e da estabilidade do Império para só ver as aspirações do povo e os lamentos dos escravos. Se ela não amasse tão intensamente a terra natal poderia recusar-se a assinar a lei libertadora e o nosso País se veria devastado por uma guerra civil talvez mais bárbara e prejudicial do que a processada nos Estados Unidos. Preferiu perder o trono e libertar uma raça do que governar um povo escravo descontente. Quanta luta e reflexão não lhe deve ter custado este gesto! De um lado um trono do outro o exílio. O bem venceu o mal e o Brasil expulsou a sua Redentora. E é aí então que o seu heroísmo cresce e se santifica. Ela amara o Brasil carinhosamente quando também era amada e glorificada. Mas amou-o ainda mais quando banida, renegada, esquecida, vilipendiada. Este é o seu padrão de glória. Diante deste vulto importante de Brasileira em que se concentram a abnegação a pureza, a tenacidade, a constância, o desprendimento, o patriotismo nós nos curvamos respeitosos, aclamando-a como o mais belo simbólico vulto da História do heroísmo feminino brasileiro.” (PEREZ, 1937, p. 37)

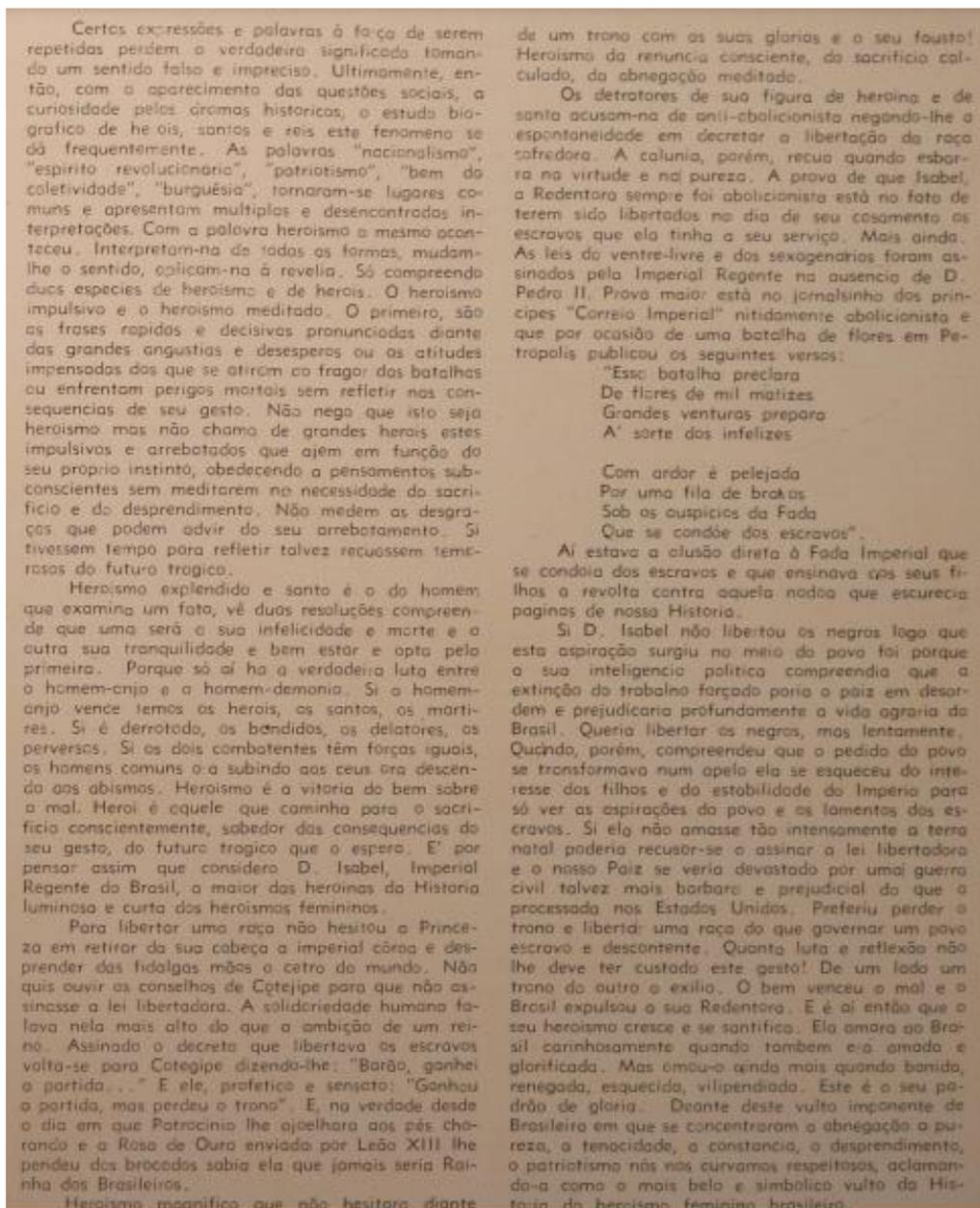


FIGURA 22. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 37

O processo de abolição da escravatura pela assinatura da Lei Áurea pela princesa Isabel é entendido e narrado por Nilza Perez quase que de uma forma romântica. Inicialmente ela estabelece diferenças entre dois tipos de heroísmo. O impulsivo e o imediato. O primeiro se refere a ações impensadas, sem refletir sobre consequências. Ela aponta que reconhece ser importante, mas não considera um grande ato, visto que não reflete necessidade de sacrifício e desprendimento. Já o outro tipo, é visto como um heroísmo esplêndido e santo, que representa uma verdadeira luta interior. Como exemplo disso, Perez destaca a figura da princesa Isabel como a maior das heroínas da história dos

heroísmos femininos. Descreve como a que soube renunciar ao trono e sacrificar a sua posição em prol de um bem maior.

Ao longo do texto, a autora intercala em sua escrita o sofrimento e sacrifícios os quais a princesa enfrentou, com a ênfase do amor dela pelo Brasil, mesmo “quando banida, renegada, esquecida, vilipendiada” (PEREZ, 1937, p. 37). Diante de toda a trajetória apresentada, Nilza Perez destaca a importância que a princesa Isabel tem como símbolo da história do heroísmo feminino brasileiro. Diferentemente do que era ensinado/dito às mulheres integralistas de que seu papel era o de cooperação ao lado dos homens, neste texto a autora constrói como possibilidade um novo perfil ao feminino, o de mulher protagonista. Além de ser uma mulher que compunha a corte real ocupando um lugar de poder, teve destaque ao assinar uma Lei que mudou o país. Nesse sentido, o texto de Perez apresenta às leitoras da coluna, não somente a possibilidade de mulheres estarem no poder, mas também de serem protagonistas de grandes feitos.

No artigo seguinte da edição n. 17<sup>37</sup>, Nilza Perez exalta mulheres poetisas. Apontando sobre a busca por descobertas, interesses pelo desconhecido e crescimento do

---

<sup>37</sup> “Houve uma época em que a febre de descoberta, a curiosidade pelo desconhecido e misterioso levou os homens de ciência, os sábios, os artistas e até mesmo os marinheiros a buscarem, ansiosamente, ossadas pre-históricas, cidades soterradas, obras de arte esquecidas, velhos pergaminhos relevadores de coisas novas, e, terras perdidas na amplidão dos mares. E os museus se enchiam, e as cidades legendárias apareciam, e a ciência aumentava os seus conhecimentos, e o mundo engrandecia e se ampliava. Neste momento os povos se sentem novamente tomados por este desejo de ressuscitar as coisas mortas ou em tornar lembradas as coisas esquecidas. E buscam-se novidades. E excava-se curiosamente. E revolvem-se arquivos apressadamente. Não mais a procura de ossadas ou de estatuas mutiladas. As excavações de agora são feitas no passado dos povos e procura-se tirar a poeira e a cinza que escondem ou embaçam a face luminosa e bela daqueles que foram grandes ou foram bons e puros. Multiplicam-se as biografias de sábios, santos, guerreiros, poetas, artistas, soldados, heroes. Talvez que a ressurreição destes vultos imponentes do passado clareiem a consciência de um povo e acordem a alma de uma raça adormecida. Até nós chegaram os nomes daqueles que lutaram contra os invasores ou se celebrizaram por gestos guerreiros ou atitudes spartanas. Mas as vozes das nossas primeiras poetistas foram se perdendo pelo tempo e não ouvimos hoje, mais que um som débil e tímido. Excavadores que somos do passado, desenterremos estas pálidas figuras empoeiradas e por intermédio de nosso carinhoso patriotismo, ampliemos e exaltemos os cantos das poetisas brasileiras dos séculos passados. Na aurora de nossa evolução política aparece em Olinda a pioneira das nossas intelectuais – Rita Joana de Souza, cantando a beleza da vida e mostrando pela sua inteligência e conhecimentos de História e Ciências o quanto a mulher poderia fazer pela cultura e literatura de um povo – A sua obra, quase toda esparsa, ficou desconhecida de seus contemporâneos e das gerações futuras. Mais tarde, quando a Revolução Pernambucana empolgava os corações patrióticos do Brasil, a freira Candida Luisa de Catro expande toda a vibratibilidade da alma feminina nestes comovidos versos:

Os caros Pernambucanos  
De Olinda os filhos mimosos  
Passaram de ser humanos  
Divinos agora são  
Dentro do meu coração

Os caros Pernambucanos

No fim do século XVIII brilha na História feminina brasileira um dos seus mais fulgidos nomes: Barbara Heliadora Guilhermina da Silveira. O seu heroísmo esplêndido e nobre, sacrificando a felicidade e bem estar pela dignidade e pela honra já foi focalizado inúmeras vezes por historiadores e conferencistas. Pouco, porém, si tem falado de sua obra poética que é bela e grande, embora esquecida e ignorada por muitos. Esta

ilustre patrcia mineira procurava gravar na memoria de seus discpulos os ensinamentos da vida por meio de versos assim:

Meninos, eu vou ditar  
As regras de bem viver;  
No basta somente ler,  
E' preciso ponderar,  
Que a lição no faz saber  
Quem faz sbios o pensar.

Tambm na Bahia a mulher se movimentava procurando sair do estreito circulo de atividades que lhe estava traado. Ildefonsa Laura Cezar escreve arrebatadas poesias amorosas e o seu livro o primeira obra feminina publicada naquele estado. Maria Elisa de Miranda Chaves, tambm da terra de Ruy Barbosa, produziu muitas obras e dentre os seus versos h um soneto de real beleza que assim termina:

Mas inda nesse estado, em que lutando  
Vivo contra o furar da iniqua sorte  
Hei de mrtir do amor, morrer te amando  
Embora em premio desse amor to forte  
Me vo sensivelmente definhando  
O pranto, a queixa, a solidao e a morte.

Ainda no fim do Sculo XVIII nasce em Ouro Preto uma ou outra poetisa de talento fulgurante – Beatriz Francisca de Assis Brandao. Creada no ambiente de rebeldia e inquietude que a Inconfidencia formara, desde a mais tenra idade esta mulher admiravel sentiu gritar dentro de si a revolta contra os preconceitos exagerados da epoca e o desejo de lutar pelo engrandecimento cultural da mulher que at ento vivera completamente abandonada. Estudou. Ilustrou-se. Pertenceu a varios grmios literarios e associaes civicas sendo at proposta por Joaquim Norberto de 1868 para socia do Instituto Historio. Da sua obra feunda e pujante recolhemos estes belos e elevados versos escritos aos 18 anos:

Estas que o meu amor vos oferece  
Nas tardas produoes de fraco engenho  
Amadas nacionais, sirvam no empenho  
A talentos que o vulgo desconhece.  
Um exemplo talvez nos aparece,  
Em que brilheis nos traos que desenho,  
De excessivo louvor gloria no tenho,  
E si algum merecer de vs comece.

Uma outra encantadora e fina poetisa o Ana Teofila Filgueiras Autran que aos 10 anos fazia versos e aos 12 publicou o seu primeiro livro. Os seus versos, ingenuos e singelos, falam assim:

Teus olhos lindos, brilhantes  
A fitar meus olhos vi;  
Olhei-os outra vez, olhei-os,  
E ainda olhavam para mim...  
Baixei os meus e corando,  
Olhei de novo e tremi...

No Rio Grande do Sul tambm se revolta a alma ardente da gaucha contra as torpezas e injustias sociais: Que importa o crime e a dor, si em farta e lauta mesa  
Do cortas ao prazer, alento a saturnal!  
La fora, no abandono, a misera, a pobreza  
Mendiga pela rua ou morre no hospital!

O sculo XIX multiplicou as poesias do Brasil – Em todos os Estados levantavam-se vozes para cantar a grandeza da nossa terra ou para chorar as maguas de um amor incompreendido. Muitos dirao que os versos destas mulheres no possuem pureza de forma ou no so totalmente belos. E' preciso, porem, que situemos estas poetisas na epoca em que viveram quando ainda estavam cortados para as mulheres todo o contacto com a cultura e a civilizao. A poesia vivia nelas em potencial. Quando a Patria travava combates lutando pela sua Independencia ou quando o corao amargava-se com as desditas do amor, a poesia jorrava, expontanea e bela, dos lbios franzidos pela dor ou abertos para os gritos de guerra. Fala-se muito nas trovas sertanejas improvisadas num choro de viola ou nos versos dolentes do sambista do morro mas jamais se falou da poesia da mulher morena que adormece o filho ao balanço da rede, cantando e improvisando. Si o Brasil o uma terra de poetas, o tambm uma terra de poetisas.” (PEREZ, 1937, p. 35)

conhecimento científico, a autora ressalta alguns nomes em específico e destaca alguns trechos das obras de suas respectivas autoras.

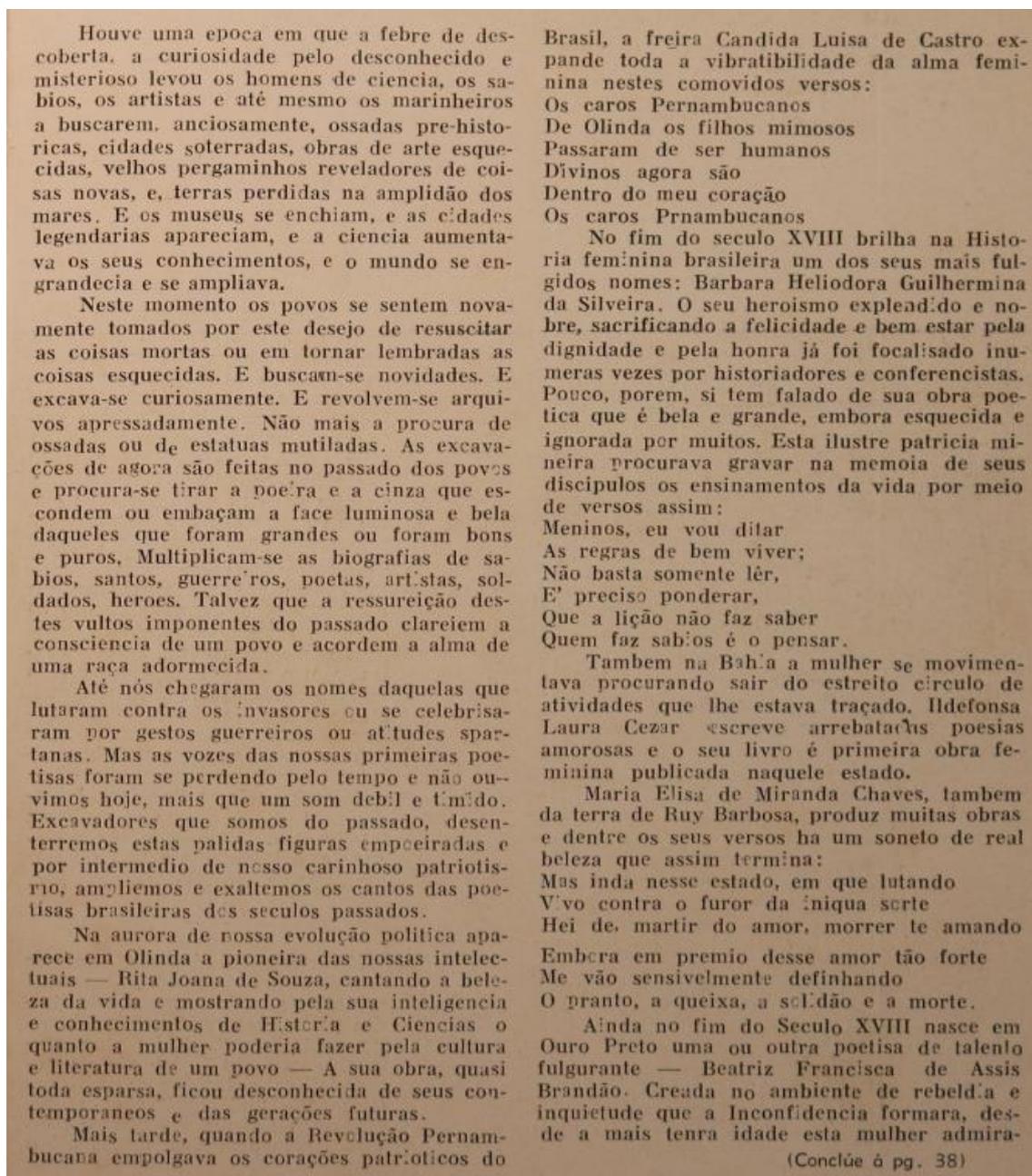


FIGURA 23. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 35

(Conclusão da pg. 35)

vel sentiu gritar dentro de si a revolta contra os preconceitos exagerados da época e o desejo de lutar pelo engrandecimento cultural da mulher que até então vivera completamente abandonada. Estudou. Ilustrou-se. Pertenceu a varios gremios literarios e associações civicas sendo até proposta por Joaquim Norberto em 1868 para socia do Instituto Historio. Da sua obra feunda e pujante reelhemos estes belos e elevados versos escritos aos 18 anos:

Estas que o meu amor vos oferece  
Nas tardas produções de fraco engenho,  
Amadas nacionais, sirvam no empenho  
A talentos que o vulgo desconhece.

Um exemplo talvez nos aparece,  
Em que brilheis nos traços que desenho,  
de excessivo louvor gloria não tenho,  
e si algum merecer de vós comece.

FIGURA 24. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 38



Nilza Perez enfatiza que embora muitas das escritoras tenham sido esquecidas e ignoradas, tendo que lutar contra os preconceitos da época, deixaram uma contribuição significativa com sua escrita. Nesse sentido, ressalta-se a importância não somente da valorização da escrita delas, mas de lembrar que “se o Brasil é uma terra de poetas, é também terra de poetisas” (PEREZ, 1937, p. 35). Mais uma vez, a autora afirma que as mulheres podem ocupar lugares de destaque assim como os homens.

Edição seguinte (n.18)<sup>38</sup> a autora volta a falar sobre a situação da mulher na Rússia durante o regime soviético, no entanto, não apresenta as fontes em que retirou as informações. Em um primeiro momento, a blusa verde aponta sobre as transformações ocorridas da sociedade russa, com os fechamentos dos templos religiosos, adaptação das mulheres ao sistema comunista, aumento do trabalho e perda de direitos. Nilza Perez faz uma espécie de narrativa sobre uma situação caótica que se encontravam as russas que ansiavam por liberdade, onde as mais jovens se rebelavam contra o governo stalinista, na tentativa de construir um império cristão e humano.

---

<sup>38</sup> “Não é a mulher emancipada ou assemelhada ao homem, mas o ‘eterno’ que terá um papel a representar no período futuro da história”. Berdiaeff. O admirável pensador cristão assim falou no seu livro ‘Uma Nova Media’ que é uma das obras mais belas e comoventes dos últimos tempos. E a sua profecia vai se comprovando com os últimos fatos ocorridos na Rússia Soviética. Quando a bandeira de sangue desdobrou-se pesadamente sobre a Rússia martirizada e as famílias de desassociavam, e os templos fechavam lugubrememente as portas se transformavam em casas públicas, e os batalhões femininos marchavam pelas, e os rostos suaves das moças se enrijeciam, e o amor se materializava, pensou-se que a alma russa, mística e corajosa morrera ou se diluíra nas ondas negras do materialismo soviético. As mulheres sorridentes e despreocupadas vestiram uma blusa de pano grosso, cortaram os cabelos, cerraram os dentes, foram para as ruas e a vida rolou mais desgraçada e lentamente nas planícies geladas e brancas. Pareceu-nos que também a mulher russa se adaptara ao bárbaro regime que lhe tirava todos os direitos e punha sobre os ombros o dever, — vazio e sem sentido, — de trabalhar e lutar para que se afirmasse no mundo poderia no mundo o poderio da Ditadura Proletária. Pensava-se que também ela emancipando-se, regenera a moral, a probidade, a dignidade humana, o sentimento religioso, as qualidades femininas. Agora, porém, que a Rússia novamente se convulsiona á procura da relativa felicidade perdida, nós compreendemos que nestes longos anos de silêncio, criou-se na Nação mártir uma consciência feminina, pura e cristã, em defesa dos princípios que são a garantia e a vida do “eterno feminino” lembrado por Berdiaeff. Entre a aparência exterior da mulher russa e o seu mundo interior, nada havia de harmônico ou ritmado. A alma mística a vida só é possível quando a cabeça pende num gesto de concordância com a vontade absoluta do soberano absolutista. E ela queria viver para poder transmitir as gerações futuras a alegre repicar dos sinos que cantavam no passado e que agora choravam numa voz de apelo e de anseio de libertação. As mãos crispadas das mulheres estão se erguendo para o céu num gesto de súplica e oração. E são estas mesmas mãos, calejadas pelos trabalhos árduos e feridas no contato com a materialização da vida, que agora se tornam suaves e ternas desmanchando as rugas e vincos que marcam os corações e os rastos das moças cansadas e desiludidos. E os sinos já estão cantando, novamente, na Rússia. A geração filha das mulheres martirizadas se rebelam contra a prepotência selvagem de Stalin. Ele se esqueceu de abafar a alma a alma da raça e o sentimento profundamente cristão que descia do céu e subia da terra, penetrando no povo russo. Agora já serão inúteis os fuzilamentos e os exílios. Não são homens que rebelam. E’ alma da Nação russa que explode e quer o seu povo para construir um novo Império, cristão e humano. E mais hoje, mais amanhã o Czar do Século XX cairá. E o “eterno feminina” terá sido a causa principal desta queda. (PEREZ, 1937, p. 59)

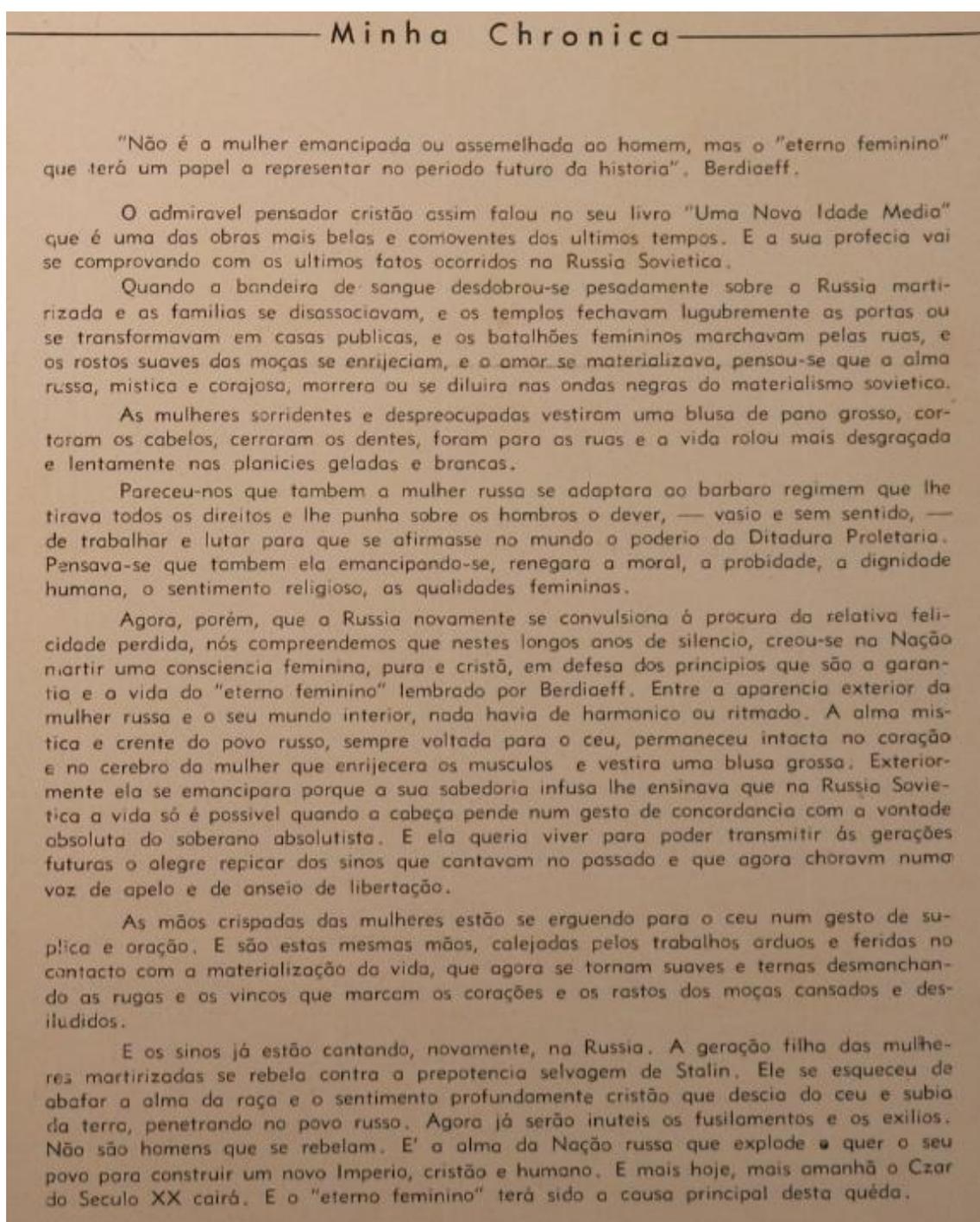


FIGURA 26. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 59

Destaca-se que a adaptação das mulheres russas ao "bárbaro regime", ao assumir o dever de trabalhar e lutar para o fortalecimento da Ditadura Proletária, tinha seus direitos retirados e substituídos por deveres considerados por ela, vazios e sem sentido. A conclusão do artigo é de que a queda do comunismo na URSS só aconteceria,

principalmente, “pelo despertar do ‘eterno feminino’”, ou seja, características únicas e essenciais da feminilidade, salientando sobre a importância das mulheres e sua consciência para a transformação da sociedade pela sua especificidade.

A coluna publicada na edição seguinte (19)<sup>39</sup> inicia-se apontando para um problema comum no país na visão da autora. A princípio, as questões femininas que anteriormente foram abordadas em todos os seus textos, aqui não aparecem de imediato. Perez enfatiza sobre os problemas e capacidade de análise e resolução do povo brasileiro. Para ela, os/as brasileiros/as se preocupam muito com detalhes e ignoram questões mais importantes.

---

<sup>39</sup> “E’ curioso observar como em certos momentos da vida de um povo os homens perdem a faculdade de pensar e raciocinar. Ou, se não a perdem totalmente, analisam todos os problemas superficialmente dando-lhes soluções incompletas ou unilaterais. O brasileiro traz consigo o grave defeito de preocupar-se mais com os detalhes do que com as grandes linhas. Diante de um quadro épico atenta para a espada do general e esquece a beleza e grandiosidade do conjunto. No Brasil sempre tem acontecido assim com o estudo de nossos problemas, os mais complexos e graves. Na época das mudanças dos homens nos postos de mudança dos homens nos postos de mando este defeito se torna mais perigoso. Os nossos estadistas e administradores jamais encararam o problema brasileiro em toda a sua extensão e de um modo totalitário e por isto os nossos problemas continuam insolúveis. Esta incapacidade de totalização dos políticos nacionais só tem feito crescer a angústia e desespero do povo que já compreendeu que nenhum problema pode ser resolvido sem afetar outros que lhe são conexos e que o Brasil deve resolver o problema brasileiro para que haja ritmo perfeito na vida da nossa gente. Ainda agora este mal subsiste. Não faz muito tempo os jornais anunciaram a criação do Partido Feminista em Minas Gerais. Este Partido tem por finalidade a conquista de todos os direitos públicos para a mulher, a igualdade dos sexos, completa liberdade feminina. A fundadora do partido põe na vitória destes princípios a salvação do Brasil. Lendo esta noticia uma angústia muito grande cresce nos nossos corações de brasileiros isto por ver que as ordens ditadas pelo Komintern estão sendo postas em práticas no Brasil com a máxima solicitude e carinho. O Komintern ordenou aos seus sequazes que destruíssem a família para que o comunismo se implantasse no Brasil e esta destruição de partidos feministas que lutariam pelo direito da mulher se libertar e dos filhos, destruindo, assim, totalmente, o espírito familiar, reduto último contra o qual se choca a onda dissolvente do materialismo bolchevista. Esta ordem está sendo cumprida no Brasil, consciente ou inconscientemente. Se for conscientemente nós, as mulheres cristãs e nacionalistas, devemos combater este partido que traz por debaixo do rotulo — reivindicações feministas — o cinismo e a maldade comunista. Se for inconscientemente, ainda assim, devemos negar o nosso apoio a estas reivindicações. E’ absurdo e extravagante que no momento em que a humanidade procura defender o seu mais natural direito que é o de existência, contra o qual os vândalos comunistas atentam, as mulheres saiam pelas ruas defendendo os direitos femininos. Dividir um exército no mento decisivo da batalha por preconceito de raça, sexo ou casta é não desejar a vitória, não amar o a sua bandeira. O Brasil vive o grande de sua História. Existe um inimigo comum, terrível e destruidor — o comunismo. Separar os brasileiros, já tão divididos pela política, em sexos é entregar a Nação brasileiro ao adversário do Espírito da Pátria. As mulheres nacionalistas e cristãs lançamos o seu grito de combate á fundação desse partido porque não nos interessam, os nossos direitos femininos quando os direitos da Pátria e da Cristandade estão ameaçados. Lutemos pela libertação da Pátria e pela resolução do Problema Brasileiro. Libertada aquela e resolvido este, as mulheres brasileiras serão felizes e estarão tranquilas com os seus direitos, humanos e naturais, assegurados. Logo embaixo da crônica: “Mãe brasileira! O comunismo será a desgraça de teus filhos, Alista-te hoje mesmo e vota em Plinio Salgado”” (PEREZ, 1937, p. 58)

**Minha Chronica**

E' curioso observar como em certos momentos da vida de um povo os homens perdem a faculdade de pensar e raciocinar. Ou, si não a perdem totalmente, analysam todos os problemas superficialmente dando-lhes soluções incompletas ou unilateraes. O brasileiro traz consigo o grave defeito de preocupar-se mais com os detalhes do que com as grandes linhas. Deante de um quadro épico attenta para a espada do general e esquece a belleza e grandiosidade do conjunto.

No Brasil sempre tem acontecido assim com o estudo de nossos problemas, os mais complexos e graves. Na época da mudança dos homens nos postos de mando este defeito se torna mais perigoso. Os nossos estadistas e administradores jamais encararam o problema brasileiro em toda a sua extensão e de um modo totalitario e por isto os nossos problemas continuam insolúveis. Esta incapacidade de totalização dos politicos nacionaes só tem feito crescer a angustia e desespero do povo que já comprehendeu que nenhum problema pode ser resolvido sem afectar outros que lhe são connexos e que o Brasil deve resolver o problema brasileiro para que haja rythmo perfeito na vida da nossa gente.

Ainda agora este mal subsiste. Não faz muito tempo os jornaes annunciaram a criação do Partido Feminista em Minas Geraes. Este Partido tem por finalidade a conquista de todos os

direitos publicos para a mulher, a igualdade dos sexos, a completa liberdade feminina. A fundadora do partido põe na victoria destes principios a salvação do Brasil.

Lendo esta noticia uma angustia muito grande cresce nos nossos corações de brasileiros e isto por vêr que as ordens dictadas pelo Komintern estão sendo postas em pratica no Brasil com a maxima solicitude e carinho. O Komintern ordenou aos seus sequazes que destruíssem a familia para que o communismo se implantasse no Brasil e esta destruição deveria ser feita pela criação de partidos feministas que lutaríam pelo direito da mulher se libertar do lar e dos filhos, destruindo, assim, totalmente, o espirito familiar, reducto ultimo contra o qual se choca a onda dissolvente do materialismo bolchevista. Esta ordem está sendo cumprida no Brasil,

consciente ou inconscientemente. Si fôr conscientemente nós, as mulheres christãs e nacionalistas, devemos combater este partido que traz por debaixo do rotulo — reivindicações femininas — o cynismo e a maldade comunista. Si fôr inconscientemente, ainda assim, devemos negar o nosso apoio a estas reivindicações. E' absurdo e extravagante que no momento em que a humanidade procura defender o seu mais natural direito que é o de existencia, contra o qual os vandalas communistas attentam, as mulheres saiam pelas ruas defendendo os direitos femininos. Dividir um exercito, no momento decisivo da batalha, por preconceitos de raça, sexo ou casta é não desejar a victoria, não amar a sua bandeira. O Brasil vive o grande dia de sua Historia. Existe um inimigo common, terrivel e destruidor — o communismo. Separar os brasileiros, já tão divididos pela politica, em sexos é entregar a Nação brasileira ao adversario do Espirito da Patria. As mulheres nacionalistas e christãs lançamos o seu grito de combate á fundação desse partido porque não nos interessam, os nossos direitos femininos quando os direitos da Patria e da Christandade estão ameaçados. Lutemos pela libertação da Patria e pela resolução do Problema Brasileiro. Libertada aquella e resolvido este, as mulheres brasileiras serão felizes e estarão tranquillias com os seus direitos, humanos e naturaes, assegurados.

**Machinas manuaes para cobrir**



**BOTÕES**

dando

bons

lucros

às

modistas

Julio Marques de Souza  
41-RUA GONÇALVES DIAS

FIGURA 27. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 58

Enfatizando sobre a falta de resolução dos problemas que assolam o Brasil, a blusa verde aponta para a criação de um Partido Feminista em Minas Gerais. Ressalta que a finalidade desse partido é a conquista de todos os direitos públicos para a mulher, igualdade dos sexos e a completa liberdade feminina. Assim, “a fundadora do partido põe na vitória destes princípios a salvação do Brasil” (PEREZ, 1937, p. 58). Nilza Perez salienta sua angústia em ver que “as ordens ditadas pelo Kominter” estavam sendo colocadas em práticas do Brasil.

A militante afirma que foi ordenado aos seguidores do comunismo a destruição da família, para que dessa forma, fosse implantado o comunismo no Brasil. Nesse sentido,

a formação do partido feminista que lutaria pelo direito de liberdade da mulher e dos filhos, destruiria “o espírito familiar”.

Ao longo dos artigos escritos por Nilza, o discurso anticomunista é fortemente marcado principalmente no que se refere ao corromper da figura feminina e a destruição familiar. Carla Luciana Silva (2000) em “Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia” apresenta um panorama sobre os discursos anticomunistas no Brasil na década de 1930. A autora destaca sobre as origens do anticomunismo, posto que nas primeiras décadas do século XX foram marcadas como “período de amplos reflexos da Revolução Soviética” (SILVA, 2000,198). Dessa forma, Silva analisa que o anticomunismo serviria como instrumento para preservar o *status quo* do Estado, de forma a beneficiar as camadas detentoras do poder político e econômico. Reforça-se ainda que a construção desse inimigo não dependia necessariamente de ser algo concreto, visto que “a imagem dele enquanto ‘fantasma’ que poderia atacar a qualquer tempo era, muitas vezes, mais válida do que a de um ser concreto, como um partido” (SILVA, 2000, p. 211). Ou seja, a ampla compreensão desse tipo de inimigo a ser combatido, facilita o enfrentamento a qualquer tipo de oposição que se coloque direta ou indiretamente contra o sistema.

Isto posto, Carla Silva afirma que “em diferentes momentos da história da política brasileira, o ‘anticomunismo’ foi uma forma encontrada pelas elites políticas para legitimar políticas conservadoras” (SILVA, 2000, p. 205), além de representar os interesses de grupos sociais que buscavam a dominação política e social. Nos textos de Perez esse discurso sobre o inimigo comunista é fortemente marcado, principalmente quando esse perigo vermelho ameaça diretamente a estrutura familiar através das mulheres ao terem contato de alguma forma com o “masculinismo” – feminismo.

Na penúltima edição (n.20)<sup>40</sup>, Nilza Perez retoma as comparações entre os tipos de mulheres no que se refere a questões político-sociais.

---

<sup>40</sup> E’ inútil querermos, num vão desejo de enganar a nós mesmos, negar que o momento que passa é dos mais graves e sombrios. Tudo transpira agitação e inquietude. O ambiente pesado é daqueles que precedem as grandes tragédias. Para os que pensam e vêm largamente, a luta não será entre dois partidos, duas classes, dois povos ou duas raças. Travar-se-á entre mentalidades. Os cegos e transviados que se batem pela implantação de um regime desumano e irracional contra a geração moça que luta pelo real, em nome de ideias novas e definidas. E no meio destes dois grupos combatentes, há os covardes que não tendo coragem para defender os seus símbolos mortos, ficam no meio do caminho, como pedras ásperas ferindo e obstando os pés cansados daqueles que lutam. E é doloroso notar que por entre estes homens que se guerreiam e se matam há mulheres que passam, indiferentes e tranquilas. Não compreendem que do resultado final desta batalha depende a sua felicidade e o seu futuro. Estas mulheres que passam assim, como sombras frias e mortas, por entre os soldados do bem e do Mal não querem se preocupar com os dias de hoje, ignorando que mais tarde, pagarão com sangue e lágrimas, a inconsciência atual. E é doloroso notar que por entre

---

estes homens que se guerreiam e se matam há mulheres que passam, indiferentes e tranquilas. Não compreendem que do resultado final desta batalha depende a sua felicidade e o seu futuro. Estas mulheres que passam assim, como sombras frias e mortas, por entre os soldados do Bem e do Mal não querem se preocupar com os dias de hoje, ignorando que mais tarde, pagarão com sangue e lágrimas, a inconsciência atual. Também as mulheres estão separadas pelas linhas claras e intransponíveis de mentalidades diferentes. De um lado formaram-se as fúteis, as despreocupadas, a quem só interessam os prazeres, as diversões, a vaidade, a vida material e sem encantos. Para estas tudo é indiferente. Só pedem liberdade bastante para se atirarem no torvelinho da vida. Pátria, família, alma, são palavras que não entendem por que as borboletas nunca compreenderam o sentido elevado das causas e das ideias. A outra facção é formada por aquelas que sentem perigo dos dias atuais, que se interessam pelos problemas político-sociais, que sabem as desgraças que o comunismo trará às mulheres, e que, apesar de saberem e sentirem tudo isto, permanecem paradas, sem coragem de abandonar uma vida fácil e cômoda, de romperem com inúteis preconceitos sociais e virem para o campo raso lutar contra o mal e o erro. Mas para a glória de uma época, existe e corrente daquelas que cristalizaram seus pensamentos e sentimentos em ação, que compreenderam a inutilidade dos temores e aflições estáticas, que sentiram como se fosse no seu próprio corpo e alma, os sofrimentos e desgraças da mulher russa e espanhola. Esta, são as que sacudiram o torpor do comodismo e se levantaram. Estas, as que sofrem agora as dores de todas os dramas para que amanhã passam repousar tranquilas e felizes. Estas as que não passam como sobras frias e mortas nos campos de batalha, porque lutam de espada em punho, contra os maus, na vanguarda dos bons. Estas as que romperam com uma sociedade fútil e hipócrita para lutarem pelo seu Deus e pela sua Pátria. Estas, as que poderão pedir contas às fúteis e covardes. Estas, as que decidirão a vitória do Bem sobre o Mal. Estas, as que mais tarde poderão se vangloriar de terem assistido a aurora de um mundo novo. Estas são a geração de mulheres novas talhadas por um ideal claro e superior. Estas são as que engrandecerão mais o Brasil, cobrindo-o de Glórias e Virtudes. (PEREZ, 1937, p. 43)

É inútil quereremos, num vão desejo de enganar a nós mesmos, negar que o momento que passa é dos mais graves e sombrios. Tudo transpira agitação e inquietude. O ambiente pesado é daqueles que precedem as grandes tragédias. Para os que pensam e vêm largamente, a luta não será entre dois partidos, duas classes, dois povos ou duas raças. Travar-se-á entre mentalidades. Os cegos e transviados que se batem pela implantação de um regime desumano e irracional contra a geração moça que luta pelo recl, em nome de idéas novas e definidas. E no meio destes dois grupos combatentes, há os covardes que não tendo coragem para defender os seus símbolos mortos, ficam no meio do caminho, como pedras asperas ferindo e obstando os pés cansados daqueles que lutam.

E é doloroso notar que por entre estes homens que se guerreiam e se matam há mulheres que passam, indiferentes e tranquilas. Não compreendem que do resultado final desta batalha depende a sua felicidade e o seu futuro. Estas mulheres que passam assim, como sombras frias e mortas, por entre os soldados do Bem e do Mal não querem se preocupar com os dias de hoje, ignorando que mais tarde, pagarão com sangue e lágrimas, a inconsciência atual.

Também as mulheres estão separadas pelas linhas claras e intransponíveis de mentalidades diferentes. De um lado formam-se as fúteis, as despreocupadas, a quem só interessam os prazeres, as diversões, a vaidade, a vida material e sem encantos. Para estas tudo é indiferente. Só pedem liberdade bastante para se atirarem no torvelinho da vida. Patria, família, alma, são palavras que não entendem porque as borboletas nunca compreenderam o sentido elevado das cousas e das idéas.

A outra facção é formada por aquelas que sentem o perigo dos dias atuais, que se interessam pelos problemas político-sociais, que sabem as desgraças que o comunismo trará às mulheres, e que, apesar de saberem e sentirem tudo isto, permanecem paradas, sem coragem de abandonar uma vida fácil e cómoda, de romperem com inúteis preconceitos sociais e virem para o campo a lutar contra o mal e o erro.

Mas para a glória de uma época, existe a corrente daquelas que cristalizaram seus pensamentos e sentimentos em ação, que compreenderam a inutilidade dos temores e aflições estáticas, que sentiram como se fosse no seu próprio corpo e alma, os sofrimentos e desgraças da mulher russa e espanhola. Estas, são as que sacudiram o torpor do comodismo e se levantaram. Estas, as que sofrem agora as dores de todos os dramas para que amanhã possam repousar tranquilas e felizes. Estas as que não passam como sombras frias e mortas nos campos de batalha, porque lutam de espada em punho, contra os maus, na vanguarda dos bons. Estas as que romperam com uma sociedade fútil e hipócrita para lutarem pelo seu Deus e pela sua Patria. Estas, as que poderão pedir contas às fúteis e covardes. Estas, as que decidirão a vitória do Bem sobre o Mal. Estas, as que mais tarde poderão se vangloriar de terem assistido a aurora de um mundo novo. Estas são a geração de mulheres novas talhadas por um ideal claro e superior. Estas são as que engrandecerão mais o Brasil, cobrindo-o de Glórias e Virtudes.

FIGURA 28. SENHORA

Fonte: Anauê!, 1937, p. 43

Em um primeiro momento a autora aponta para uma polarização de mentalidades, em que dois perfis de mulheres são estabelecidos. O primeiro é composto por mulheres consideradas por ela como fúteis e despreocupadas que buscam apenas prazeres, diversões e vaidades. Já o segundo, seriam as mulheres que demonstrariam preocupações com os problemas político-sociais, que compreendem os perigos do comunismo. A partir dessa divisão, a militante tece crítica às mulheres que são por ela vistas como indiferentes

e tranquilas, não compreendendo a importância do resultado da batalha. Em contrapartida, dispara elogios às mulheres engajadas na luta contra o comunismo, as descrevendo como lutadoras e corajosas, que romperam com uma sociedade fútil e hipócrita, protagonistas na vanguarda do “Bem”, lutando por Deus e pela Pátria. Mais uma vez evidenciando o uso do anticomunismo como forma de manutenção dos papéis que eram esperados e postos sobre as militantes integralistas.

Na última edição em que é publicada a coluna “Senhora” é a de n.21<sup>41</sup>, a penúltima da revista Anauê!. Mais uma vez Nilza Perez salienta os perigos que o comunismo traz para o povo brasileiro.

---

<sup>41</sup> Quando se combate o comunismo incriminando-o de destruidor de família, muita gente de boa fé protesta, dizendo que não conhecemos a doutrina marxista em relação ao casamento e à família. Conhecemos a doutrina comunista e é fundamentada nela, na sua teoria e na sua prática, que prevenimos aos brasileiros das desgraças dolorosas que o Bolchevismo trataria para a nossa Pátria, se, pela nossa indiferença, aqui conseguisse dominar. Para que a família possa desempenhar o seu papel de perpetuadora da espécie e formadora de personalidades, é necessário que ela se apoie em bases sólidas como sejam, a propriedade privada, a segurança dos vínculos matrimoniais, o direito à educação dos filhos. O comunismo destrói a propriedade privada fazendo do Estado o único proprietário e atira a família às casas de cômodo onde vivem milhares de pessoas na mais revoltante e odiosa das promiscuidades. O casamento é transformado pelo bolchevismo num banal encontro de pessoas que se podem separar logo que tenham satisfeitos seus instintos animais, porque os sentimentos superiores e espirituais são preconceitos burgueses. O casamento passa a ser uma prostituição oficializada e a mulher fica sem nenhuma garantia para a sua debilidade e fraqueza porque, segundo estabelece o art. 18 do “Código sobre o matrimônio, a tutela e a família”: “O matrimônio pode ser rompido, tanto mediante um acordo mútuo dos dois esposos, como pelo desejo unilateral de um deles”. O Soviet, na sua fúria de absorção de todos os valores sociais e até da personalidade humana roubada aos pais o direito da educação das crianças para que a mulher, no expressar de Solomin “não permaneça acorrentada aos filhos e possa lutar ativamente, participando do plano de produção, da vasta vida social e política do país.” Roubando da família a base econômica, tirando do casamento e o espírito superior que possui, negando aos pais o direito à educação dos filhos, o comunismo fez da célula primeira da sociedade um aglomerado sem expressão e sem valor social. Nós combatemos esta concepção materialista da família, como combatermos a família burguesa da sociedade atual. Se a parte incontaminada da Nação não reagir contra a corrupção da sociedade moderna, nós passaremos para o comunismo lentamente, sem nenhuma luta ou protesto. A família cristã está sendo destruída na sociedade contemporânea pelos extremos a que o Capitalismo levou a propriedade. Na classe rica a família desvirtuou-se porque o excesso de riqueza corrompeu os costumes e fez com que a mulher se unisse ao homem, não por um sentimento superior, mas visando vida mais fácil e mais livre. Os filhos são mandados desde a mais tenra idade para os ‘jardins de infância’ e colégios porque os pais preocupados com negócios, as diversões, os deveres sociais não têm tempo disponível para cuidar dos herdeiros de seu nome, de sua fortuna. Nesta sociedade corrompida há aparência de família, mas no fundo, no amago o espírito familiar não tem mais acolhidas nestes meios. A par desta destruição, vemos a família do proletário se materializar, perdendo o sentido cristão que a envolvia. Aí, porque a falta de meios, os salários insuficiente, levou a mulher e as crianças para as fábricas e pôr no homem o horror pelo casamento devido à responsabilidade de chefe de um lar. Os extremos produziram o mesmo resultado. A felicidade para a nossa Pátria virá com o equilíbrio dos bens e com a volta da família ao espírito patriarcal e cristão do passado. Com a multiplicação da propriedade, o salário familiar, a melhoria das condições econômicas, a família do operário voltará a se orientar pelos princípios cristãos e com o seu exemplo, porá no caminho do Bem a grande Família Brasileira afastando assim a trágica ameaça do Comunismo. (PEREZ, 1937, p. 49)

Quando se combate o comunismo incriminando-o de destruidor da família, muita gente de boa fé protesta, dizendo que não conhecemos a doutrina marxista em relação ao casamento e à família. Conhecemos a doutrina comunista e é fundamentada nela, na sua teoria e na sua prática, que prevenimos aos brasileiros das desgraças dolorosas que o Bolchevismo traria para a nossa Pátria, si, pela nossa indiferença, aqui conseguisse dominar.

Para que a família possa desempenhar o seu papel de perpetuadora da espécie e formadora de personalidades, é necessário que ela se apoie em bases sólidas como sejam, a propriedade privada, a segurança dos vínculos matrimoniaes, o direito à educação dos filhos.

O Comunismo destrói a propriedade privada fazendo do Estado o unico proprietario e atira a família às casas de comodo onde vivem milhares de pessoas na mais revoltante e odiosa das promiscuidades.

O casamento é transformado pelo bolchevismo num banal encontro de pessoas que se podem separar logo que tenham satisfeitos seus instinctos animais, porque os sentimentos superiores e espirituaes são preconceitos burgueses. O casamento passa a ser uma prostituição officializada e a mulher fica sem nenhuma garantia para a sua debilidade e fraqueza porque, segundo estabelece o art. 18 do "Codigo sobre o matrimonio, a tutela e a família": "O matrimonio pôde ser rompido, tanto mediante um acôrdo mutuo dos dois esposos, como pelo desejo unilateral de um deles".

O Soviet, na sua furia de absorção de todos os valores sociaes e até da personalidade humana rouba aos paes o direito da educação das crianças, para que a mulher, no expressar de Solom'n "não permaneça acorrentada aos filhos e possa lutar ativamente, participando do plano de produção, da vasta vida social e politica do paiz".

Roubando da família a base economica, tirando do casamento o espirito superior que possui, negando aos paes o direito à educação dos filhos, o comunismo fez da celula primeira da sociedade um aglomerado sem expressão e sem valor social.

Nós combatemos esta concepção materialista da família, como comba emos a família burguesa da sociedade actual. Si a parte incontaminada da Nação não reagir contra a corrupção da sociedade moderna, nós passaremos para o comunismo lentamente, sem nenhuma luta ou protesto.

A família cristã está sendo destruida na sociedade contemporanea pelos extremos a que o Capitalismo levou a propriedade.

Na classe rica a família desvirtuou-se porque o excesso de riqueza corrompeu os costumes e fez com que a mulher se unisse ao homem, não por um sentimento superior, mas visando vida mais facil e mais livre. Os filhos são mandados desde a mais tenra idade para os "jardins de infancia" e collegios porque os paes preocupados com os negocios, as diversões, os deveres sociaes não têm tempo disponível para cuidar dos herdeiros de seu nome, de sua fortuna. Nesta sociedade corrompida ha apparencia de família, mas no fundo, no amago o espirito familiar não tem mais acolhida nestes meios.

A par desta destruição, vemos a família do proletario se materializar, perdendo o sentido christão que a envolvia. Ahí, porque a falta de meios, o salario insufficiente, levou a mulher e as crianças para as fabricas e pôz no homem o horror pelo casamento devido à responsabilidade de chefe de um lar.

Os extremos produziram o mesmo resultado. A felicidade para a nossa Pátria virá com o equilibrio dos bens e com a volta da família ao espirito patriarcal e cristão do passado.

Com a multiplicação da propriedade, o salario familiar, a melhoria das condições economicas, a família do operario voltará a se orientar pelos principios cristãos e com o seu exemplo, porá no caminho do Bem a grande Família Brasileira afastando assim a tragica ameaça do Comunismo.

FIGURA 29. SENHORA.

Fonte: Anauê!, 1937, p. 49.

Novamente a autora aponta para o comunismo como o causador das "desgraças dolorosas" que poderiam acontecer no Brasil e, por isso, conhecer a doutrina comunista seria fundamental para a prevenção desse mal. Ela afirma que o comunismo objetiva destruir a propriedade privada, estabilidade dos vínculos matrimoniaes e o direito à educação dos filhos. Nesse ponto, a blusa verde defende que a família é essencial para a perpetuação da espécie e a formação de personalidades e, contrário a isso, o comunismo

coloca a família em situação de promiscuidade e instabilidade. Transforma também, o casamento em um encontro banal e fomenta a falta de garantias para a mulher. Como solução para essas questões, Perez aponta para uma busca pelo equilíbrio, argumentando que a felicidade para a pátria brasileira virá como o equilíbrio dos bens e o retorno da família aos princípios cristãos e patriarcais do passado. Sugere que a multiplicação da propriedade, o salário familiar e a melhoria das condições econômicas podem direcionar a família proletária para os princípios cristãos, afastando assim a ameaça do comunismo no país.

Ainda sobre o discurso anticomunista, na edição n.11<sup>42</sup> a revista publica “OS DEZ MANDAMENTOS COMMUNISTAS”.

---

<sup>42</sup> I – ODIAR O SENHOR, VOSSO DEUS – Palavras de Perri: “Todo o nossos systema é atheu, e não póde tomar outro rumo”. Fala Lenine ao amigo Lunatschaski: “O homem que se ocupa de venerar a Deus, suja-se no proprio cuspo”. No frontespicio do Kremlin, palácio do governo soviético, está escripta a sentença: – A religião é opio para o povo. II – ALMANDIÇOAR VOSSO DEUS E SENHOR – Fala Kalinin: “Odiamos e amaldiçoamos a christandade e devemos considerar os christãos, ainda os melhores, como nossos peores inimigos. Elles prega, contrariamente aos nossos princípios, a caridade e o amor ao proximo. Nós só devemos odiar; e, pelo ódio, conseguiremos dominar o mundo. No “Le Peuple” está escripto: “Nós só devemos amaldiçoar a Deus e afastá-lo da sociedade”. III – DESPREZAR O DIA DO SENHOR – Programma da Terceira Internacional: “Abolição do domingo e instituição da semana operaria completa”. Palavras de Stalin: “As igrejas, conventos e capelas sejam destruídas e transformadas em salas de divertimento publico, cinemas e lojas”. “Escarro em tua religião e em todas as outras”, exclama o commissario Krylenko diante do jury contra D. Cieplak, arcebispo catholico da Russia. IV – DESPREZAR PAE A MÃE – “Nenhuma obediencia”, diz Malon. Palavras da Federação Feminina Comunnista de 1925: “Jamais será possível revolução enquanto existir a família e o espirito familiar. A família é uma constituição burguesa, inventada pela Igreja... é preciso aniquilal-a. Camaradas, hontem minha mãe ficou alarmada ao ver-me lendo a revista atéa “Bebosclinik”. Agora vivemos separados em casa. Nossos paes ocupavam-se em venerar as imagens dos santos e a ler livros santos; nós estão collocámos o retrato de Lenine e decorámos o “Bebosclinik”. (Carta de uma jovem russa de 16 anos, ás suas companheiras). V – MATAR – Escreve Retie: “A violência tem de ser a alavanca da revolução. Será para nós um prazer ver agonizar padres, burgueses e capitalistas. Vestidos de suas sotainas, os padres morrerão lentamente pelas ruas e sob nossas vistas. Com prazer vendemos por uma bôa garrada de vinho o nosso lugar no céu para sentir esse prazer. Que digo? Céu? Não, não o queremos. O que pedimos é o inferno e o prazer que leva até lá”. Esta mão é uma. Esta outra não é duas. Com estas duas enforco capitalistas. Agora sou pequeno ainda; Mas quando fôr grande Matarei os capitalistas. (Canção infantil no livro “Moscou desmascarado”, de José Donillet). VI – IMPUREZA – A sociedade Amigos da Infância mantem lugares secretos para iniciar a sua clientela infantil no vicio. A entrada de meninas impúberes nos hospitais de maternidade já não admira a ninguem na Russia. Palavras do camarada Kamenewa: “A união dos sexos vem a ser, na juventude, o divertimento principal, porque custa menos do que o theatro e é mais barato do que o cinema”. VII – FURTAR – Do jornal comunista belga “Voormit”: “Esfolaremos os capitalistas quanto possível, e isso não deve ser qualificado de roubo”. Palavras de Lenine: “Roubai o mais possível, porque tudo foi roubado”. VII – MENTIR – “Evitemos de ofender o povo, dizendo-lhe o que desejamos; seria falta de tática”. (De Vorvrats). IX – DESEJAR A MULHER DO PROXIMO – “Nenhum casamento; amor livre; (Lei sobre o matrimonio, 1-1-927). O comunista Schwartz, amigo de Lenine, chegou a casar-se cento e cincoenta vezes. X – PREPARA A REVOLUÇÃO UNIVESAL – A bala o burguez; não se poupe dynamite, diz Perraut. Ahi está, brasileiros, o tenebroso plano communista. Urge, portanto, a união sagrada de todos os filhos da grande Patria Christã em defesa dos direitos de Deus, da Pátria e da Familia. (LULA, 1936, p. 26)

# OS DEZ MANDAMENTOS COMMUNISTAS

FIGURA 30. OS DEZ MANDAMENTOS COMMUNISTAS

Fonte: Anauê!, 1936, p. 26.

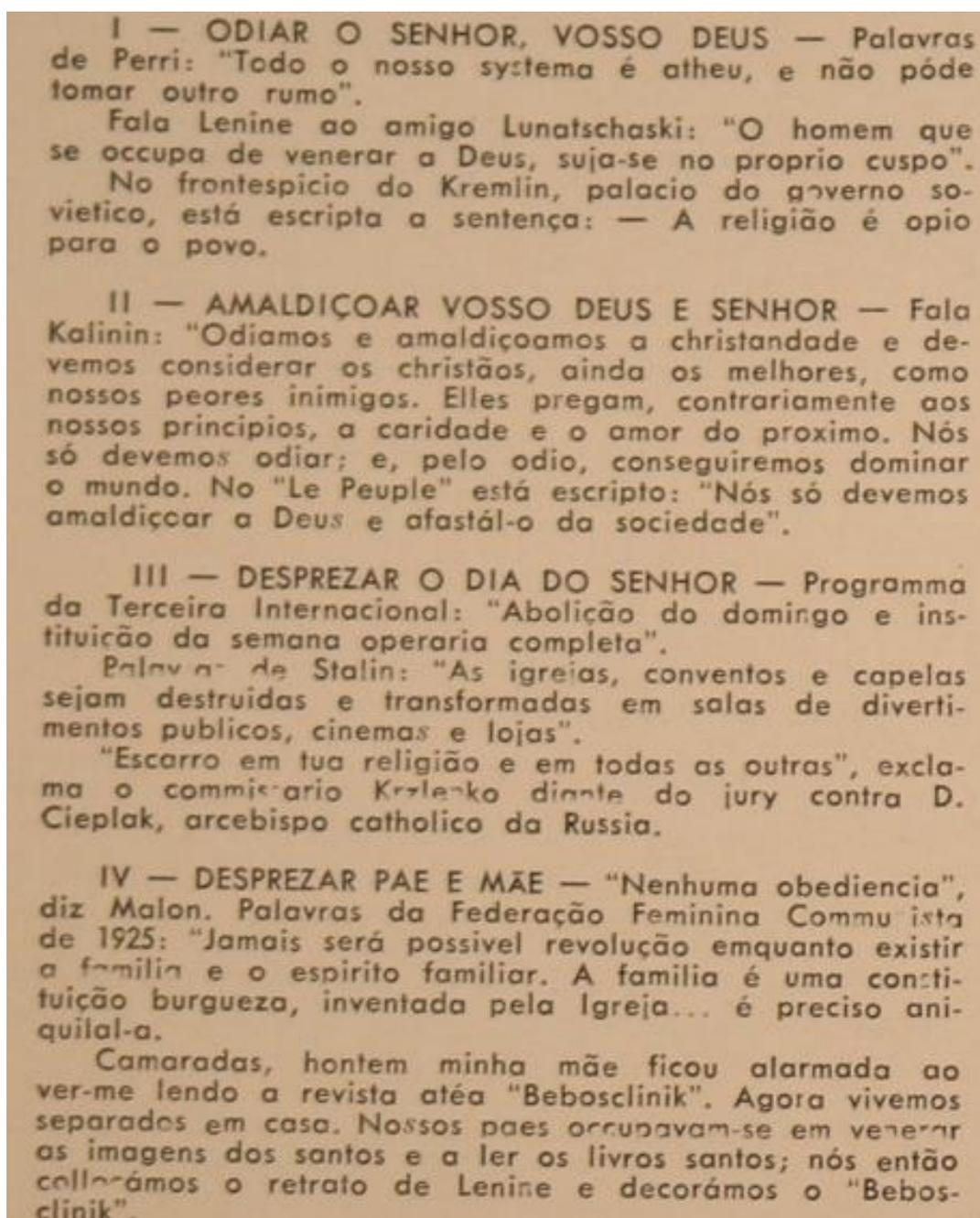


FIGURA 31. OS DEZ MANDAMENTOS COMMUNISTAS

Fonte: Anauê!, 1936, p. 26.

(Carta de uma jovem russa de 16 annos, ás suas companheiras).

V — MATAR — Escreve Retie: "A violencia tem de ser a alavanca da revolução. Será para nós um prazer ver agonizar padres, burguezes e capitalistas. Vestidos de suas sotainas, os padres morrerão lentamente pelas ruas e sob nossas vistas. Com prazer vendemos por uma boa garrafa de vinho o nosso lugar no céu para sentir esse prazer. Que digo? Céu? Não, não o queremos. O que pedimos é o inferno e o prazer que leva até lá".

Esta mão é uma.

Esta outra não é duas.

Com estas duas enforco os capitalistas.

Agora sou pequeno ainda;

Mas, quando fôr grande

Matarei os capitalistas.

(Canção infantil no livro "Moscou desmascarado", de José Dojillet).

VI — IMPUREZA — A sociedade Amigos da Infancia mantem lugares secretos para iniciar a sua clientela infantil no vicio. A entrada de meninas impuberes nos hospitaes de maternidade já não admira a ninguem na Russia.

Palavras do camarada Kamenewa: "A união dos sexos vem a ser, na juventude, o divertimento principal, porque custa menos do que o theatro e é mais barato do que o cinema".

VII — FURTAR — Do jornal communista belga "Voormit": "Esfolaremos os capitalistas quanto possivel, e isso não deve ser qualificado de roubo".

Palavras de Lenine: "Roubai o mais possivel, porque tudo foi roubado".

VIII — MENTIR — "Evitemos de ofender o povo, dizendo-lhe o que desejamos; seria falta de tactica". (De Vorvrats).

FIGURA 32. OS DEZ MANDAMENTOS COMMUNISTAS

Fonte: Anauê!, 1936, p. 26.

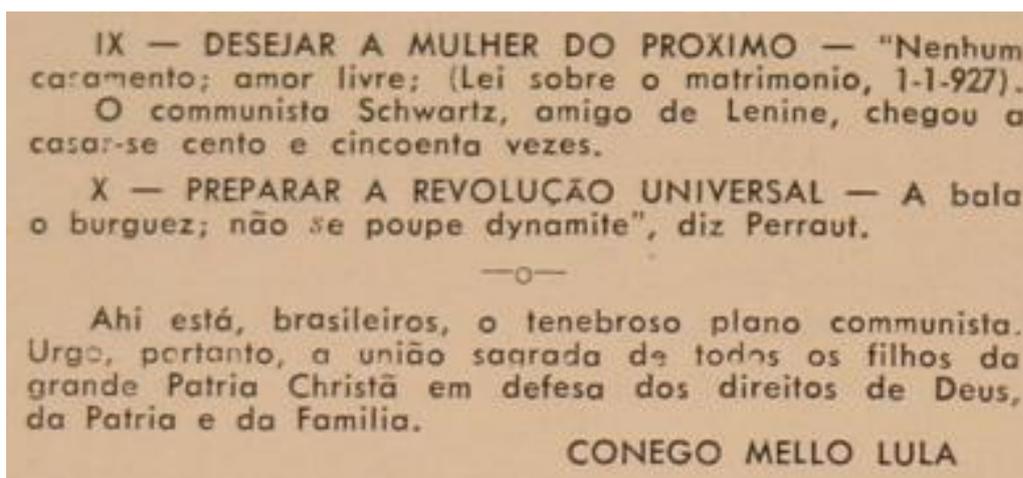


FIGURA 30: OS DEZ MANDAMENTOS COMMUNISTAS

Fonte: Anauê!, 1936, p. 26.

A partir desses “10 mandamentos” em que o autor aponta como sendo norteadores do comunismo, as principais instituições atacadas são a religiosa e familiar. Fiorucci aponta que “usar a ideologia moscovita como símbolo do mal e do perigo era algo eficaz para amearhar corações e mentes” (FIORUCCI, 2021, p. 265) além de ser um elemento fundamental nas organizações de extrema direita. O autor analisa que tais mandamentos ganharam expressão de verdade para aquelas que compartilhavam de uma visão de mundo superficial e religiosamente orientada (FIORUCCI, 2021, p. 272). Assim, ao ofender e apontar para ameaças que direcionam à divindade cristã e o núcleo familiar, o ódio e preocupação em mantê-los longe dos perigos comunistas, move os/as militantes a lutarem juntos/as pela causa.

Nesse sentido, Nilza Perez que escreve sobre as mulheres, utiliza de várias estratégias de discurso<sup>43</sup> não somente para apontar sobre como o integralismo como o “salvador” do Brasil, mas também incutir nas brasileiras o repúdio pela liberdade proveniente do “comunismo corruptor”. Em contrapartida, é interesse analisar que ao mesmo tempo em que esse discurso conservador e que perpetua ideias patriarcais é um grande marcador dos escritos de Nilza, ela também exalta figuras femininas e preza por alguns pontos de direitos das mulheres e sua necessidade de ser ouvida e qualificada.

<sup>43</sup> Nesta pesquisa o conceito de discurso é baseado em Michel Foucault enquanto um fenômeno subjetivo, social e político. Ver: FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura F. A. Sampaio. Campinas: Loyola, 1998.

Essa análise realizada sobre a coluna “Senhora” reforça os estudos de Ana Paula Vosne Martins (2017) quando a autora aponta que as práticas sociais e culturais das mulheres conservadoras “foram vistas, no máximo, como instrumentos de dominação” (MARTINS, 2017, p. 187). Além de as colocarem em situação de sinônimos e estereótipos, encontra-se ausência de estudos sobre as mulheres de elite/ conservadoras no Brasil, visto que a historiografia considerou desnecessário incluir esse grupo de mulheres em seus relatos (MARTINS, 2017, p. 189). A escrita paradoxal de Perez é reflexo da complexidade encontrada em analisar as mulheres conservadoras de forma contrária à manutenção dos estereótipos que o conceito carrega.

### 3.3 NILZAS

Nunca foi de nosso interesse, ou sequer houve algum tipo de cogitação em trabalhar com fontes orais. Surpreendentemente, na metade da pós-graduação enquanto buscávamos mais informações sobre Nair Nilza Perez, nos deparamos com um *blog*<sup>44</sup> e alguns artigos publicados por uma mulher de nome parecido. Nilza Rezende<sup>45</sup>. Nilza tinha uma mãe que havia sido integralista. Ao ler os textos publicados *online*, percebemos que se tratava da filha de Perez. Em um dos artigos, Rezende aponta que alguns documentos como correspondências da mãe, estavam guardados em uma caixa em sua casa após sua morte.

Em um primeiro momento, a ideia de poder ter acesso a documentos pessoais de Nilza Perez, pareceu-nos extremamente empolgante. Num segundo momento, questionamentos começaram a surgir. Como entrar em contato? Será que Nilza aceitaria falar comigo sobre sua mãe que fazia parte de um partido fascista? Procurando Rezende em uma rede social, encontramos seu perfil e o número do celular pessoal. Nilza Perez é escritora e oferecia no momento cursos voltados para a área da literatura e escrita. Antes de enviar algum tipo de mensagem para uma breve apresentação, decidimos observar seu perfil por algum tempo e tentar estabelecer uma boa estratégia para que obtivéssemos sucesso ao contatá-la. Passados alguns meses, apresentamo-nos e de prontidão Nilza se mostrou aberta para conversar. Sem que houvesse menção sobre a possibilidade de

---

<sup>44</sup> Disponível em: <https://www.matinaljornalismo.com.br/author/nilza-resende/>. Acesso em: 31/10/23.

<sup>45</sup> REZENDE, Nilza. Entrevista em 21 de setembro de 2021, Rio de Janeiro. Entrevistadora: Mariana Machado Manfrinatti. Acervo da autora.

analisarmos algumas fontes pessoais de Perez, disse que havia alguns documentos de sua mãe em casa e que poderia nos disponibilizar para análise, caso fosse de nosso interesse.

Após algum tempo, o encontro aconteceu no dia 21 de setembro de 2022, em sua residência localizada na cidade do Rio de Janeiro. Simpática e receptiva, Nilza Rezende autorizou que gravássemos nossa conversa para que pudesse ser utilizada para a escrita da presente pesquisa, além de auxiliar no manuseio dos documentos pessoais de sua mãe ao final da entrevista. As falas de Rezende abordam diversos aspectos de Perez, desde sua juventude, casamento, maternidade e carreira profissional como advogada.

Rezende iniciou sua fala apresentando alguns dados gerais sobre sua mãe e família:

Ela casou com 29 anos. Eu nasci quando ela tinha 40 anos e ela teve sete filhos com meu pai. Eu sou a sexta. Nós somos... éramos dois homens. O meu irmão mais velho morreu... 60 anos. Ele era advogado. Minha mãe era muito ligada a ele. E depois tem meu irmão Sergio, que é cineasta e nós, cinco mulheres (REZENDE, 2022)

Partindo abruptamente para o integralismo em si, creio que por sentir que era o que de fato mais nos interessaria, Rezende continua:

O integralismo sempre foi um assunto tabu na nossa casa. A gente não falava desse lado da minha mãe. Do integralismo. Inclusive tem uma carta. Até separei pra você ver... Que a minha mãe fala que é uma das coisas que a afasta do meu pai. Que ele sempre recorre ao integralismo e com uma veia crítica. E ele bem sabe que aquilo moveu a juventude dela (REZENDE, 2022)

Nilza não entra em detalhes sobre a forma em que seu pai encarava o passado integralista de sua mãe. No entanto, me parece que tal “veia crítica” a qual ela se refere, pode ter como causa o que Rogério Lustosa Victor (2010) aponta. De acordo com ele, à derrota dos fascismos na Segunda Guerra Mundial e a exposição dos crimes cometidos pelo nazifascismo no Tribunal de Nuremberg, implicaram significativo veto a movimento similares (VICTOR, 2010, p. 144). Nesse sentido, pode ser que o caráter fascista do integralismo fosse visto aos olhos do marido de Perez, como algo a ser julgado e usado como uma forma de “provocação” pelo seu passado. Além disso, em outro momento da entrevista, Rezende revela que quando era abordado sobre o integralismo ser um movimento fascista, sua mãe trazia um outro lado do partido.

(...) E a minha mãe, é... tinha um interesse assim, muito grande pelo Brasil, pelo artesanato. A casa da gente era carregada de coisa de artesanato (...) Ela era ligada às mulheres que faziam (...) Então, ela... Isso do Brasil... Ela sempre defende esse aspecto no integralismo. Estou me lembrando do filme, quando se fala de ser um movimento fascista, ela sempre puxa para o lado de que foi com o integralismo que ela... e, com o Plínio, que ela conheceu o Brasil, que ela estudava muito. Tem uma das cartinhas dela para o meu tio em que ela diz:

‘Tenho trabalhado muito, embora eu saiba que você não acha que isso é trabalho...’ Então, conhecer o Brasil, estudar o Brasil... Ela sempre teve muito interesse nisso (REZENDE, 2022)

Em um livro, Bertonha (2016) reúne diversos artigos sobre o Integralismo. Um dos textos destaca sobre a construção da memória com foco no acervo Plínio Salgado em Rio Claro (SP). O autor analisa que existem várias memórias integralistas e que, em particular, as memórias dos militantes remontaram acontecimentos e garantem que os integralistas não são fascistas e nunca tiveram relação com o fascismo (BERTONHA, 2016, p. 26). Através das falas de Rezende, notamos que a memória da mãe em relação à AIB era marcada pelos estudos, trabalho e viagens pelo país.

Outra vez, ela volta a dar informações pessoais sobre sua mãe:

Então, a juventude dela começa muito antes.... Ontem eu tava lendo esse livro da avó, que eu tinha dado pra ela, que eu separei pra você ver. Ela saiu de Minas com 14 anos, então ela foi muito vanguarda assim, pra vir morar no Rio, porque ela queria ser advogada. Parece que o integralismo já tinha uma base em Leopoldina, Cataguases. Porque ela comenta nas cartas que ela ouvia isso. E quando ela chega ao Rio, né, logo depois, ela se torna, muito nova ainda, militante do integralismo. Então isso pra gente, nós, filhos... Eu só fui descobrir isso, eu só descobri essa correspondência da minha mãe na pandemia (...) A minha mãe era... Pra mim, né? (...) Pra mim, eu já conheci ela muito senhora. Minhas amigas achavam que a minha mãe era minha avó. Era uma diferença de idade muito grande, então, eu tinha muito cerimônia com a minha mãe. Ela impunha isso (...) Pra mim, a minha mãe era aquela mulher de tailleur azul marinho. Advogada. Todas as pessoas reconheciam a minha mãe (REZENDE, 2022)

Interessante notar que apenas recentemente, no período da pandemia por covid-19, Nilza Rezende acessou as correspondências da mãe, revelando detalhes sobre seu engajamento na AIB, compreendendo de fato a importância dela para o movimento. Em outro momento, ao ser questionada sobre não haver a curiosidade de não ter olhado anteriormente esses documentos, responde que:

Não, porque era muita bagunça. Às vezes eu abria, via um álbum.... Agora na pandemia que eu comecei a mexer nisso, sei lá por quê. Então eu tive muita emoção de mexer nessas coisas da minha mãe, de redescobrir... é... essa força da minha mãe (REZENDE, 2022)

Rezende narra um episódio em que ambas foram em uma festa em que o show era realizado por Gilberto Gil. Ela aponta que várias pessoas chegavam à mesa para conversar, ficando impressionada como naquele momento sua mãe foi mais importante que o próprio Gilberto Gil. “Era uma coisa impressionante. Então, ela era muito reconhecida pelos pares advogados. Essa segunda vida dela é a vida dela advogada” (REZENDE, 2022). É interessante notar que ela divide a vida da própria mãe em duas, a

primeira sendo Nilza integralista e a segunda, Nilza advogada, como se uma fosse independente da outra.

Questionada sobre a forma da criação dela e de seus irmãos, ela destaca que:

Isso é curioso, né? Porque se ela foi uma mulher... libertária...por exemplo, eu acho, por uma das cartas, que ela recebia meu pai na casa dela... parece. Mas a gente viveu sob uma certa repressão, assim. Na minha casa tinha o banheiro das mulheres o banheiro dos meninos. A gente foi criada por uma prima da minha mãe, e que veio de Minas pra ajudar minha mãe a criar a gente... Porque a minha mãe, a prioridade dela era o trabalho. Ela dizia que era a família, mas, assim... o número um dela era o trabalho, era o escritório. O prazer dela estava nisso (...) Dindinha que fazia toda a parte... levar ao médico, levar à escola, dar banho, dar injeção cuidar (...) Então, eu, vejo uma contradição entre o que ela foi antes de se casar e o que depois que foi: mãe. Ela tem muita coisa dela ligada à igreja, e essa coisa de mãe do ano... A minha mãe era sempre festejada na escola como a mãe do ano, a mãe dos sete filhos e tal (REZENDE, 2022)

A própria Nilza apresenta a compreensão de certa incoerência por parte de sua mãe não somente pelos discursos que proferia na época em que militava pelo movimento e que colocavam a família em primeiro lugar. Como supracitado, na época em que Perez escrevia para a Anauê!, em seus discursos a importância de que as mulheres não se esquecessem de seu papel principal enquanto mãe, era fortemente marcado. No entanto, o que vemos na prática, é que a advogada não abdicou de sua vida profissional para viver apenas a maternidade. Aponta também pela própria vivência de ter saído de casa muito jovem para estudar e se tornar independente em um período em que as mulheres não poderiam ter tal autonomia sobre suas vidas.

Continua dizendo que:

Ela foi a primeira mulher a fazer sustentação oral no Supremo Tribunal. Ela tem a medalha. Você pega a carteira da OAB dela, é um número muito antigo. E eu acho... depois eu vi essa correspondência, que ela se tornou a grande advogada e grande oradora pela experiência dela nos comícios do integralismo. Ela conta a quantidade de comícios que ela fazia por dia, de uma cidade a outra (REZENDE, 2022)

Prossegue a fala reforçando o quanto sua mãe era culta:

Então, eu acho que ela foi vanguarda, assim, primeiro porque ela saiu de Minas pra fazer Direito. Na época, as mulheres não se interessavam. Ela era de uma família muito grande, muitos irmãos (...) Ela era muito culta, sabia inglês. Até morrer, lia todos os jornais. Então, era uma pessoa muito culta, falava francês, sabia inglês (...) Eu digo que a estrela dela era muito maior que a do meu pai, sabe? (...) Se ela estivesse aqui, ela já teria sabido teu nome, quem era você, o que você está estudando (REZENDE, 2022)

Nilza atrela o sucesso e grandeza ao profissional, mas também à personalidade. Apesar de seu pai ter sido advogado e trabalhado junto à sua mãe no escritório, Perez é quem era reconhecida nos lugares em que frequentava, que recebia prêmios e homenagens. Talvez seja nesse sentido em que Rezende afirma sobre o tamanho da “estrela” de seu pai e sua mãe.

Ao longo de nossa conversa, Nilza Rezende tece vários elogios à mãe e o quanto sua personalidade era forte e marcante e nos apresenta uma dualidade entre a imagem da mãe como advogada bem-sucedida, reconhecida e “vanguarda”, como ela mesmo coloca, e uma mãe mais conservadora e tradicional. Rezende nos apresenta algumas situações em que temia desaprovação de sua mãe como o livro que escrevera e seus divórcios. No entanto, destaca que ao passar do tempo, a ex militante se tornou mais aberta, quebrando alguns preconceitos.

Sobre a participação direta de sua mãe no integralismo, Rezende ressalta que sua mãe defendia no movimento a oportunidade que teve de conhecer e estudar o Brasil. “Então, a minha mãe não falava do integralismo. Quer dizer, por exemplo, esse filme, eu vim ver agora na pandemia. Nossa, eu quase morri quando eu vi a imagem da minha mãe, porque eu não tinha visto depois que ela morreu, entendeu?” (REZENDE, 2022). O filme a que Nilza se refere é “Soldado de Deus” (2005) de Sergio Sanz, o qual traz personalidades que participaram ativamente do movimento na época vigente. Nele, Nilza Perez é mostrada como “A mulher mais importante do integralismo”. Nesse documentário, a fala da ex militante é de gratidão aos anos em que fazia parte do movimento por todo aprendizado adquirido.

Em alguns momentos, foi possível notar que Nilza filha em sua juventude, não compreendia a figura de sua mãe e/ou não se conectava de certa forma com ela, embora ambas possuam o mesmo nome. Ao final da entrevista, ela revela que quando mais nova não gostava de dividir o mesmo nome que a mãe, questionava o motivo de tal escolha. Após algum tempo, já mais madura, revela que passou a ter orgulho de ter o mesmo nome que a mãe. “Esse foi o meu destino, continuar a minha mãe, sabe?” (REZENDE, 2022). Nilza aponta que, depois do falecimento da mãe, ela que passou a falar em eventos, assim como Perez fazia e sendo assemelhada à mãe por parte das pessoas ao redor. Mais do que “continuar”, Rezende mantém viva a imagem e memória de sua mãe escrevendo textos sobre Nilza Perez enquanto mãe e mulher.

## CONCLUSÃO

Ao longa desta pesquisa, objetivamos analisar o padrão de “ser mulher” estabelecido e construído pela AIB a partir da revista integralista *Anauê!*, bem como o pensamento do líder Plínio Salgado e os escritos de Nilza Perez. A entrevista realizada com Nilza Rezende, nos acrescentou uma perspectiva diferente e pessoal sobre a vivência de Perez não somente no que tange à sua participação no partido, mas, principalmente, sobre seus pensamentos, ações e transgressões em relação ao “ser mulher”.

No primeiro capítulo, buscamos apresentar o cenário histórico e social das mulheres na década de 1930 no Brasil. Além disso, vimos que a história das mulheres coloca sobre as conservadoras/de direita uma visão simplista e estereotipada de submissão e passividade. Levando em conta as subjetividades e pluralidade das blusas-verdes, observamos uma participação ativa, complexa e às vezes contraditória, mas que revelaram militância transgressora em certo nível, mas que é negligenciada pela historiografia. Nesse sentido, os estudos de Ana Paula Vosne Martins se mostraram imprescindíveis para a realização de nossas análises.

Tecemos críticas significantes referentes à historiografia do integralismo, visto que além de possuir grandes lacunas sobre as contribuições femininas na AIB, alguns dos poucos estudos que as contempla, perpetua uma imagem que as subestima e mais uma vez, reforçam a ideia de submissão e existência a partir da figura masculina. Ao levantar essas discussões, a pesquisa não somente questiona a escrita da história, mas também reforça a importância de perceber as mulheres como agentes ativos na história política, econômica e social.

Já no segundo capítulo, apresentamos as funções e deveres femininos a partir dos escritos e pensamentos de Plínio Salgado e sobre o padrão de mulher construído pelo integralismo nas páginas da imprensa integralista. Neste ponto, observamos que a ideologia referente ao padrão feminino é de extrema complexidade, com proibições e concessões subjetivas. Além disso, a imprensa integralista possuiu papel fundamental para a divulgação do ideal de mulher estabelecido. Tal ideal refletiu não apenas as ideologias dominantes no recorte temporal, mas serviu como instrumento de controle, delimitando que era aceitável ou não, para as blusas-verdes.

As revistas *Anauê!* e *Brasil Feminino* foram fundamentais para que explorássemos a maneira em que as mulheres eram representadas não somente pela figura masculina, mas também por elas mesmas. Como elas se percebiam dentro do partido e na sociedade.

As transgressões e rompimentos com o padrão estabelecido por parte das militantes, se mostraram constantes e com grandes significados para a (re)escrita da história.

A figura de Nilza Perez, militante a qual trouxemos destaque na pesquisa, foi imprescindível para que, com um olhar mais detalhado, pudéssemos analisar a complexidade da experiência feminina no integralismo a partir da coluna “Senhora”. Mas, mais do que isso, a partir da entrevista realizada com sua filha Nilza Rezende, pudemos observar rompimentos com o que era estabelecido, transitando entre as expectativas sociais e as suas próprias convicções e desejos.

Por fim, essa pesquisa possibilitou não somente lançar luz sobre um tema pouco explorado tanto na história das mulheres, como na historiografia sobre integralismo, mas compreender a diversidade de militância e ação das mulheres conservadoras na política brasileira. Assim, ao questionar as narrativas históricas estabelecidas, procuramos abrir possibilidades e caminhos para futuras pesquisas, que ao (re)escreverem a história das mulheres, libertem a história (COLLING; TEDESCHI, 2015, p. 300).

## REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS/ BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES

ANAUÊ! Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1935-1937, v. 1-v. 22

BRASIL FEMININO. Rio de Janeiro: Ação Integralista Brasileira, 1937, v. 35 e v. 38.

SALGADO, Plínio. **A Mulher no século XX**. São Paulo: Guanumby, 1949.

### BIBLIOGRAFIA

ALVES, Branca Moreira. A luta das sufragistas. In: ARRUDA, Angela ... [et al]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2008

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. Modernidade e cidadania reprodutiva. *Revista estudos feministas*, CIEC Escola de Comunicação UFRJ, 1993, vol. 1, n. 2, p. 382-393.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo sexo: a experiência vivida*. Trad. Sérgio Milliet – 5. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BERTONHA, João Fábio. *O Integralismo e sua história: memória, fontes, historiografia*. Ed. 2. Salvador: Editora Pontocom, 2016.

BERTONHA, João Fábio. *Plínio Salgado: Biografia Política (1895-1975)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

BERTONHA, João Fábio. *Integralismo: problemas, perspectivas e questões historiográficas*. EDUEM: Maringá; 2014.

BERTONHA, João Fábio. *Bibliografia orientativa sobre o integralismo (1932-2007)*. Jaboticabal: Funep, 2010.

BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975). *Análise Social*, vol. 46, no.198 (2011), pp. 65-87.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

- CALAVARI, Maria Rosa Feiteiro. A Educação no projeto integralista. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lúcia M. V.; CAVALARI, Rosa M. F. (Orgs.). Integralismo: novos estudos e reinterpretações. Rio Claro: Arquivo do Município, 2004.
- COLLING, Ana Maria. Gênero e História: Um diálogo possível? Editora UNIJUÍ, ano 19, n.71/72, 2004, p. 29-43.
- COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio, org. Dicionário crítico de gênero. 2. Ed. – Dourados, MS: Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019.
- COLLING, Ana Marian; TEDESCHI, Losandro Antonio. O ensino de história e os estudos de gênero na historiografia brasileira. História e Perspectivas, Uberlândia, p. 295-314, 2015.
- DE OSTOS, Natascha Stefania Carvalho. A questão feminina: importância estratégica das mulheres para a regulação da população brasileira (1930-1945). Cadernos Pagu, 2012.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. In: ARRUDA, Angela ... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lúcia M. Vianna; CAVALARI, Rosa M. F. (Orgs.). Integralismo: novos estudos e reinterpretações. Arquivos Público e Histórico do Rio Claro: Rio Claro, 2004.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: ARRUDA, Angela ... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- FIORUCCI, Rodolfo. Estratégias fascistas em revista: Anauê! (1935-37) como inovação jornalística da Ação Integralista Brasileira. 1 ed. – Curitiba: Appris, 2021.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio- 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- FREITAS, Luana Luzia Lóss de. “Hollanda Loyola, educação e educação física: reflexões pedagógicas e prescrições educacionais (1934-1944)”. Dissertação de mestrado em Educação Física: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020.

- LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina. História da imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, 149-175.
- MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. Anos 90, Porto Alegre, n. 11, jul.1999.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Caminhos para o feminismo: das relações entre movimento pelos direitos das mulheres, o humanismo liberal, a religião e a filantropia no século XIX. In: KLANOVICZ, Luciana Rosar Fomazari; MOREIRA, Rosemeri (Orgs.). Estudos de Gênero em Perspectiva. Ponta Grossa: ANPUH-PR, 2016.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. BONDADE, SUBSTANTIVO FEMININO: Esboço para uma história da benevolência e da feminilização da bondade. In: História: Questão & Debates, Curitiba, n. 59, p. 143-170, 2013.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Qual feminismo? Reflexões sobre o feminismo conservador e a escrita militante de Amélia Rodrigues (1881-1928). In: Acervo: revista do Arquivo Nacional – Vol. 33, n.2. Rio de Janeiro: O Arquivo, 2020.
- MARTINS, Ana Paula Vosne. NÃO SOMOS FEMINISTAS DE COLARINHO E GRAVATA: Modernidade e conservadorismo na trajetória biográfica de Rosy Macedo Pinheiro Lima (1914-2001). 2017
- MARTINS, Ana Paula Vosne. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MARQUES, Teresa Cristina Novaes. A regulamentação do trabalho feminino em um sistema político masculino, Brasil: 1932-1943. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 29, n. 59, p. 667-686, 2016.
- MOTA-Ribeiro, S. Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo. Comunicação apresentada ao IV Congresso Português de Sociologia, Universidade de Coimbra, 17-19 de abril 2000.
- ORTNER, Sherry. “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”. In: A mulher, a cultura e a sociedade. ROSALDO, Michelle; LAMPHERE, Louise (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PALACIO, Linaia de Vargas. BRASIL FEMININO: disputas discursivas, alianças políticas e escrita de mulheres na imprensa entre 1932 e 1937. Dissertação (mestrado) – UFSC, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, PPGH, Florianópolis, 2020.
- POSSAS, Lídia M. Vianna. O integralismo e a mulher. In: DOTTA, Renato Alencar; POSSAS, Lídia M. Vianna; CAVALARI, Rosa M. F. (Orgs.). Integralismo: novos estudos e reinterpretações. Arquivos Público e Histórico do Rio Claro: Rio Claro, 2004.

- PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* (São Paulo) [online]. 2005, v. 24, n. 1 [Acessado 4 Janeiro 2023], pp. 77-98.
- PEDRO, Joana Maria; VEIGA, Ana Maria. Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2 ed., 2019.
- PENA, Maria Valéria Junho. A REVOLUÇÃO DE 30, A FAMÍLIA E O TRABALHO FEMININO. *Cad. Pesq.*, São Paulo, vol.37, 78-83, Mai. 1981.
- RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. ARRUDA, Angela ... [et al.]; organização Heloisa Buarque de Hollanda. *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- RAGO, Margareth. A aventura de contar-se. *Feminismo, escrita de si e intenções da subjetividade*. Campinas: Ed. Unicamp, 2013 (p. 23-83).
- RAMOS, Alessandra da Silva. Por um feminismo bem comportado: educação, maternidade e trabalho nas páginas da revista *Brasil Feminino* (1932-1934). XVI Encontro Estadual de História da ANPUH-SC, 2016.
- SILVA, Carla Luciana. Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia. **Tempos Históricos**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 195–228, 2012. DOI: 10.36449/rth.v2i1.6865. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/6865>. Acesso em: 5 jul. 2023.
- SIMÕES, Renata Duarte. GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação Física e esportes na Ação Integralista Brasileira: Hollanda Loyola e a educação do corpo. IN: *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, v. 26, n. 2, p. 263-72, 2012.
- SIMÕES, Renata Duarte. A educação do corpo feminino na Ação Integralista Brasileira. IN: CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. DOTTA, Renato Alencar (Orgs.). *Dos Papéis de Plínio: Contribuições do Arquivo de Rio Claro para a historiografia brasileira*. Rio Claro: Oca Editora, 2013, p. 95- 113.
- SWAIN, Tânia Navarro. História: construção e limites da memória social. In: RAGO, Margareth; FUNARI, Pedro Paulo (Orgs.). *Subjetividades antigas e modernas*, 2008.
- TEDESCHI, Losandro Antonio. Os desafios da escrita feminina na história das mulheres. *Raído*, v. 10, n.21, Dourados MS, 2016.
- WADI, Yonissa Marmitt. História de mulheres: a problemática das fontes. *História & Ensino*, v. 3, 1997, p. 47-56.